

THEATRO

DE

46. Lopez de Almeida

A NOIVA

O DUQUE DE VIZEU

do seu grande irmão
Columbano,

Restam-me de vossa
amizade e preito de
mais sincera admira-
ção pelo seu grande
talento.

Opp.

Ho. Lopes de Mendonça

Henrique
Araújo Lopes de Mendonça

festa do Avô Vasco em 1946

THEATRO

DE

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

N.º 12

Perlenca a *M. de S. Columba*

Bordallo Pinheiro

H. Lopez de Grambow

Bibliotheca Dramatica Campos & C.º

THEATRO
DE
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A NOIVA—O DUQUE DE VIZEU



1886

Livraria PORTUGUEZA E FRANCEZA
DE CAMPOS & C.º—EDITORES
R. Rua Augusta, 53
LISBOA

A MEU PAE

Antonio Raulino Lopes de Mendonça

O meu primeiro livro

A NOIVA

DRAMA EM UM ACTO, EM VERSO

*Representada pela primeira vez no theatro
de D. Maria II
em 9 de fevereiro de 1884*

PERSONAGENS

GARCIA	Brasão
ISABEL	Companha Fátima
HELENA	Bom Dinamismo
ALBERTO	Alcornoque
JOSE, criado	Tonno
MARIANNA, criada	Enxada Cortada

A scena em Lisboa—Actualidade

N. B. Os personagens estão inseridos no principio de cada scena pela ordem da sua collocação no logar. O primeiro inscripto fornece a supposta do espectador. As mudanças de logar, no decorrer do dialogo, são indicadas no texto.

A NOIVA

DRAMA EM UM ACTO EM VERSO

Gabinete luxuoso em casa de Garcia

(Veja-se a planta da decoraçào no fim da peça.)



SCENA PRIMEIRA

MARIANNA, saindo da porta da E. e adiantando-se para José com precaução. JOSÉ, na D. M. dizendo fôres na barbotina.

MARIANNA, baixinho.

Senhor José!

Aproximando-se mais.

Seu José!

Não ouve?

JOSÉ, sem ouvir, sem se voltar.

Diga, menina!

MARIANNA.

Orz adeus! li se amolina!
Escote lá!

JOSÉ, a siwa.

Diga o que é!

MARIANNA

Um recado da senhora.

JOSÉ

Pois diga!

MARIANNA

Ainda não veio
Coisa nenhuma de fora?

JOSÉ

Até agora, não creio!
Se viesse, ia entregar.

MARIANNA

'Stá bom! 'atá bom! não se zangue!

Tchau E.

Que exaltado tem o sangue!
Não é caso p'ra ficar
C' uma cara de tyranno.

JOSÉ

Sube que mais? vá-se embora
Para onde não faça damna.
Deixo-me em paz, masadora.

MARIANNA

Ella é louca? pois tu tinha
Uma noticia fresquinha,
E agora não suberá.

JOSÉ

Que me importa!

Molando de tom, larga as pernas, vem á frente da scena.

Diga sempre!

Movimento de scena de Mariana. Supplicando.
Menina, não seja así!

MARIANNA

Vou-me embora, não supporto
Um matamoiros!

Assaz satis.

JOSÉ, atendo-a

Não vá!
Diga depressa! Estou morto
Por saber esse mysterio,
Enquanto estamos a só.

MARIANNA

Ah! está morto? felle serio
Ou batica, bicho feroz?
Pois não diga!

Fama á D. ficando a s.

JOSÉ

Que malhada!
Desperta a curiosidade
Da gente... e fico-se assim
Toda alegre!

MARIANNA

Ora poderá!
Domesticar uma fera
É tão bom!

JOSÉ

Ria de mim,
Mas conte o caso, anda, ceda.

MARIANNA

Contarei, mas voc'mecê
Ha de pagar-me, José,
Tambem na mesma moeda.

JOSÉ

Como assim!

MARIANNA

Diga a razão
Porque anda assim ha dois dias
Com essas falas sombrias
E essa grande irritação.

JOSÉ

Pois dirá, sim!

MARIANNA

Diz, promette?
Não me pregue algum falso
Porque me é fácil vingar.

JOSÉ

Fique tranqüilla, Marianna.

MARIANNA

Bem! creio que não me enganai
Vou todo o caso contar.

Just notice it all! — Com ar de segredo.

A senhora espera hoje
Que mande o senhor Alberto
O presente de noivado
A metina...

JOSÉ

Sempre é certo
O casamento?

MARIANNA

Tratado
Ha longo tempo que está.
Acaso você duvida?

JOSÉ

Tretado... mas eu sei lá
Que voltas dá esta vida?

MARIANNA

Porque razão desconfia?

JOSÉ

As razões eu digo já.
Conte primeiro.

MARIANNA

Como ia
Dizendo, a Deus laudé
Ha dias que anda mirando
Alguma magalha cruel,
Um desgato...

JOSÉ

Desde quando?

MARIANNA

Desde que fui resolvido
O commercio da minha.
Que scena, não imagina!
As queas eu tenho assistido?

JOSÉ

Diga, não me occulte nada.

MARIANNA

Á senhora é que parece
Que o commercio não agrada.
Anda sempre espoquerada,
Chora, suspira, estremece;
Como que agonia occulta
Despedaça aquelle peito.
Por fira d'afirma, exulta,
Mas eu sei...

JOSÉ

Como?

MARIANNA, acovado.

Se expreito!

JOSÉ

Ah! isto sim!

MARIANNA

Porventura
Você julga que ella dáste
Perceber sua natureza,
E mesmo que a alguém se queixe?

JOSÉ

Pois nem é filha?

MARIANNA

Podéra!
Mesmo a tão doida creança!

Podia perder a myranga
De se fazer perreber.
Além d'isso...

Hesita.

JOSE

Diga, acabe!

MARIANNA

Além d'isso, sim, quem sabe
Se não tem de se esconder
Até da filha?...

JOSE

Ora essa!
Então porque?

MARIANNA

Sei-o eu?
Mas não me quebre a cabeça
Com perguntas escusadas.
Eu conto as cousas passadas...
As razões, sabe-as o céu!

JOSE

E a filha está astúfoita?

MARIANNA

A menina, oh! essa agora
É o reverso da senhora;

Para o noivo só se enfiça,
Anda alegre e palralora,
Ditosa como um pardal.
E de jubilo só cheia,
Nem vê a tristeza alheia.

JOSE

Como assim?

MARIANNA

E tal e qual!

JOSE

Cálculo então que a menina
Adora o senhor Alberto?

MARIANNA

Na su'alma cristallina
Lê-se como um livro aberto.

JOSE

Que lêu então?

MARIANNA

Li: amor!

JOSE

Coitada! como a lamenta!

MARIANNA

Porque?

JOSÉ

Não partilha o noivo
Tão profundo sentimental!

MARIANNA

Como o sabe? Deus! que horror!

JOSÉ

Conheço indícios seguros
D'essa desgraça!

MARIANNA

Quaes são?

JOSÉ

É que em geral os futuros
Têm mais largueza de mão.
Vem d'aquí a minha zanga...

MARIANNA, *arrivando*

Já percebo!

JOSÉ

Agora mangu!
Bem vê que tenho razão!

Pois a falar a verdade
Fazer de pagem de dama,
Entregar bilhetos d'ella
Ao venturoso a quem ama,
Em corridas de gazella
Andar sempre o dia inteiro,
E enfim, ao noivo da bella
Não ver a côa ao dinheiro,
É triste!

MARIANNA

Pois sim, confesso!

JOSÉ

Bem vê que sempre mereço
Alguns coisa ganhar!
Mas qual! os doces recados
São sempre recompensados
Com maneiras... com um ar...

MARIANNA

É notavel! que tem elle?

JOSÉ

Eu sei lá!... Zanga ou despoito,
O caso é que não recebe
Com aspecto satisfeito
Os taes bilhetos, percebe?

MARIANNA

Não lhe tem amor, 'tá visto!

JOSE

Mas a resultante d'isto
Passa por mim...

MARIANNA, *entra*

Um de X!

NÃO apazha

JOSE

Que! d'alli?...
Eu avizera tamanha
Confesso que nunca vi!

ISABEL, *entra*

Marianna!

MARIANNA

É a senhora!
P. pensando a r.

JOSE

Adeus, adeus, vá-se embora,
Eu não posso ir-me d'aqui.

*Volta as costas, Marianna e a sahir, Isabel
entra E. A.*

SCENA II

ISABEL, MARIANNA, JOSÉ

ISABEL

Que está fazendo, Marianna?

Vendo José

Palrando sempre! — José,
Não veio nenhum recado?

JOSE

Inda não...

ISABEL

"Stou com cuidado!

Tocam á campsiacha fora

Vá depressa ver quem é!

Just. sac. D. B.

SCENA III

ISABEL e MARIANNA, *arrumando os jornaes e
livros que estão sobre a meza ao centro.*

ISABEL, *aparte*

Ha de ser ella de certo,

A coheille que o Alberto
Manda á noiva!

Com um suspiro.

Quanta dôr!
Sinto no peito um conflicto
Horrible! — Que amor maldito!
Que noivado aterrador!

Fazendo que Marianna a oida de costado.

Cuidado! silencio! agora,
Mais que nunca, urge esconder
Minhas angustias...

MARIANNA, olhando para a porta D. B.

Senhora,

Vem o José.

*Aparto, vendo José entrar com a coheille
pela D. B.*

Ah! vou ver!

*José entra a 2, e ella deixo, por detrás da
mesa, a 1.*

SCENA IV

ISABEL, JOSÉ, MARIANNA

JOSÉ

Trouxe isto agora o criado
Do senhor Alberto.

ISABEL

Bem!

Posha ahí sobre essa mesa!

*José obedece. Marianna aproxima-se da mesa
a 1.*

Pôde sair!

José deixo a 2 para sair D. B.

MARIANNA, olhando, esconchando

Que riqueza!

ISABEL

Marianna, vá-se tambem.

MARIANNA, suspirando, aparto

Que pena!

ISABEL deitando-a

Diga á menina
Que a chamo!

A José, que vai a saber D. B.

E você José
Diga ao senhor que o espero.

MARIANNA, aparto, sahendo E. A.

É que não posso dar fi!

SCENA V

ISABEL, só

ISABEL, pensativa

Que agonia que me opprime!
 Não rebentex, coração!
 Minha filha!... do meu crime
 Também cã não se exime
 A tremenda punição!
 É mister que eu despedace
 O remorso no meu peito...

Com amargura

Devo ter bem satisfeito
 O ambiente, e a tez loaçã!
 Dentro em mim, chamma do inferno,
 E no rosto o paraizo!
 Actúa, prepara o sorriso...

Torna-se ao pouco a D. Apollonia Helena a porta da E.

SCENA VI

HELENA e ISABEL

ISABEL, ao ver Helena

Q'rida filha!

HELENA

Adeus, mamã!

Beija-a

Mandou-me chamar tã cedo!
 Ah! já sei! temos segredo!
 Temos surpresa!

Vê a surdella. Batte as palmas com alegria infantil.

Aqui está!

Vai á mesa, contra.

ISABEL, seguindo-a

Cresça!

HELENA, imitando a filha

Como é bomto!
 Que aroma tã exquisito,
 Mas tã bom!

ISABEL, chorando

É rívida.

HELENA

Bem! não fiquemos no chãro!
 Vejamos o resto agora!
 Rendas, ficas, um chuveiro
 De franja, um verdadeiro
 Diluvio de cachemires!
 Pois vou fazer seductora
 Com isto tudo!

ISABEL

De certo!

Ficavas um guarda-roupa!

HELENA

"Señ zombando! Nunca poupa
A sua filha!

ISABEL

Pois se és
Cresça!

HELENA

Com esta agora
É já a segunda vez!
Não gosto d'essas maneiras!
Cresça!... isso é p'r'as solteiras!
Ea vou ser uma senhora!

ISABEL

Pois não te chamo cresça,
Mas louquinha!

HELENA

E tem a esperança
Que ainda lhe perdóares!

*Isabel desce à 1.ª e vai anunciar ao noivo, frente
para o publico. Heleena prossegue, mettendo
as mãos nos olhos.*

O que importa sobre tudo
É ver as minhas riquezas!
Um estojo de veludo!
Isto é presente de rei!

Só brilhantes e turquesas!

Desce, a Isabel.

Veja, mamã que adereço!
Um verdadeiro thesouro!
Pois tanta coisa mereço?

ISABEL, *aparte*

Coitada!

HELENA, *pondo os braços e o afagador*

Com todo este ouro
Diga, que tal lhe parece?

SCENA VII

ISABEL, GARCIA, HELENA

GARCIA, *avanzando á porta da E. F. de última
palavras de Helena*

Encantadora!

HELENA

O papá!

Sobe.

Bons dias! Como estou rica,
Meu querido papá, veja lá!

GARCIA, *sejando-a*

Que bom que tudo te fica,
Minha bella!

HELENA

Lisongeiro,
É p'ra ficar convencido
Que o Alberto... o meu marido...
Tam gosto!

Falta á meza.

GARCIA

Gosta de ti,
Não admira!

Faltando-se.

Minha esposa,
Stás ahí silenciosa!
Eu quasi que não te vi!

ISABEL

Bom marido...

Estendo-lhe a mão

GARCIA, *sejando-a*

Porventura
Algum desgosto, Isabel,
Póde encher-te de amargura
N'este dia?

ISABEL, *vestida*

Que loucura!
*Levanta-se. Garcia está junto de Helena.
Agora.*

Sem saber, como é cruel!

HELENA

Então eu consentiria,
Em meio á minha alegria,
Algum pezar?

GARCIA

Deixa ver
Os brânco! Como são bello!

HELENA

Ohe o que vem a apparecer!
Veja que lindo diadema!

GARCIA, *passo-lhe a sa cobrta*

Fica bem nos teus cabellos!
Ea rainha!

HELENA

Sim? pois tremo
Dos meus caprichos agora.

GARCIA

Isso é li com teu marido!

HELENA

Ha de vér que eu sou senhora!

GARCIA

Ora esta! embevecido
Aqui fico a olhar p'r'a filha,
Tendo tanto que fazer.

Deix a J.

ISABEL

Vaes sair?

GARCIA

Vou, sim!

HELENA

Que pena!
Pois vou-me tambem!

GARCIA

Helena,
Onde vaes?

HELENA, *vindo junto d'elle*

Espoirreco
As saudades... e a zangueinha
Que me faz a sua ausencia!

ISABEL

Onde?

HELENA

Ao meu tocador!
Aos espelhos vou-me expôr
Com toda a minha opulencia.

*Isabel fura a' sua tinteira, que está sobre o mesal
d' E.*

GARCIA

Sempre estás de uma vaidade!

HELENA

Então que quer? É preciso
Que ao senhor meu noivo agrade?

ISABEL, *aparte*

Santo Deus!

GARCIA

Isso é verdade!
Mas és já tão bella assim?

ISABEL, *a José que estava D. E.*

José, leva essa *cofeteille*
Ao tocador da menina.

*José abalua, retirando a cofeteille por detrás da
saya, e sahindo E. A.*

GARCIA, *indo*

Ter julgo.—Até já.

*Sabe-se de sua péla E. A. Heine com mais honra
refuzo.*

SCENA VIII

GARCIA, *se, segue-se de sua com um olhar de satisfação paternal.*

Sorri-te, filha, a esperança de ventura!
Fulge em teus olhos seductora luz!
Que nunca, nunca, na tua alma puzo,
Murchem as rosas que o amor produz!

O mundo é bello, sim! quanto fulgura
O amor que nos atrae e nos seduz;
Porém a quanta dor, quanta amargura
Esse illusorio instante nos conduz!

Creio seguro, ó filha estremecida,
Que o consorte a quem vares sagrar a vida
Te livrará das syrtis d'esse mar!

Mas no meio das glorias do noivado,
Volve os limpidos olhos ao passado,
Ah! não te esqueças do paterno lar!

*Fica no momento pensativo - Saída de sua no-
doação.*

E vai-se fazendo tarde,
E tembo o escriptorio aberto
A minha espera!

*Vai a saber pela D. B. e reconhecê-se com Alberto
que entra.*

SCENA IX

GARCIA e ALBERTO

GARCIA

Oh! Alberto!

Estimo ver-te por cá!

ALBERTO

Senhor Garcia!

GARCIA

A pequena

A ver as joias está,
Tão contente!

ALBERTO

Q'rida Helena!

GARCIA

A corvêlle é deilumbante!

ALBERTO

Ora isso!

GARCIA

Extravagante!

Vares habitual-a mal!

ALBERTO

Não, deixei tudo é bem pouco
Para a fazer venturosa!

GARCIA

Tens razão como ella gostei!
Foi um presente real!

ALBERTO

Não posso olvidar ao menos,
Garcia, o quanto lhe devo!

GARCIA

Ora!...

ALBERTO

A Helena em dote levo
A gratidão... e o amor!

GARCIA

Muito amor, não é verdade?
Ella merece-o! Não mente!
Nunca alma mais innocente
Amou com mais tenro ardor!

*Mudando de tom: puzendo a D., a E., e tomando
a chapéu que está sobre a fustada no D. B.*

E aqui estou eu, tapavel!
A cantar epithalamos,
Tendo tanto que fazer!

Quem quizer Pindaros, chamo-os!

Voltando a Alberto.

Helena está alli!

Designa E. A.

Vae vel-a!

Eu por mim, vou ao trabalho

Em segredo.

P'ra tratar de a enriquecer!

E adeus, Alberto!

ALBERTO

Aié logo!

GARCIA, *indo*

Saudo tua mulher!

Sae D. B.

SCENA X

ALBERTO, *só*

*Fica pensativo e triste. Pequena pausa, durante a qual
vae pôr o chapéu sobre a mesa, entro.*

Sim, pobre pae! prosegue a tua eterna lida!
No insano labutar consume a tua vida!
E, quando enfim chegar o dia do salario,
Terás por premio a dor, por throno um vil Calvario,
Feito de infamia e lodo, o teu opprobrio enfim!

*Solucio—Dance e accenta-se no danc, frente ao publico,
prosequendo depois.*

E confia-me a filha, a mim, Senhor, a mim!
 A mim que o desonrei, a mim, o sclerado
 Que enchi de luto e horror seu lar abençoado!
 Que a honra lhe matei, e agora emfim me apresto
 A sonda a percorrer do adúltero ao incesto!
 O incesto! — E não poder fugir a esta ideia
 Que a mente me assoberta, e que de veia em veia
 Me faz correr veloz o sangue que me abata!

Levanta-se.

Pois não é qual incesto! Aqui, na mesma casa,
 Eu tive amante — a mãe! vou ter esposa — a filha!
 E hei de o braço estender, escusa mameinha,
 Sobre essa fronte casta a quem, *coisa* madonha!
 Fiz da face materna um crivo de vergonha!
 E assim, n'esta dobrez de um haidondo amor,
 Duas vezes cuspir nas cãs de um benfeitor!
 Que enorme crime o meu! e que fatalidade!

Toma um pouco d'água.

N'aquella triste noite em que eu, saltando a grade
 Do jardim, deparei eu' riuão de Garcia,
 Jágori o inferno um céu, no pé d'essa agonia!
 E quando egreja a voz, de cólera tremente,
 Uma ideia occorreu, atroz, á minha mente:
 Sacrificar a filha em holocausto á mãe!

*Com elle profundissima, amarelado para a porta da
 esquerda de Helena.*

E amava-me tu já, soubo-o depois tambem,
 Ó virgem de terror! ó candida açucena!
 E mal podia eu crer que essa tu'alma, Helena,
 Se viesse atrozar, doorada voadora,
 Nesta chamma infernal que á alma me devora.

Com desolado, dirigindo-se para a direita.

E agora, que remedio!... Hei de a vida afogar

N'este vil tremedal, n'este lobrego mar
 De crime e de traição, remorso e hypocrisia;
 E não tenho o valor de procurar um dia,
 Para infundir no corpo a interna corrupção,
 A sonda de um punhal direito ao coração!

*Com passivo e acaloradado sobre o diuin, talo que se
 frente para a scena, com as costas voltadas para a E.*

SCENA XI

ALBERTO e ISABEL.

ISABEL, entrando E. A. chega ao pé de Alberto olhando em volta
 do st.

Alberto!

ALBERTO, como que despertado, levanta-se.

Tu... a senhora!

ISABEL.

Sim, sou eu, que venho agora
 Dizer-te um ultimo adeus!

ALBERTO, frissonando.

Bem!

ISABEL.

Dizer-te que o martyrio

Que na minh'alma se encurra
 Não tem equal sobre a terra,
 Zomba da fúria dos ceus!

ALBERTO, como antes.

Que me importa?

ISABEL.

Como? Alberto!
 Que te importa, inda o perguntas!
 Pois não têm sofrido juntas
 As nossas almas?

ALBERTO, ironico.

Perdi-o!
 Uge esquecer o passado!
 Um crime lava outro crime!
 A nova infamia redime
 A passada infamia!
Faz a D. a.

ISABEL, com ironia.

Não!
 Não zombes! Essa ironia
 Redobra a nossa agonia,
 Como um rio de Sathanas!
 Pois dize! Não te fatiga
 A constante hypocrisia
 A que o mundo nos obriga,
 Sem nos dar em troco a paz?
 Alberto, deixa que ao menos
 Goze o amargo lenitivo

Que ao supplicio redilivo
 Este momento nos traze?
 Arranquemos nossas mascarats
 De fingimento cruel!
 E pela vez dovidelira
 Fallemos, por Deus t'o peço,
 Deste amor que tem por preço
 Um crime horrendo...

ALBERTO, irrealizado.

Isabel! Isabel!
 Isabel! Não me recordes,
 Por Deus! esse amor funesto,
 Que, como hediondo mysterio,
 Tem por inicio o adultério
 E por desmaite... o incesto!

Lebe na direção da janela D. A.

ISABEL, com um grito abafado, deixando a porta.

Ah!...

No seu lugar, sem se voltar para elle.

Não aggraves, Alberto,
 O meu tormento... bem vês
 Que buscas n'um desacerto
 Não sei que atroc penitencia,
 Um cilício de demencia
 Ou do romoso a embriaguez!

ALBERTO, deixando a com acentuação.

Pois não é incesto acaso
 Aquella pomba impoluita
 Estender a mão corrupta
 Do teu halito fatal?

Deixar que ao meu tope labio
 Possa unir o labio casto,
 E sinto n'elle inda o rasto
 Do adulterio maternal?

ISABEL, *com desamparo.*

Não prossigas!...

Em voz baixa e frouxada.

Não presentes,
 No ciúme, nova tortura...

ALBERTO, *indignado.*

Ah! vil... vil... e desditosa!...

ISABEL

Alberto!

ALBERTO

Mulher impura,
 Já não é crime!... E loucura
 Essa paixão tenebrosa!

Abre e sai levando o chapéu á mão, encolado.

ISABEL

Hei de esgotar 'de lá fizes
 Este cálix de peçonha!
 Foi meu drama de vergonha
 E esta a mais triste scena!
 Alberto! Alberto! é verdade!
 Mas Deus! tem de mim piedade!
Chorando.

Tenho ciúmes de Helena,
 De minha filha!...

ALBERTO, *Arrochado.*

Que infâmia!

Voz fria e acastida.

Basta!... Acabemos com isto!
 Não sei como inda resisto
 A dita de enlouquecer!
 Isabel! toma essas cartas...
 Deliberei entregar-t'as...
 Não posso tê-las na casa
 Que habita minha mulher!

ISABEL

Cruel!... que vês que me aborras
 Mais inda o fogo no peito!...

ALBERTO

Basta!... Já 'steu satisfeito
 De tortura e de ignomina.
 Deixa que eu respire, ao menos
 Um instante, um ar mais puro,
 E que, n'uns olhos serenos,
 Vêja a luz do meu futuro!
 Toma as cartas!...

ISABEL

Dá-m'as, sim!

Arrocha um maço de cartas das mãos de Alberto.

Que o calor d'ellas podia
 Atrancar d'ess'alma fria

A piedade, o dó por mim!
 Não quero! não quero! ouvíste?
 Quero que, sózinho e triste,
 Sofras angustias de amor,
 Como eu soffro!

ALBERTO

Ainda ao preço,
 Miseravell da voutura
 D'aquelle seio de ternura
 A quem d'este o ser?

ISABEL

Que horror!
 Não sei que digo... enlouqueço...
 Adulterio... amor materno...
 Das angustias d'este inferno
 Não me errarei jamais!

HELENA, *foza E. A.*

Maman! maman!

ISABEL

Meu Deus! effai!

ALBERTO

Agora não possa vel-a
 Não tenho força!

Ex D. B.

*Isabel mette precipitadamente as cartas no seo,
 deixando cahir uma no chão, junto ao deuso.*

SCENA XII

ISABEL e HELENA

HELENA, *entrando pela E. A., segurando*

É demais!
 Deixa-se ficar á gente,
 Sem nos dizerem sómente:
 O teu futuro está cá!
 Se não fosse a Marianna
 Que m'o disse, estava ainda
 Sem saber da sua vinda.
Procurando com a vista.
 Bonito! — Mas onde está?

ISABEL

Foi dar um gyro, creança!
 Não te fuge assim, descança!

HELENA

Não é falta de vontade
 Da mamãe! ...

ISABEL

Helena, então!

Aperta.

Que innocente cruzada!

HELENA

Parece que nem me dó

Licença para fallar-lhe!

ISABEL

Não estejas zangada, q'rida!
E provavel que não tarde,
Ou que no jardim te aguarde,
Porque te julga entretida
Na toilette!

HELENA

São desculpas!
Mas enfim, tenho paciência
E perdoades!

ISABEL

Que clemencia!
E voo-te agora deixar
Sóinha c'os teus arruados!

HELENA, *assomada*.

Passam depressa!

ISABEL

Bem vejo:

Vendo-lhe a toilette.
S'ás formosa! Dá-me um beijo!
Voo-me tambem ataviar!

Sae E. A.

SCENA XIII

HELENA, *st.*

Com que, o senhor meu noivo
Deita a fugir p'ra o jardim!
Isto é cousa de janim,
De rosa, jacintho ou goivo
Que acha preferivels a mim!
Muito bem! Mas não importa
Que não as ha de perder!
S'ou quasi a fechar-lhe a porta,
Por que não possa voiver!
Onde estará?

Vae a janella D. A. e voltar para a janella.

Não o vejo!
— Agora, sim! lá está c'í
Ao pé do caramanchel.
Passais tão pensativo...
Agitado... tão sombrio...
Das maguaa qual o motivo?

Soada.

A não ser que tenha friol!
Pois então não querem ver?
Fugiu pela rua abaixo,
Sempre, sempre cubistaixo...
Que moço o ponde morder!
Vou chamal-o!

Abre a janella. Para fora.

Alberto! Alberto!

Volta para dentro.

Não vem! não ouve decerto!
Pois vou mandal-o chamar!

A porta de E. A.

Marianna!

SCENA XIV

MARIANNA e HELENA

MARIANNA, entrando E. A.

Prompto, menina!

HELENA, apuro.

Credo! esta gente imagina
Que em menina hei de ficar!

Entram.

Vae ao jardim, mas depressa...
Dizer ao senhor meu noivo
Que ao menos se não esqueça
Que estou farta de esperar.

MARIANNA

Sim, menina!

Passa a e para ser pte D. B.

HELENA, apuro.

Ora que seica!

Atto.

Não sabes que já larguei
De ha muito a minha botcha?

MARIANNA, sorrindo.

Ha quinze dias, bem así!

HELENA

Só quinze dias?...

MARIANNA

Sómente!

HELENA

Stás zombando certamente!
No tempo fizes-me um furto!

MARIANNA

Não fujo!

HELENA

Seguramente!
Fez dous mezes!

MARIANNA

Nestes tempo
Usava o vestido curto!

HELENA

Deixal-o! deixal-o! embora!
Agora sou já senhora,
E assim quero ser tratada!

MARIANNA

Mas...

HELENA

Não sejas confusa!
—Senhora— me faz de chamar!

MARIANNA

Minha senhora...

HELENA

Bem!

Faz-lhe signal para saber.

MARIANNA

Como
Vossa Excellencia ordenar!
São peço D. B.

SCENA XV

HELENA, so.

Ora é celebre mania!
As creadas, hoje em dia,
Ninguém as pôde soffrer.
Para ser dona de casa,
Como eu vou ser, é preciso
Ter prudencia e ter juizo,
Visto que ha d'elles mister.

Vae á janella.

Lá vae ella, a Marianna!
Coitada! vae a correr!
Lá vae! lá vae! já está perto...
Falla agora com Alberto...
Lá volta elle para traz!

Dissendo.

Compre que d'aqui me tire,
Não quero que elle me veja!
É de creer que humilde esteja!
Vamos a ver o que faz!
Eu é que preciso agora
Procurar negra vingança!

Dissendo.

Que ha de ser?... A nada alcança
A minha imaginação!
Vou despertar-lhe ciumes!
Mas como?

Com muita alegria.

É simples!

Procura em volta e aponta a carta que cabia a Julia.

Julia!

Que elle me encontre é preciso!
Com esta carta na mão.

Anuncia-se ao dios, frente ao publico.

SCENA XVI

HELENA e ALBERTO

Helena está algum tempo com a carta na mão, olhando de reves para a porta da D. R. até que entra Alberto. Então joga-se embevecida na leitura do papel, dando toda a sua atenção ao efeito da estratagemma. Alberto traz um bouquet na mão.

ALBERTO

Bom dia, Helena!

HELENA, *fugiu atropelada, esconde a carta.*

Alberto!

Muito bom dia!

ALBERTO, *em reparar nos movimentos de Helena.*

Estava

A vêr se a Helena acabava
A sua toilette! Enfin!
Foi bem empregado o tempo
Para a Helena... e para mim!
Ganhou, que ficou ainda
Se possível é, mais linda!
Eu... passei no jardim,
O que é já bom, e além d'isso
Tenho outro novo prazer!
Contemplo agora mais bella,
Mais encantadora, aquella
Que vos ser minha mulher.

HELENA, *surrida*

Lisonjeiro!

Aparté—Com trianço.

Nem ao menos
Reparou no meu enleio!

Molde deparcamente na carta para de repente a atenção.

Desculpas!... Porque não veio
Esperar-me antes aqui!

ALBERTO

Sei zangada?

HELENA

Zangadíssima!

ALBERTO

Pois vou-me embora!

HELENA

Essa é boa!

ALBERTO

Então veja se perdôa,
Que tenho medo de si!

HELENA

Veremos!

ALBERTO

Dá-me uma esperança!
Quem espera sempre alcança...

HELENA

Alcança o que?

ALBERTO

O perdão!

HELENA

Trabalhe para merecê-lo!

ALBERTO

Pois já estou mais satisfeito!

HELENA, *apuro.*

O ardil não produz efeito!
Oh! que falta de atenção!

Sempre com as mesmas manobretas.

ALBERTO

Ha muito esp'rava!

Assenta-se ao lado d'elle.

HELENA

Ha immenso

Tempo.

ALBERTO

Sim?

HELENA

Segundo penso,
Par'ceu-lhe menos.

ALBERTO

Talvez!

Apresenta o buquet.
Andei colhendo estas flores
Para lhe dar!

HELENA, *recebendo-o.*

Obrigada!
E estava tão irritada
Que até me fiz descortez!

ALBERTO

Como assim?

HELENA

Pois esqueci-me
De agradecer as riquezas...

ALBERTO

Não me falle...

HELENA

É quasi um crime
Fazer tão loucas despezas.

ALBERTO

Não diga tal!

HELENA

Digo, sim!
É mister sermos poupados...

Com angústia.

Por causa da descendência!

ALBERTO, *arrivado*

Isso é que é ter providência!

Levanta-se.

Tanto não me lembra, a mim!

HELENA

Para que saiba!

*Alberto vai pôr o chapéu sobre a mesa.
Aparte, sempre com o papel.*

Ora esta!

Vejam que louca indiferença!
Não sei mesmo em que elle pensa!
Suppunha sei-o feroz
Como um tigre, ciumento
Como um Othello... mas nada,
Não!... que despoitamento!

Não me ama... não... é atroz!
'Stou mesmo, mesmo damnada!

ALBERTO

Vejo-a assim... tão distrahida!

HELENA, *Aparte—Sigue.*

Graças a Deus!

ALBERTO

Entretida
A ver não sei que papel!

HELENA, *aparte.*

Era tempo!

Alto—Fingendo-se embriada.

Puro engano!

ALBERTO

Se quer lê-o, vou-me embora!

HELENA, *Aparte—Despoitada, levantando-se.*

Não querem ver esta agora!

Alto—Com Angústia.

Que impaciência cruel!
O senhor não tem ciume?

ALBERTO

Cresça! acaso presume

Que eu possesse, ego e louco,
 Trazer os zelos aqui,
 E respeitá-la tão pouco
 Que duvidasse de si!
 Não creia n'isso, não creia!
 A minh'alma está só cheia
 De sincera confiança...

HELENA

Mas não decerto de amor!

ALBERTO

Não tenha zelos, criança!

HELENA

Quem ama nunca desconfia,
 Li não sei bem em que autor.

ALBERTO, *aparte*.

Percebo! que me zeloso,
 Pois façamos-lhe a vontade!

Alto.

Em todo o caso, Helena, há de
 Dizer o que é na verdade
 O papel mysterioso.

HELENA, *aparte*.

Agora morde no anel!

Alto.

Não é nada...

ALBERTO

Mas decerto
 Que o posso ver.

HELENA, *surpreso*.

Não, Alberto!
 Tenho vergonha... E um rol!

ALBERTO

Eu bem vejo que o fêz
 E de carta... Deixe ver!...

HELENA

Senhor meu noivo, cuidado!
 Não se faça confiado
 Nem mandio!...

ALBERTO

Pois deixe ler!

HELENA

Passa à D. e S.

Meu por isso não quero!
 Não faça rosto severo,
 Não ganhe nada de mim!

ALBERTO

Deixe vêr!

HELENA

Que desespero!
Não deixo! não deixo!

ALBERTO

Ah! sim!
Pois vou ficar mal consigo!

HELENA

Inda bem!

ALBERTO

Sempre!

HELENA

Melhor!

ALBERTO

Há de ter justo castigo,
Por não me dar pelo menos
Ligeira prova de amor!
Dê-me o papel...

HELENA

Já lhe disse!
Não dou!

ALBERTO

Não dá?

HELENA, gritando

Não! não! não!

*Passa á E. a r.
Garcia apparece á porta D. B.*

SCENA XVII

HELENA, ALBERTO, GARCIA.

GARCIA

Que é isso? Temos arrufo?
Chogo em bem má occasião!

*Sube e põe o chapéo sobre a mesa e tira as luvas,
que deita para dentro d'elle.*

HELENA

O papel!...

Desatando a cor.

Pois não foi nada!
Vinguel-me já!...

Á Alberto.

Surriada!
Era uma carta encontrada
Por mim, ha prova, no chão!

ALBERTO, surriado.

Maldona!....

HELENA

Para que saiba!
 Não mais na sua alma caiba
 O ciúme, percebeu?

GARCIA, *dece a z.*

Percebo agora o problema!...

ALBERTO

Mystificado... só eu!

GARCIA

Foi sómente...

HELENA

Estratagemas!
 E se quer verificar!...
Aprenta a carta a Garcia.

GARCIA

Sempre é bom, para que o noivo
 De tudo afinal se esqueça
 E não duvide...

ALBERTO

Ora essa!

GARCIA

Portanto vão-me escutar,

Pega na carta.

Vou ler a carta... Sentido!

HELENA

Ouça lá, seu ciumento!

ALBERTO

Quero ouvir, que lnda duvido!

HELENA

Duvida?... pois cobre alento!

GARCIA

Calada!... dispense o céreo!

Lz.

«Querido...»

Evita.

O que! esta é melhor!
 Temos carta de namoro!

HELENA, *estado.*

Ha de ser da Marianna!...

GARCIA

Se do criado não for!

Em todo o caso, é completo
O entremes... Indiscreto
Há de ser até ao fim!

Id.

«Commetheu-se o sacrifício!»

ALBERTO, *aparte - perturbado.*

Que suspeita!

GARCIA, *indo.*

«Não moreço...»

Reúde.

Que demónio! .. eu... eu conheço
A letra!

ALBERTO, *aparte - atterido.*

A carta! si de mim!

Alto a Garcia, tentando arrancar-lhe a carta.
Não leia mais!

GARCIA, *surprehendido.*

Que não leia!

Comigo, arrevido.

Perecho! é sua! recção
Ante ella uma indacrição!

Baixo a Alberto.

Descansa, não tenhas medo!
O nome fica em segredo,
Que o não leia!

HELENA

Mas então
Que quer dizer isto?

GARCIA, *entrando.*

O Alberto...

ALBERTO *á parte, agitado.*

Que tormento!

GARCIA

Diz que a carta...
Que eu não posso... recitar-t'a...

ALBERTO, *forçando por arrancar a carta a Garcia que a esconde.*

Exacto! exacto!

HELENA

E porque?

GARCIA

Porque... sim! porque é possível
Ter algum termo...

ALBERTO, *mostrando a carta.*

Sim! dá-m'a!

HELENA

Não dou conta do problema!
O papá, veja se lê!

GARCIA

Pois vá lê!
Batem a Alberto.
Não há remédio!

ALBERTO, *agitadíssimo, com um leve tom de violência.*

Dê-me a carta...

GARCIA, *batem, impaciente.*

Homem, descanse!

HELENA

Então! comece.

ALBERTO, *à parte com angústia.*

Que transe!

GARCIA, *lento.*

«Não me...»

ALBERTO, *sem força.*

Não leia!

HELENA, *passando a z e ficando Alberto.*

Porque?
Que tema a sua!

GARCIA, *muito surprehendido.*

É verdade!

HELENA

Faz-me já desconfiar!

GARCIA, *aparte.*

Começa-se a despertar
A minha curiosidade!

Alto.

Hei de lê-la, tem paciência,
Mas grato a tua insistência...

ALBERTO, *aparte, arreado.*

'Stou perdido!

D'ahi por diante dá sinais de mais profundo abatimento.

GARCIA

Vamos ler.

Aparte, abrindo a carta.

E nem sei de que suspeito!

Lê.

«Não mereço nem respeito,

«Nem a piedade, sequer!

«Por ti...»

Mais baixo, olhando para Alberto.

Alberto...

Abs.

Perdi-me!

«E minha filha...»

HELENA, atemorizada.

O que?

GARCIA, atrevido.

Filha!

Lê toda vez mais agitado.

«A desditosa partilha

«A punição do meu crime!»

Resoa.

Do meu crime!

Prostiga a cabeça com voz estrepitosa.

«Pobre vítima...

«Du noivo... infame... adúlterio!...

«Que ella ignore... sempre o mysterio.

«Execrando...»

HELENA, *per tem agitado
com agitação crescente á voz alta.*

Que papel

É esse?

GARCIA, empalhafando.

Não sei... nem posso...

Fogo-me a vista...

Com violência.

Mas quero,
Quero ver... Que descepero!

Volta apressadamente a ficha da carta.

A assignatura!

Lê com voz estrepitosa.

«Liabell!»

*Silêncio de pouco e de agonia. Alberto busca a
frente, empalhafando. Helena sobe, e em corru-
tela ao prof. em frente da mesa ao centro,
acostando a cabeça entre as mãos. Garcia
olha como lince para a carta que recebe
marchalmente sobre as mãos. Ajuda mar-
mora em voz estrepitosa e deliriosa!*

E assim, meu Deus! assim, sem dó, se desmorona

A paz da minha vida, a honra do meu lar!

Rebenta o coração, a força me abandona...

E o barbado dever me impede de chorar!...

Em voz estrepitosa e enlouca, a Alberto.

E tu, e tu, miserável!

Levanta a fronte vil!

Quero ver se em teu semblante

Deixaram rasto aviltante

Os beijos da corteza!

Erge a fronte!... ergue!... tens medo?

Acaba a comedia infame!

Ao menos, que a cobardia

Em seu auxilio não chama

O manto da hypocrisia.

Não tremas!... Não se macula

Em ti meu braço...

Com riso estrepito.

Has de crer!

Engano! engano!... Vaes ver

Como esta mão te estrangula!

Conclui, atirando para Alberto.

Ladrão! ladrão!

HELENA, desce e interrompe-a.

Meu pai?

ALBERTO, com as duas cordões, amparado.

Mate-me!

GARCIA, a Helena, segura.

Tens razão, filha!

Volante a Alberto, passando a z.

Matar-te!

Como? um ducão talvez?

Pois dize, infame, tu crês

Que eu, insano, vá deixar-te

A minha vida à mercê?

Jugas sciso, bandido,

Que eu me exponha peito a peito,

Cedendo a um louco preceito

Do mundo?... Porque? porque?

Dize! dize! reconquista

Minha ventura perdida,

A paz, a alegria, a vida,

Submeras no lodçal?

Louco e vil!

ALBERTO, como machucado.

Mate-me! mate-me!

GARCIA

Pois tu queres que o destino

Junte o laço do assassino
Ao vilipênio immortal?

ALBERTO, como acima.

Mate-me!

GARCIA, com elle.

Cala-te! cala-te!

Não ergas a voz, senão

Minha prudencia desmaia

E tremes, coarde, então!

Que não sei...

ALBERTO, como acima.

Mate-me!

HELENA, segurando Garcia que vai precipitar-se, passando
depois á z e dizendo com muita dignidade.

Sala!

Alberto levanta a cabeça amestrado. Encoa um
punho, ficando-a com um olhar de espanto e
emoção, depois vai ao lado em ar de sup-
plexo.

HELENA, redobrando de energia.

Não ouvis? Sala, senhor!

Alberto continua a recuar fascinado até sair pela
D. E.

SCENA XVIII

GARCIA e HELENA

GARCIA, *com estalado a si.*

Que fizeste?

HELENA, *com vergonha.*

O que devia!

Evital que se manchasse
Na lama d'aquella face.
Não fiz bem!GARCIA, *abraçando-a e a beijar.*

Meu casto amor!

*Silêncio. Conserva-se abraçada chorando.
Garcia apartando-se repentinamente d'ella.*

E agora... deixa-me, filha!

HELENA, *apartando-se a côr.*

Meu pai!

GARCIA, *com ternura.*

Descansa! descansa!

Não temas que a desaprança
Possa fazer-me esquecer
De ti, celeste criança!
Pertence-te a minha vida;
Por ti, só por ti, querida,
Eu não a quero perder!*Beija-a e sai pela E. F. Helena vai sobre a divisa, chorando.*

SCENA XIX

HELENA e ISABEL

*ISABEL, entrando pela E. A. Jura á scena.
Ao dar com Helena solta-se fito um grito de espanto.
Surprehensivamente.*

Que tens, Helena! que é isso?

*Helena retraher-se ao ouvir a voz de Isabel. Volve á cabeça e aponta bradando para a carta que ficou no chão. Isabel apressa-se.**Isabel, atterrada, com um grito, escondendo precipitadamente a carta.*

Tu lista!...

HELENA, *docemente, com um signal affirmativo.*

E meu pai tambem!

ISABEL, *amestrada.*

Teu pai!... teu pai!... É horrivel!

Consiça, com grande abatimento.

Oh! meu Deus! como é possível!

Ninguem me salva, ninguém!

Córre deante da filha!...

Desgraçada!... a fronte humilha!...

Esquece agora que és mãe!

*Encaminha-se para Helena, e depois de muito
hesitar, aponta dante d'ella.*

Perdio, filha!... perdio, casta innocente!...

Foi grato a offensa, foi!... embora, embora!

Ó filha, ó minha filha!... sé clemente!

Bem vás! é tua mãe que treme e implora!

Não me expulsa!... Na treva da minh'alma
 Caia a luz redemptora do perdão!
 Fui criminosa, eu sei; mas só me aalma
 O lembrar-me que és santa... e filha... e...

HELENA, com expressão, invocando-a.

Não!

Não evoque, por Deus! o amor materno!
 Bem sabe que do peito o arrancou,
 Arrastou sua filha a este inferno
 De vergonha e de dor... Não heitas,

Quando a paixão sedenta, impetuosa,
 Irrompeu através das leis do mundo;
 Quando n'uma aliança tenebrosa,
 Zombou do meu amor santo e profundo;

Quando, nas chamas do delírio immersa,
 Sentia talvez zelos d'este amor;
 Quando o cúmplice vil da acção perversa
 Minh'alma encha de um claro traidor...

Acaso move em sua mente capotio
 A phrase que em meu labio a dôr produz;
 Mas, desperta entre as lagas do meu pranto,
 Em mim se fez estranha... e feia luz!

Chora!... é já tarde, ó mãe descaravel!...
 Supplica humilde o seu perdão... Pois bem!
 Em mim não cabe a colera implacavel!
 Nos meus braços soluça, ó minha mãe!

ISABEL, invocando se afogada em lagrimas.

Minha filha!...

*Vae a lançar-se nos braços de Helena Garcia,
 ha inclinar-se para a H. F., precipita-se
 para a fall, afogando-se involuntariamente.*

SCENA XX

HELENA, GARCIA e ISABEL

GARCIA, em voz entredita.

Para traz!
 Não macule minha filha
 Com o seu contacto impuro!...
 Não se illuda um scio puro
 Por um remoso fallaz!
 O seu logar, não preciso
 Dizer-lhe qual é agora!

ISABEL, humilhada e abatida.

Oh! Piedade!...

GARCIA, muito enão.

Para que chora?
 Pensa illudir-me tambem?

Vamos! saia!... Que esta casa
 Não é sua, bem percebe!
 Nem eu... nem ella recebe
 Quem lama nas faces tem!

ISABEL, *como acima.*

Garcia!

GARCIA

Basta, senhora!
 Não pronuncie o meu nome!
 Seu labio tudo consome,
 Tudo o que é bom vai manchar!
 Reserve-o, é melhor decerto!
 Para os gritos da impureza,
 Os delirios da torpeza,
 Os beijos do lupanar!

ISABEL, *no cunhal da agulha e da serguelha.*

Meu Deus!...

GARCIA

Vê, vê, desgraçada!
 Sua presença tem feito
 Que eu mesmo perca o respeito
 Por este anjo de pudor!

Saia já!... saia!... obedeça!...
 E mostre que não se esponeja
 Que honra e lei me faz senhor
 D'essa vida!...

ISABEL, *veste a toca.*

Exerça embora
 Esse direito!

GARCIA

Não quero!
 Conta c'o meu desespero?
 Hei de expulsá-a sem dó!
 Saia! saia!

ISABEL, *em voz suplicante.*

Minha filha!
 Beijá-a...

GARCIA

Não é possível!

HELENA

Meu pai! piedade!

GARCIA

Inflexível
Hei de ser!

ISABEL, abaluitada.

Um beijo só!

Helena desloca-se a caminho para Isabel.

GARCIA, detendo-a.

É demais! não, senhora!

Migo — a Helena.

Não rezes, filha, estas azas
Pela infamia, que te abraças...

*Vendo Isabel ir-se embora — N'as tom de voz
convulsa e orgiaca.*

Miservel! fóra! fóra!

*Isabel recua atterrada. Caminha para a porta en-
fucando, com a vista travada amorosamente
em Helena, e olhando de quando em quando
de braco suplicante para Garcia. Este
aponta-lhe replicativamente a saída, resis-
tindo silenciosamente as tentativas que ella
faz para se aproximar de Helena; até que,
a um gesto muito resolute de Garcia, Isabel
vai finalmente d. B., abalucando largamente.*

SCENA XXI

HELENA e GARCIA

HELENA conserva-se silenciosa e atalida. GARCIA,
depois da saída de ISABEL, olha para ella com
doçura, e exclama dolorosamente.

GARCIA

Ah! Helena! n'um só dia
Como a ventura se evas!

*Caindo desolado no sofá.**Esperando-se com estúpido de elle.*

Filha, si! filha, e o teu futuro!...

HELENA, passiva.

O futuro...

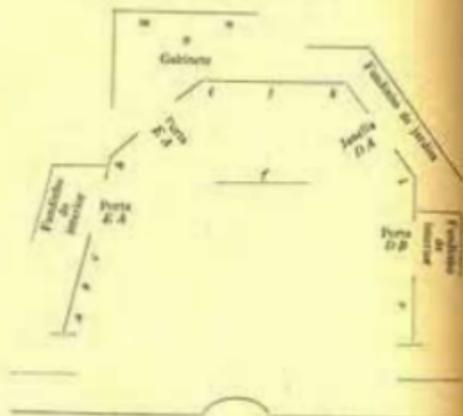
Correndo para o pai com arrebatamento.

És tu, meu pai!



A NOIVA

DRAMA EM UM ACTO



PLANTA DA DECORAÇÃO

NOTA — A scena, a que se refere a planta, não foi feita para esta peça; foi adaptada a ella, por ser, no genero francez, o gabinete mais pequeno que havia no theatro. Como é provavel que nos outros theatros, sobre todo de provincia, não haja decorações eguaes, podiam se suggerir substituir a por um gabinete que tenha portas praticaveis na E. A., E. F. e D. B., armando janella de D. A. e pondo tapadeiras nas portas restantes.

MOBILIA E ADEREÇOS

- a e Duas cadeiras contramoldadas, pretas, estofa de seda.
 - b Armario Boudé; sobre elle: bronzes, porcelanas, uma estatua de terra-cotta e um timbre. Na parede, um quadro-aguardia. Aos lados do quadro, dois medalhões de bronze.
 - d Um divan oval. Na face frente ao publico, uma almofada para encosto.
 - e Um fanteuil.
 - f Uma mesa-jardiniera á Luis XVI. Sobre a mesa, livros e jornaes.
 - g Um pouff de almofadas.
 - h Uma chiffonière, sobre ella uma *Barbotine*.
 - i b Dois jazeis da India.
 - j Fogão e espelho. Aos lados d'este, na parede, duas panopias. Sobre o fogão, relógio e dois candieiros eguaes. Na frente do fogão um *écran*.
 - l Uma *Barbotine* grande susente sobre pernas de phantasia.
 - m e Doiz fanteuils.
 - n Mesa grande, coberta com panno de juta. Sobre ella floreira de metal.
- Na janella, D. A., duplas cortinas, brancas e côr de rosa.
- Alcatifas vermelhas. Nos interiores das portas, alcatifas de juta.

O DUQUE DE YIZEU

DRAMA EM CINCO ACTOS, EM VERSO

*Representado pela primeira vez no theatro
de D. Maria II
no beneficio do actor João Rosa
em 19 de março de 1886*

PERSONAGENS

D. JOÃO II, rei de Portugal	Júlio Rosa
O DUQUE DE VIZEU } <i>irmão da rainha.</i> }	Brazão
D. MANUEL } <i>Anna d'Albuquerque</i>	Anna d'Albuquerque
ANTÓNIO DE FARIA, <i>comendador de El-Rei.</i>	Silva Pereira
FERNÃO MARTINS MASCARENHAS, <i>capitão dos ginetes e dos guardas da camera real.</i>	O' Sullivan
RUY DE PINA	Tomes
O CONDE DE MARALVA, <i>scricão-mór</i>	Barbosa Macnam
D. GARCIA DE MENEZES, <i>fiogo de Evora</i>	Alcino Azevedo
D. FERNANDO DE MENEZES, <i>seu irmão, da casa dos duques de Viseu.</i>	Beivo
D. GUTERRES COUTINHO, <i>comendador de Coimbra.</i>	Costa
D. PEDRO DE EÇA, <i>alcaide-mór de Moura</i>	Mascully
O VIGARIEIRO DE THOMAR	Silva
JOÃO FERNANDES GONÇALVES, <i>corregedor da cidade.</i>	Ferreira
FERNÃO DA SILVEIRA, <i>scricão da pedreira.</i>	—
MANUEL DE MELLO, <i>escrivoeiro-mór.</i>	—
PEBO D'ALEMQUEER, <i>juiz.</i>	Antonio Pinto
MESTRE ANTONIO, <i>juiz, cirurgião-mór</i>	Mascully
DROGO TIMOCO	Alcino Rosa
Um necessitado	—
Um necessitado	—
D. LEONOR, <i>rainha de Portugal.</i>	Amélia da Silveira
A INFANTA D. BEATRIZ, <i>seu mãe.</i>	Carlolina Falco
MARGARIDA, <i>irmã de D. João Távora.</i>	Vincentina
Uma dama da Evora	—

Titulos, costumes, conjurações, guardas, pagãos, etc.

O 1.º acto passa-se em Evora, em 1465. O 2.º e o 3.º em Santarém, e o 4.º em Palmella, e o 5.º em Setúbal, todos em 1464.

ACTO I

A EXECUÇÃO

Sala nos paços reais de Evora. — Ao F. grande arco que dá sobre uma galeria. À E. porta para os aposentos d'el-rei. À D. uma janella. A um dos lados da scena uma cadeira alta de espaldar.



SCENA I

O CONDE DE MARIALVA, D. GUTERRES COUTINHO, FERNÃO DA SILVEIRA, MANUEL DE MELLO, D. PEDRO DE EÇA, PERO D'ALEMQUER, O VIGARIO DE THOMAR, JOÃO FERNANDES GODINHO, *por momentos* ANTÃO DE FARIA, *depois* RUY DE PINA; *outros* SINALGOS e CAVALLEIROS, *formando grupos e conversando em vez baixa, quasi todos com ar conternado. Pas-seiam alguns pela galeria ao F. Um rosturo á porta da E.*

D. PEDRO DE EÇA, *em voz baixa, a Manuel de Mello,*

Que doya ha?

MANUEL DE MELLO, *o mesmo.*

Do duque?

EÇA

É claro!

MELLO

O cadafalso

'Stá-se armando na pesça.

EÇA

Então, dizci-me, é fecho

O bauto que corre?

MELLO

O bauto?...

EÇA

Do perdão.

MELLO

Eu nada sei. Olhae!

Aponta para Rey de Pina que está desajantado de El Rei.

Mais ampla informação

Está quem vos pôde dar.

Afasta-se.

EÇA

É certo! — Rey de Pina!

REY DE PINA, deitando.

Que pretendéis?

EÇA

El-rei acaso não se inclina

À piedade?

Movimento negativo de Rey de Pina.

Meu Deus! não resta pois esperança?

PINA

Dentro em pouco, senhor, o duque de Bragança
Ha de entregar a vida ao cutello da lei.*D. GUTIERRES GUTINHO, acercando-se.*

E patrimonio e bens ao thesouro de El-rei.

PINA, atirando em roda.

Indiscrição!

EÇA, assustado, afastando-se.

Loucura!

D. GUTIERRES, aponta para Eça, rindo.

Olhae D. Pedro de Eça

Com que vigor segura a tremula cabeça.

PINA

Não receíeis da vossa?

D. GUTIERRES

E vós, que sois amigo

Do duque?

PINA

Nada temo. Ah! bem sabeis! O pr'igo
Só nas alturas paíra. Os fracos, os pequenos,
Possuem contra o algoz uma armadura, ao meteo;
O humilde nascimento. O ferro que se aprrompta
A vingar de um fidalgo a criminosa afronta
Não se abaixa, senhor, ao collo de um villão.

D. GUTERRES

Sois modesto.

PINA

Conheço a propria condição.

Vendo o conde de Marialva que se adianta para elle.

Permittis?

Gato de D. Guterres, que se affixa.

Senhor conde!

CONDE DE MARIALVA

Ah! Ruy de Pina! agora
Quero ouvir uma só palavra animadora.

Gato desesperado de Pina.

O pobre duque... então! ninguém, ninguém o salva!

PINA

Ninguém!

FERNÃO DA SILVEIRA, *apresentando-se.*

Alguem talvez, senhor de Marialva!

MARIALVA

Ah! senhor escrivo! porque o dizeis?

SILVEIRA

Ouvide

O que hoje me contou D. Pedro d'Athayde.
Mas jurae-me segredo. Antes do julgamento,
Alguns nobres da côrte, homens de valimento,
Entre os quaes seu parente, o conde d'Alhouguia,
O D. Prior do Crato e o bispo D. Garcia,
E os condes de Olivença e de Penamacor,
Pediram por mercê a el-rei nosso senhor
Que tivesse por bem de conceder a vida
Ao nobre criminoso, e fosse garantida
Por um pacto real a regia segurança,
Passando ás mãos de el-rei a casa de Bragança,
Os seus castellos! mais, cedendo os requerentes,
Como pendor da paz, os seus proprios...

PINA, *aparte*

Dementes!

MARIALVA

Generosos varões! a minha fortaleza,
Tudo off'reço tambem...

PINA

Que disse Sua Alteza?

SILVEIRA

Nada!

PINA

Nada? porém...

SILVEIRA

Ficou de resolver.

MARALVA

Pois que! vós inda esp'raas?..

SILVEIRA

Que el-rei ha de ceder.

PINA

Ceder? baldada esp'rança! Ah! nunca el-rei D. João
 Deu ordem para erguer um cadafalso em vão!
 A clemencia real é como a chuva! banha
 O valle, e deixa em secco o cimo da montanha.
 Para os nobres perdão? a esp'rança é lisonjeira!
 Mas crede, senhor conde, e vós tambem, Silveira:
 O carrasco não perde o soldado bemesso.

MARALVA

Cruéis palavras, Ruy!

SILVEIRA, pensativo.

Sim, bem cruéis. Parece

Que Ruy de Pina tem razões de desesp'rança.

PINA

Pois bem! a vós que amaes o duque de Bragança
 Nada quero occultar. No dia em que o libello
 Foi lido ao duque, eu estava... ah! bem sabeis o zelo
 Com que eu sempre curci das coisas suas!

MARALVA, apertando-lhe a mão.

Sei-o,

E por tal vos estimo.

PINA

O duque escutoo, cheio
 De estranha turvação. Quando a tremula voz
 Do severo juiz cessou, nenhum de nós
 Ousou fallar. Então, o duque, austero e firme,
 Acercou-se de mim, dignando-se pedir-me
 Para levar a el-rei, como resposta digna
 Dada a senhor por um servo que se resigna,
 E réplica adequada, acaso a mais discreta,
 O que no psalmo disse o santo rei propheta:
 «Sobre o teu servo, ó Deus! cala a justa sentença,
 «Porque nenhum mortal pôde em tua presença
 «Justificar-se nunca». Emquanto elle fallava,
 A custo o pranto meu, confesso, dominava.

MARALVA

Pobre duque!

PINA

Depois, accrescentou por fim,

Alta e nobremente: «E direis outrossim
 «Que, para assegurar o predomínio regio,
 «E forçoso que el-rei recorde o privilegio
 «Dos seus barões.» Aqui, ergueu severo a voz
 Que nos intimidou. «Dizei a el-rei que nós
 «Somos duque de herança, e príncipe de raça!
 «Que sem direito el-rei annulla e despedaça
 «O nosso bom direito. E que eu não reconheço
 «Como juldes meus, em todo este processo,
 «Senão os meus eguaes. Dizei a Sua Alteza
 «Que estou em suas mãos; que a morte só me peza
 «Ao ver que o sceptro luso, o sceptro que avultou
 «Entre as heroicas mãos de meu augusto avô,
 «D. João, mestre d'Aviz, procura novo brilho
 «Mergulhando no sangue illustre de seu filho.

O VIGARIO DE THOMAS, que se tem aproximado.

O duque de Bragança esquece que tingio
 Primeiro as mãos no sangue de seu tio,
 Do infante D. Pedro, irmão de D. Henrique
 E do infante santo. E força que não fique
 Na sombra o crime, sim! perante a expiação.

MARALVA

Sois severo, senhor!

SILVEIRA

Talvez injusto.

VIGARIO

Não!

—Mas se vos não molesta aqui minha presença,

Prosegui, Ruy de Pina.

PINA

Eu fui, sem mais detença,
 Cumprir minha missão honrosa...

SILVEIRA

E delicada.

PINA

Sua Alteza escutou, co'a face contristada
 E lagrimas no olhar, sempre benigno e calmo,
 As phrases do começo, as palavras do psalmo.
 Porém, ao passo que eu, suavizando a sgrura
 Das expressões, segui, a regia catadura
 Assombrou-se mais e mais. Quando acabei
 O protesto do duque — ah! se o vissei! — el-rei
 Allevantou-se irado, e em trovanteo falla
 Clamou: «Prerogativa! cãbora! hei de rasgar-o!
 «Ameaças, duque! a mim! ao vosso rei supremo!
 «E com riso estridente, a cuja lida tremo!
 «Ah! senhor duque, o algoz ensina quanto val'
 «Um príncipe entre as mãos de el-rei de Portugal!

*Retira-se pouco a pouco aproximado do grupo D. Pedro d'Espa.
 Para d'Albuquerque, e alguns fidalgos que não seguem a
 narração.*

Subito sereno e disse-me então: «Ide
 «Dizer a quem nos cita o santo rei David
 «Que é nos olhos de Deus torpe a rebelião
 «E que é bom recordar a sorte de Absalão.
 «Quanto ao protesto, é nullo e de nenhum effeito,
 «Que ante o regio poder caduca o seu direito.
 «Ide-vos, Ruy de Pina.»

VIGARIO

A phrase com certeza
Não é muito conforme ao juiz.

EÇA

Foi Sua Alteza
Que a disse.

SILVEIRA

Foi! Embora! Ha taes occasiões
Em que um rei pôde errar.

PERO D'ALEMQUER

Com seiscentos milhões
De bombardas!

FINA, *arrivado.*

É Pero!

EÇA, *aparte.*

É certo! É Pero o galho!

PERO

Nem sempre é mestre bom quem vai ao governo!
E muitas vezes, sim! o galcoz somocra
Por culpa do piloto.

FINA, *como querendo attahir a conversação.*

Olá!

EÇA, *aparte.*

Tenho de sobra!
Depois de um insensato, um doido berrador!

SILVEIRA

'Staes turrado, D. Pedro!

PERO, *aparte.*

Engulhos!

EÇA, *a Silveira.*

Não, senhor!

Aparte.

Vou-me! não é mister que esta cabeça caia
Por ouvir o pensar de sabios d'esta laia.

Afastase desparadamente.

FINA

Eu vou acompanhar o duque de Bragança
Nos momentos finais.

*Comprimencia e sai.*JOÃO FERNANDES GODOINHO, *ao vigário de Thomar.*

Sabéis? El-rei de França
Foi quem nos forneceu o vistoso modelo
Do cadafalso.

VIGARIO

Como?

GODINHO

Póde affirmar-o. Olha! Manuel de Mello

MELLO

É certo! El-rei, fallando ha dias
Sobre o castigo dado ás nobres rebeldias,
Descreveu por miúdo o grande cadafalso
Onde a moeta soffreu, por ser traidor e falso
A pessoa d'el-rei Luiz Onze, um nobre duque.
O cadafalso é igual...

D. GUTERRES, *acercando-se.*

É mau que el-rei se edoque
Nas sinistras lições de um rei caduco e exangue
Que tem feito da França um largo mar de sangue,
E zombou de seu pae, de D. Afonso Quinto.

VIGARIO

Tendes talvez razão, mas sois audaz.

D. Guterres *afasta-se.*MELLO, *aparte.*

Presinto
Que D. Guterres segue a estrada do patíbulo.
Afasta-se.

GODINHO, *ao separar, arreando.*

Cezimbra não merece os fumos de um thuribulo.

VIGARIO

Como? Cezimbra?

GODINHO

Sim! El-rei deo-lhe a encomenda
De Cezimbra! Talvez que não lhe basta a renda!

ANTÃO DE FARIA, *a um personagem que está junto d'elle
à porta da E.*

O despacho, vil-o aqui! El-rei faz-vos mercê
Do senhorio fiel de Arrayolos.

*O homem afasta-se.*MARIALVA, *a Silveira.*

Quem é

Este fidalgo?

SILVEIRA

Qual?

MARIALVA

Aquelle que ora parte...

Não vides?

SILVEIRA

Vejo agora.

MARALVA

Então?

SILVEIRA

Pero Jusarte.

MARALVA

O villão que trahiu o duque?

Gesto affirmativo de Silveira.

Miservel!

SILVEIRA

O infame leva agora o prego abominavel
Da sua altevosa.

SCENA II

OS MEMOS, O BISPO DE EVORA

*O bispo, ao entrar, cruza-se com Pero Jusarte que vai para beijar-lhe o anel. O bispo, reconhecendo-o, recua, e em seguida desce, enquanto Pero Jusarte sae pelo F. entre olhares desdenhosos. Todos os fidalgos e cavalheiros se curvam respeitosa-mente diante do bispo, beijando-lhe alguns o anel.**O BISPO, chegando perto de Fernando da Silveira e do conde de Maralva.*

O labio desleal

De um Judas mancharia o anel episcopal.

Comprimentando o conde e Silveira que lhe beijam o anel.

Senhor conde ... Senhor ...

A D. Gutierrez Gouinho que se aproxima.

D. Gutierrez, amigo!

D. GUTERRES, beijando-lhe o anel.

Meu caro bispo!

BISPO

Então! que me dizias?

D. GUTERRES

Eu digo

Que a hora se aproxima e que o perdão nos fege.

BISPO

Nada esperaes?

Gesto negativo de D. Gutierrez.

Fallaste ao conde?

D. GUTERRES

Fallei hoje.

EÇA, a Antão de Faria que acaba de despedir um mensageiro.

Podéis dizer-me, Antão, que noticias vos trouxe
O mensageiro?

MELLO, *acordando-se com vários solistes.*

Ouvi.

Todos se acordam mais. Pero d'Albuquerque aproxima-se também.

ANTÃO

É que a obra acabou-se.

EÇA

Qual obra?

ANTÃO

O cadafalso.

Movimento geral de terror.

El-rei já se mostrava bastante impaciente. É que a cousa custava um bom par de dobrões. Porém ao menos fica um lindo cadafalso, é certo, uma obra rica.

EÇA, *aparte.*

Que calafrios!

ANTÃO

É pena, é pena que tão breve se desmanche!

Signos de indignação geral.

MELLO, *aparte.*

Que ideia!

EÇA, *aparte.*

O demonio te leve!

Que sirva para ti!

ANTÃO

E vou em continente

Levar a nova a el-rei.

Sae pela E.

GOUDINHO, a Mello.

Como elle vai contente!

PERO

Com mil raios! Eu não percebo nada d'isso!
Mas creio...

EÇA, *aparte.*

Não me deixa, este asno embarcadoço!

PERO

Fazer tanta despeza, enfim, para que se erga
Um cepo? Pois não é melhor o laiz da verga?

EÇA, *erguendo-se.*

Para os vossos eguaes!

PERO

Tem mais rico apanajo

Os meus egues, senhor; a morte no naufrágio
 Ou ás mãos do gentio, atestado de gloria
 O nome Portugal. Faza a sua memoria
 Livre do cepto vil.

Vinda que todos se tem afastado.

Co'a bréca! dispersel,
 Como um temporal rijo, a rica frota.

O PORTEIRO DA E., *avocando-se para a porta.*

El-rei!

*Todos se afastam para as lateraes da scena e para o F. El-rei
 entra pela porta da E., acompanhado de Antão de Faria,
 Fernão Martins Mascarenhas, Mestre Antonio, pagens e
 mais comitiva regia. Todos se dirigem e convertem-se res-
 pectivamente na sua posição.*

SCENA III

OS MEUOS, EL-REI, FERNAO MARTINS MASCARENHAS, MESTRE ANTONIO, PAGENS, ESCRIVANHAS, ETC.

D. GUILHERMES, *de fúro, baixo.*

Parece-vr contente, agora, Sua Alteza.

O BISPO, *o mesmo, a D. Guterres.*

Como o tigre feruz que tem segura a preza.

EL-REI, *deparando com o bispo - Aparte.*

Stá descontente, o bispo? Ah! não receio o baculo!

Como a espada quebrei, assim o quodro.

A Antão de Faria - Baixo.

Obstaculo

Não houve pois, Antão, na entrega, por meu mando,
 Dos castellos que tinha o duque D. Fernando?

ANTÃO

Nenhum, senhor.

EL-REI

Nem mesmo os das terras do Norte?

ANTÃO

Mesmo esses, meu senhor, se renderam.

*Vendo el-rei passarem, acorreu de longe de Mariaba, com
 quem parece fallar acastadamente.*

EL-REI, *consegue.*

Da côrte

De Castella não ha que recelar protesto
 Contra a morte do duque. E, pois, bem manifesto
 Que me auxilia Deus na minha andaz empreza;
 E em breve poderei, com mais justa affouteza,
 Nomear-me senhor e rei de Portugal! ...
 Posso pois recusar o meu perdão real!

de fúro.

Staveis ahí, D. Bispo! Eu não vos tinha visto!

BISPO, *inclinando-se.*

Senhor!

EL REI

Meu bispo—ah! quanto é triste o dizer isto!
 Nada pude fazer na vossa petição.
 O acordam foi lavrado: o noivo coração
 Revestiu-se de dó, quando escrevi o passe!
 Ah! diizei-o por mim aos vusos! Nesta face
 Deixou sulcos o pranto. Havia de conduzir-vos!
 Porém, bem veloz, contra os rebeldes protervos,
 Ah! nada pôde o rei! é sacro o tribunal.
 Não sabeis quanto pesa a purpura real!

D. GUTERRES, *aparte*.

Peso do nobre sangue em que a consopacs!

EL REI

D. bispo,

Alentao-vos, como eu.

BISPO, *inclinando-se*.

Senhor!

El rei effuzca-se.—Baino, a D. Gutierrez

Amigo, disse

A minha lealdade inutil.

D. GUTERRES, *baixo*.

Toda a esperança

Fugiu!

BISPO, *baixo*.

De perdão, sim! porém não de vingança!

*El rei sentase na cadeira, junto á mesa. Antão de Faria coverte-se junto á elle.*MARIALVA, *adiantando-se para el-rei, e correndo a joelhos diante d'elle.*

Meu senhor!

EL REI

Ah! sois vós, conde de Marialva
 Que pretendeis!

MARIALVA

Senhor, mercê que ora me salva
 De uma angustia cruel.

EL REI

Fallsa! quasi responde

Já em vosso favor uma lembrança, conde,
 Parece-me estar vendo a mesquita de Arzilla,
 Onde, após a pelega atroz dentro da villa,
 Houve por bem meu paiz, el-rei Affonso Quinto,
 A mim, soldado imberbe em sangue mouro tinto,
 De armar-me cavalleiro: e disse-me, apontando
 O corpo de um ancão, cadaver venerando
 Que estava junto a mim: «Meu filho, Deus vos faça
 «Tão leal cavalleiro e tão rija couraça
 «Como esse que além jaz.» E no seu olhar nobre
 O pranto burbulhava. Esse cadaver, sobre
 O qual se ergo, radiante, o meu sonhar de gloria,
 Que é para mim sagrada e folgida memoria,
 Conde de Marialva, era de vosso paiz.

MARIALVA, *beijando-lhe a mão*.

Meu rei e meu senhor, obrigado!

EL-REI

Falias!

Que requereis?

MARIALVA

Senhor, uma amizade antiga
Ao duque de Bragança — ah! perdoo! — me liga...

EL-REI, com lre tom de impaciencia.

Ah!

MARIALVA

Não trago, senhor, aos pés de Vossa Alteza
Humilde invocação á paternal grandeza.
Nas magras da minh'alma, imersa em fundo mar
De cruciante dor, eu não posso olvidar
Os ditames crusos da minha consciencia,
E venoro a justiça orante da clemencia.
Rogo apenas, senhor, poupeis um transe amargo
A minh'alma.

EL-REI

Dizei.

MARIALVA

O dever do meu cargo...

EL-REI

Ah! sim! meinho-mó!

MARIALVA

Meu senhor, recordo-me
Faria, o camareiro, em vosso real nome,
Que é honra e dever meu, no derradeiro transe,
O duque acompanhar...

EL-REI, com lre tom de impaciencia.

Que a vossa alma descanse!
Concedo-vos escusa! É isto o que req'reis?

MARIALVA

Deus vos pague em ventura as angustias crusas
De que livraes minh'alma.

Deixa-lhe a mão.

EL-REI

Ah! sois honrado, conde!

Faz um gesto de despedida. O conde afasta-se. Aparte, trizmente.

A mim! ventura!... é planta humilde que se esconde
Do throno! — É bem feliz o duque! Inda na morte
Encontra amigos!

Pausa — Anagnonismo.

Eu... eu tenho a minha corte!

A Acto de Faria.

Dizei... dizei a quem?

Toma da aljebrica um livro que sur felleando. — Consegue.

Vejamos... Abreu... Castro...

D. GUTERRES, baixo, ao trajo.

Será o livro d'ouro?

HIPO

Um sangrento castro!

EL-REI

Nenhum d'estes convém... 'Stá pobre o meu caderno!
Escalhidos não vejo. Os súditos do inferno
É que são muitos, são...

Até que finalmente!

Alto, a Faria.

Francisco da Sôveira exerce hoje, na frente
Do cortejo fatal do duque de Bragança,
O cargo de merinhal!

*Atião de Faria afastase e vai commentar a ordem a um
Mágoa - Aprio.*

Acertada lembrança!

As filias deslencas, por este simples facto,
Rasgam para com este o tenebroso pacto!—
O hoque não abaixa o olhar profundo, cheio
De odio!

Alto.

Fernão Martins!

Fernão Martins aproxima-se.

Sabei que vos nomeio
—Sois vassalo fiel!— meu capitão das guardas
Da camara real.

D. GUTERRES, hoque, ao hoque.

Uma hoste de alabardas,
Tyrannos de arcabuz, uns trons de ferro e bronze,
Que afugentem visões ao despota Luiz Onze.

EL-REI

Um punhalo leal de espadas aguerridas
Basta para coeter as furias insoffridas
Da rebeldia.

Em voz forte e vibrante.

E enfim, se tal não fur bastante,
Tendes tambem aqui o impavido montante
Que fugiu em Arzila e que venceu em Tóro,
E ao qual não embôtu o rijo allange mouro
E a espada castelhana.—Lá, Fernão Martins!

MARTINS, beijando a mão d'el rei.

Graças pela mercê, senhor!

MESTRE ANTONIO, hoque, a Manoel de Mello.

Para que fins

Esse hoste de fuzis, gladius e partizanos?

PERO, hoque, a Mestre Antonio.

É que el-rei quer livrar o corpo das tizanas
E das lancetas, mestre!

MESTRE ANTONIO, hoque.

Ah! rato de galé!

PERO, hoque.

Não temas, sangrador da judença ralé,
Que ao toucinho te vá que guardas na despensa
As occultas dos teus.

EL-REI, a Antão.

Dar-se-ha também a tença,
Vê! a Gaspar Jusarte!

Chega um mensageiro que falla com Antão.

D. GUTERRES, *batin, ao bispo.*

Outro Judas! fraterno
Par de vilões!

EL-REI, *aparte.*

A tença! Enquanto ciger o inferno,
O que merece mais é corda que lhe aperte
O gamete.

ANTÃO, *com voz tremula e angustiada.*

Senhor!

EL-REI

Que nova vem trazer-te
A mensagem?

ANTÃO, *como acima*

Mé nove... e... e...

EL-REI

Vamos!
Treme-te a voz!

ANTÃO

Desappareceu n'este momento o algoz!

EL-REI, *surprehendido*

O algoz!

*Em silencio. Percebe-se ao rosto do rei um accessão de colera
srevida. Movimento de anciedade geral.*

BISPO, *batin a D. Gutierrez*

Bemdito algoz!

D. GUTERRES, *batin*

Fulge um raio de esperanza!

MARIALVA, *aparte*

Meu Deus!

EL-REI, *erguendo-se impetuosamente, com voz estridida.*

Não foge á morte o duque de Bragança!
Ah! julgaveis talvez, rebeldes imbecis,
Prender a regia fronte em laços infantis!
Pensastes que, cansada, exhausta d'embarços,
A justiça real enfim cruzasse os braços!
Ficasse embora impune a torpe rebeldia,
Carcomendo na sombra a velha monarchia,
Corrompendo o paiz com seus turvos anhelitos,
Buscando no estrangero, infamia! os seus proselytos,
Erguendo as ambições até ao throno egregio,
E fazendo passar sobre um cadaver regio
O carro triumphal! Nescios! O Capitolo

Tinha os gamos leões... Tem-nos também o sol! Que trema em vossas mãos a traiçoeira adaga, Porque o sceptro real, n'um só revêz, esmagou As revoltas do crime, as fallazes promessas Da perfida ambição, as honras e as cabeças! Penses que vos defende a escuridão da noite... Sobel! Nunca a traição terá onde se acoste Durante o meu reinado. Algar de vilanagem, Ou feudo senhoril, solar ou tavolagem, Em toda a parte haveis de achar meu forte braço, Haveis de encontrar sempre ou cutello ou barão Que extinga em vossa gorgeja a voz da sedição! Não vos fieis da treva! Ah! se o real faleço Paiza junto do céu, fitando o olhar profundo, Sobranceiro á montanha, ao mar, á serra, ao mundo, Traidores! não julgéis que o seu poder lhe fuja Em plena escuridão! Como a sinistra c'ruja, Ergue o nocturno ven; das sombras do olvido Sabe arrancar á treva o seu fatal segredo!

Em tom de voz ardorosa.

Desapparece o alme! Por Deus! isso que importa? Que o vibrem quaisquer mãos, o ferro sempre corta O enlo de um traidor! Ninguém á morte o rouba! Hei de encontrar por certo a quem vestir a loba Do carrasco fatal, embora o golpe seja Hesitante e feroz, embora, embora veja, Livida, ensanguentada, a cabeça perjura, Fitar-me em convulsões melonhas da tortura!

A Áudio de Faria.

Vamos, Antão! disse... mande que na prisão Se erga sem mais demora este real pregão; -El-rei perdôa a morte áquelle que a seu mando -Quizer dar justa morte ao duque D. Fernando.
Antão vai cumprir as ordens, transmittindo a ao mensageiro, que sai.

Veremos, desleza! se para algum de vós A justiça impotente ha de negar-se alme! E se ao throno real, repis! haveis de vel-o Tremar e baçoar á mingua de um cutello!

Da alguns passos para a porta da E., e dizem-se encostados.

Ide todos! El-rei manda que toda a corte Assista á execução!

Sai pela E., com o seu seguio, curvando-se todos na sua passagem. Os cortesãos começam a sair pela F.

BISPO, ficando só, com D. Gálvez.

Sim! cortezão da morte, Havemos de a envolver nas dobras do teu manto Sangrento, ó rei fatal!

Sai, com D. Gálvez.

SCENA IV

A RAINHA, só.

Entra pela F., passando instantes. Caminha tristemente, olhando ao torno de si, como que adverteada.

Tudo silencio! Enquanto Lá fira ruje a turba, ansiosa de matança, Avila em ver partido o escudo de Bragança Entre as mãos do carrasco.—O sevo multido! Se tu poderes ler no triste coração D'esta mulher, erguida aos apogios do throno, Achando no esplendor as sombras do abandono, As angustias do amor trahido e desprezado, As torturas cruéis de um viver partilhado, Entre extremos de esposa e o affecto fraternal,

Ah! não te offuscarias o meu facto real!
 Julgarias decerto, ó multido blasphema!
 Que as joias que dão brilho ao seductor diadema
 Não passavam, meu Deus! de prantos de mulher!

Aproxima-se da janella.

Ella, a plebe! a plebe immensa! corre a ver
 Como um filialgo morre! Echoum sobre o solo
 Os seus passos! Além, cingindo o filho ao collo,
 Uma mulher avança no barbaro espectáculo
 Com que vigor allanta o moveido obstaculo
 Da onda popular! Agita-se, tem yressa,
 Tem não ver caber a pallida cuboça,
 E roubar ao filho o sinistro fulgoredo!
 Que gritos! que rumor! que febre! ...

Afasta-se da janella.

Tenho medo!
 Medo de ver um dia, erguida na vil mão
 Do currasco, a cabeça—oh! dor!—do meu irmão,
 A cabeça gentil onde os meus labios ternos
 Pousaram tanta vez, e tanta! Ha de perder-se
 Sou juvenil ardor! Recio d'esse fogo
 Ante o gelado olhar do rei. Temos ...

O duque de Vizeu entra pela F., e dirige-se rapidamente para a Rainha. Parando ella antes e de aguilhão, sempre sempre fira rumor de sapas, panno, como de uma multidão que se move a ras.

SCENA V

A RAINHA, O DUQUE DE VIZEU

RAINHA, *entra o duque - com horror.*

Diego!

Tu aqui! Deus do céu! e n'este dia ...

DUQUE

Sim!

Que importa o dia?

RAINHA

E d'este! ...

DUQUE

Por seu mandado vim.

RAINHA

Seu mandado?

DUQUE

Decerto! ...

RAINHA

E inspira confiança
 Uma tal ordem, quando o duque de Bragança,
 De quem cumplice foste ...

DUQUE

Eu, cumplice?

RAINHA

Sim, sabe-o

El-rei... ah! tu bem vês! o meu tremente labio
Quasi recusa dar passagem ao fatal
Segredo... Sobre ti para o falcão real!
Foge de mim, ah! fuge, irmão estremecido!
Sobre a luz d'este amor caio a sombra do elrido!
Rasquem-me embora o peito expinho da sanidade!
Succumba eu de agonia... Embora! Tem piedade
De tua pobre irmã... Ah! fuge, irmão!

DUQUE

Porque?

É um louco terror que vos salteia...

*A um gesto da Rainha, aproxima-se d'elle e põe-lhe na mão.
Com muito affecto.*

Grã.

Minha irmã... Tu não és para mim a rainha!
Ao ver-te junto a mim, recumbes a infancia minha,
O teu materno amor, os beijos que me deste,
A bondade que fulge em teu olhar celeste...
E os brilhos d'essa c'rou, omnipotente e vã,
Empalidecem junto aos beijos de uma irmã!

RAINHA

Pois se me amas assim, escuta a voz presaga
De tua irmã. Não é, não é tristezza vaga
A que assim me perturba! Ah! tu deusas occultas
O teu erro funesto! Eu sei, Duque... Inútils
Não ficarão trações, ante o real poder!

DUQUE, estendendo-se.

Trações, dizeis, trações!... Ah! silencio, mulher!
Traidor é só el-rei, que despedaga os séros
Da velha fidalguia, e rouba os seus thesouros:

No erario o cubedal, o sangue nos patibulos.
Traidor é só el-rei, monarcha de latibulos,
Que procura na sombra o peito sobre o qual
Deve o golpe caber!

RAINHA, atterrada.

Basta!

DUQUE

Rei deuses!

Ha de oscillar teu throno no estrepito da lacta!

RAINHA

Ah! esquece o passado!

DUQUE

Irmã, não posso!...

RAINHA

Escuta!

*Quae se grande rumor fero. Tropel de cavallos, tirar de ar-
mas, gritos confusos, assaeto, etc.*

DUQUE

Que ruido?...

RAINHA

Meu Deus!

Estabele-se repetidas vezes, durante o qual se ouve a voz do rei e o coro que cantam na rua o proprio real sobre a execução de d'Alar de Bragança.

O REI D'ARMAS, *fica.*

Justiça que, por mando
D'el-rei nosso senhor, se faz a D. Fernando,
Que foi conde de Ourem e duque de Bragança,
Por commetter traição, já contra a segurança
Do estado e do país, já contra a magestade
Da pessoa real: seja n'esta cidade
Degolado por mão do algar, e despojado
Das honras da nobreza, e seja confiscado
Tudo o que possuir para o real erario.
Assim se cumpre.

Nova rumor que põem a pouco se vai afastando.

RAINHA

Horror!

DUQUE

O crime sangüinario

Vae-se cumprir enfim...

DOIS ARAUTOS, fica, ao longe, repetindo o proprio.

Justiça que por mando
D'el-rei nosso senhor, se faz a D. Fernando,
Que foi conde de Ourem e duque de Bragança...

Fedem-se as vozes ao afastamento.

DUQUE

O sinistro cortejo avança...

RAINHA

Irmão!

DUQUE

... Avança!

Dentro em pouco, meu Deus! eu-o que chega à praça
Em procura da morte...

RAINHA

Acaso a regia graça...

DUQUE

Graça!

O rei que tem saída da E., acompanhado de Anão de Faria e de Jeronimo Martins, adianta-se gravemente.

SCENA VI

EL-REI, A RAINHA, O DUQUE, ANTÃO DE FÁRIA, FERNAO MARTINS; os dois últimos concentram-se ao F.

EL-REI

Nunca! o traidor não deve ter perdão!

RAINHA, *aparte.*

Escutava!

DUQUE

Senhor!

EL-REI

Quando o ruim vilão
 Commetter furto infame, erguer mão assassina
 Sobre o seu semelhante, ou, cego á lei divina,
 Derrubar o pudor nos estos da luxuria,
 Quando, ebrio de avidez, em criminosa furia,
 Atacar sobre a estrada o viandante inerte,
 N'esses casos talvez, talvez possaes dizer-me
 Que é bem nobre o perdão, e grato á Providencia,
 E arrancar-me das mãos palavras de clemencia.
 Mas n'este caso nunca, ah! nunca! O perdão regio
 Recusa, sim! perante o horror do sacrilegio.
 E' força então que o sangue impuro se derrame,
 E o Senhor santifica o mesmo algoz infame
 Que levanta na dextra a cabeça vilão.

DUQUE, *que tem recitado com rapidissima as palavras
 do rei, com animos de recita.*

Senhor...

RAINHA, *atitando, a el-rei.*

Sois justo, sois...

Bato, ao duque.

Silencio!

DUQUE, *aparte, com desalinho.*

Minha irmã!

EL-REI, *como aberto.*

E contudo... — Senhor! perdô-me este crime,
 Tu que em minha alma lê! — rei severo, esqueci-me,
 O' justiça, dos teus veneraveis dictames.
 Prendi meu coração nos magicos liames
 Do conjugal amor; a ternura roubou-me
 O preciso valor de collocar meu nome
 Sob a fatal sentença; a cega inexp'riencia
 Accordou no meu peito as vozes da clemencia;
 E a minha alma, submissa ao feitiçeiro jugo,
 Quiz-se poupar tambem ao ferro do verdugo.

As duas, brucammas.

Não me q'reis entender?

DUQUE

Eu?...

EL-REI

Duque de Vizeu,
 'Stou fallando de vós. Sois vós, Diogo, o rei
 Que o meu amor arranca ao negro calafuso.

RAINHA, *fira de si, muito atterada.*

Piedade, meu senhor!

EL-REI, á rainha.

Deixe!

As duas.

Seguis no encaço,
 Duque, d'esse infeliz que estende agora mesmo
 A cabeça ao cutello... Ah! o teu crime, fez-m'o

Esquecer, meu irmão, a tua mocidade,
O meu affecto...

A rainha.

Sim! rogar de mim piedade
E' baldado, bem vêz, ó minha santa esposa!

RAINHA, com arrevo.

Ah!

EL REI

Bem sabes, Leonor; o meu braço não ousa,
Nem punindo, ferir teu miigo coração.

RAINHA, beijando a mão d'el rei, ao deapoi.

Tu vêz como elle é bom! Escuta, meu irmão,
Esta vez paternal! Oscula a mão bendita
Que para ti se estende...

DUQUE, aparte.

Oh! Deus! vacillo!

EL REI, contemplando o deapoi, aparte.

Hesita!

RAINHA

A purpura real occulta, vêz! extremos
De esposo e paz...

DUQUE, sai para beijar a mão d'el rei.

Pois bem!

Offerece a beber a distancia o site de Santo André, que continua até ao fim do acto.

Aparte.

Sinistro dober!

EL REI, tirando o chapéu e ajoelhando.

Oremos

Por alma do que foi o duque de Bragança!

Tudo o mesmo. O duque ajoelha a um lado da scena, a rainha, muito contristada, a outro, André de Lous e Fernando Martins ao F.

RAINHA, aparte.

Oh! dao-me a paz, Deus meu!

DUQUE, aparte.

Senhor, dao-me a vingança!



ACTO II

OS CONJURADOS

Sala nas casas do arcebispo de Lisboa, em Santarem, então habitadas pela Infanta e pelo duque de Vizeu. Apparencia claustral. Sobre a porta grande do F., estão esculpidas as insignias do arcebispo. No primeiro plano, uma porta a cada um dos lados da scena. A' D., no segundo plano, porta secreta que se suppõe communicar para o mosteiro de S. Domingos das Dozas. Mobilia portugueza do seculo XV, ou mais antiga. Na parede da E. um grande crucifixo suspenso.

E' noite. A scena é escassamente illuminada por uma lampada collocada deante do crucifixo.



SCENA PRIMEIRA

O DUQUE, *sentado n'uma cadeira*, D. FERNANDO
DE MENEZES.

DUQUE

Podeis dizer, Fernando, ao bispo vosso irmão
Que venha hoje, que o espero...

MENEZES

Ah! senhor duque! Então
Assim vos resolveis? Caso de tanta monta
Inflamma assim vossa alma, ardente e sempre prompta
As empresas fataes?...

DUQUE

Fataes!

MENEZES

Isto vos digo!
 Senhor duque, escutae conselhos de um amigo.

DUQUE

Quem voi-os pede?

MENEZES

Quem?... a velha lealdade
 Que eu nunca desmenti, desde a mais tenra idade.
 Conselhos?... senhor duque, o infante vosso pae
 Dignava-se escutar-me ás vezes...

DUQUE, *apertando-lhe a mão.*

Perdoae, Fernando, perdoae. O fogo que em mim lavra
 Altera, corrompendo, ilícias e palavra.
 E dentro no meu peito a paz, o riso, o amor,
 Parecem consumir-se á chamma do rancor.

MENEZES

Senhor duque, escutae um só momento apenas
 Palavras de prudencia, exhortações serenas.
 Possam ellas cabir, como um orvalho santo,
 Nessa alma juvenil! Senhor, senhor, enquanto
 Poe entre a sombra urdis o tenebroso enredo,
 O olhar subtil do rei perscruta, e vela, e cedo
 Ha de ter entre as mãos o fio do vosso trama.
 Então, como a torrente, em furia, se derrama,
 Espumante, sinistra, enorme, sobre as terras,
 Asoberbando as chãs, alluindo as altas serras,

E deixando em despojo o horror, a paz mortal,
 Assim trasbordará a colera real.
 E o sangue ha de jorrar em ondas. Sobre o throno
 Não desperta a clemencia, immersa em fundo somno...

DUQUE

É mais de receiar, sabei, que não desperte
 Nunca mais o monarcha, abatendo-se inerte
 Sob os nossos punhaes.

MENEZES

Soeri-vos tal esperança!

DUQUE

E enfim, se a minha mente a tanto se abalança,
 Como julgas prendê-a em fumos de terror?
 Bálbado intento! olhae! o meu febril ardor
 Não se extingue, Fernando, ao sepo da prudencia,
 E mais que do furor desdenho da clemencia.
 Ide, Fernando! insito em vêr os meus leaes
 Amigos!

MENEZES

Comprei, senhor, o que ordenaes!
Sale.

SCENA II

O DUQUE, *ad**Com sigas.*

Preciso batalhar e vencer! Mortal odio

Prende em garros cruéis meu espírito, sacode-o
Nas convulsões febris de esperança ambiciosa.

Com sentimento doloroso.

Ó meus sonhos de amor, meus sonhos cêo de rosa!
E mister que finjas da minha mente altiva,
Que nunca mais dourais a minha pensativa
Juventude, que ri para um porvir mais largo.
Immergi, ó visões suaves, no lethargo
Aonde vos sepulta a rigidez precoce!
Que não me tente, ah! não! o vosso olhar, tido dece
Que pode extrahir as sombras do meu cráneo
Num sorriso de amor, relampago instantaneo
Que encha de luz minha alma ardente e juvenil!
Deixaa-me, ó sonhos viços, sonhos do meu abril!
Quero na minha fronte os regelos do inverno,
A fria gravidade em meu sentir interno,
Banhem todo o meu ser as ondas da ambição!

Sente-se pensativo.

Poderá comprimir a voz do coração?
Poderá affogar, no pelago profundo
Dos meus odios, o amor que, nas solidões do mundo,
Fulgira radiante, meigo, a illumiar-me a vida
Nos teus olhos gentis, celeste Margarida?
Ah! debalde procuro, embalde, o esquecimento!
Entre as nimbos do meu severo pensamento,
Mas grão meu, scintilla a tua doce imagem
E os sentimentos meus de amor e paz reagem
Contra as grandezas vão da minha phantasia!

Molda - Sente-se bater mansinho á porta secreta.

Ei-a que vem!

*Vae abrir a porta carregando uma mala oculta. Margarida
entra e lança-se-lhe aos braços.*

SCENA III

O DUQUE, MARGARIDA

DUQUE

Querida!

MARGARIDA

Oh! Deus! que longo dia!
Como o tempo correu triste e vagaroso!
MIL vezes blasphemei do sol, do sol radioso,
E minha alma aclarou-se ás trevas d'esta noite!

DUQUE

Estremecido hem!

MARGARIDA

Dize, Diogo: foi-te,
Como para mim, lento o approximar d'esta hora?
Na vespertina luz não viste a luz da aurora?

DUQUE

O sol só para mim fulgiu no teu olhar.

MARGARIDA

Meu nobre duque! meu gentil amante! estar
Assim longe de ti, immersa na agonia
E na saudade atroz!... Mas que movem sombria
Etrecece, meu duque, a tua altiva frente?

Lisongeiro! não pode acitar o horizonte
O sol do meu olhar?

DUQUE

Engano! ilusão tua!

MARGARIDA

Ah! não me iludo, não! Teu espirito fluctua
Num turbulento mar de idéias que eu ignoro!
Não m'as contas a mim, pobre mulher que choro,
Arde de paixão, em loucos paroxismos?
Não me iludes, querido! Os teus pezares, diz-m'os
O meu immenso amor, que n'essa alma peracrata
Teu mimino sentir!

DUQUE

Mas crê!...

MARGARIDA

Silêncio! Escuta!
Quando te vejo assim, triste, meditativo,
Eu sinto não poder trazer o lenitivo,
A tua occulta dôr! Sciúmo—meu Deus! perdôe!—
Como a vida seria alegre, e doce, e boa,
Se tu poderes sempre, em meu pobre regaço,
Reclinar a cabeça ardente, se no poço
Ducal, entre a riqueza e as glórias do poder,
Tu vises, n'um sorriso amante de mulher,
A luz do teu conforto, o fim de amargas penas!
Fosse eu essa mulher! Ah! tu não me condenas
Por tamanha ambição! O céu é tratamunha
De que, nem um momento, eu, miseravel, punha,

Uma esperança fallaz nos brilhos da opulencia!
De que eu nunca affoguei a credula impudencia
De roubar para mim um raio do esplendor
D'essa c'róa ducal! Ilustava o teu amor
Para me encher de luz! Embora toda a gente,
Sorrindo, me apontasse ignominiosamente,
E ao ver-me os imbecis clamassem: Barregô!

DUQUE

Ah! não soltes, por Deus, a palavra vil!
Tens no meu peito o altar, meu anjo! Altar sagrado
Onde a minha alma chora o teu félix passado,
Morto nas minhas mãos funestas e cruentas!

MARGARIDA

Oh! cala-te!

DUQUE

Ai de nós! porque, porque alimentas
Esperanças de um porvir radiante? Porque sonhas
Meigas visões de amor, phantasticas, risonhas?
Envaa-se tudo á luz fatal do meu destino!
Grandezas senhoris, riquezas que abomino,
Cingem meu coração de resplendentes peias!
Este sangue febril que escaldia as minhas veias
Gerou-se no esplendor de um thalamo real!
Pesa na minha frente a corôa ducal!
Minha missão no mundo... ah! não posso esquecer-a
Nem sob o teu gentil influxo, ó meiga estrela.

*Quae se abito á porta de F. O duque, sobresaltado, effeito de
de Margarida.*

MARGARIDA

Que é isto?

DUQUE

A triste voz do meu destino!

MARGARIDA

Dizes

Que este signal...

DUQUE

Suspende, atalha os meus felizes
Arroubos de amor... Vem! no vizinho aposento
Emister occultar-te...

MARGARIDA

Eu?...

DUQUE

Cala-te!

MARGARIDA

Um momento!

Um beijo só!

O duque beija-a na fronte com ternura.

Adeus!

O duque fecha a porta e vai para o aposento de D. Inez.

DUQUE

Ó pomba que me affagas,
Adeus! Não penetrar as aves noctivagas!

Abre a porta de F. por onde entram, um a um, os conjurados, precedidos por D. Fernando de Meneses e pelo bispo de Évora.

SCENA IV

O DUQUE, D. FERNANDO DE MENEZES, O BISPO DE EVORA, D. GUTERRES COUTINHO, FERNÃO DA SILVEIRA, E MAIS QUATRO FIDELGOS. SÃO: D. Alvaro de Athayde, irmão do conde de Athouguia; D. Pedro de Athayde, filho de D. Alvaro; o conde de Penamacor; e seu irmão Pero de Albuquerque.

DUQUE, recebendo os visitantes.

Entre a paz do senhor na minha habitação
Comvosco, bispo?

D. GUTERRES

A paz?... A guerra é oppressão,

Dizei antes.

DUQUE

Sois vós, D. Gutierrez Coutinho!

Entrae!

A D. Alvaro.

Como, senhor D. Alvaro, sóinho?...

Vendo D. Pedro que entra.
Ah! vosso filho, enfim...

A Puro d'elliburgue.

Senhor alcaide-mór!

A Fernão da Silveira.

Ah! meu caro escrivão!
oito conde de Penamacor.

Meu bom Penamacor!

D. GUTERRES, *batido ao biço, apoiando para o duque de Vizeu*

Vêde-o! Não recceias da sua juventude?

BISPO, *acima.*

Nada recio!

D. GUTERRES, *como acima.*

Não?

BISPO, *como acima.*

Terá onde se escude:
Este braço que pôde alentar-lhe a energia
Tem bastante vigor para apoiá-lo um dia...

D. GUTERRES, *como acima, sorrindo.*

E guial-o também.

A um gesto do duque, todos se agacham em torno d'elle. D. Fernando de Meneses fica um pouco afastado.

DUQUE

Fidalgos e senhores,

Vós não vindes aqui como conspiradores.
Nestes tempos cruéis, em que sobre o paiz
Pesa sangrenta mão, dobrando-lhe a cerviz,
Em que é sob'rano o algaz, moda as vestes de dô,
Somos nós os leões, rebelde o sceptro só!
A nobreza do reino, anciosa e perseguida,
Vê sobre o nosso braço uma esperança de vida.
Fidalgos e infanções, homens d'alta linhagem,
Vêm brilhar no throno o fructo da pilhagem.
Sobre os bens da nobreza estende a garra adunca
O vil abutre regio e não desceça nunca
Sendo para cevar, com inclitas osadas,
Da sepultura as vis fauces escancaradas.
Pois bem! perante vós, ante a nobreza exangue,
Eu, duque de Vizeu e príncipe do sangue,
Proclamo guerra e morte a D. João Segundo.

BISPO, *com voz atónna.*

Em nome do Deus vivo, o Salvador do mundo!

Valtando se para o crucifixo.

Senhor, que agonisasses n'essa bemfida cruz,
Vós o dissestes já, n'esses dias de luz,
Em que haveis percorrido a senda amargurada
Da nossa redempção: «Quem trucidar co'a espada
«Co'a espada morrerá.» Não é, Senhor, justiça
O castigar os maus? prender a vil cubija,
E verter sem piedade o sangue do assassino?
Vós o dissestes já! Sim! cumpre-se o destino!
Ergamos sem temor o braço justiceiro
Sobre o throno real; do negro captivoiro
Salvemos a nação!

MENEZES

O Christo disse: «Dae

«A Deus o que é de Deus, a Cesar...»

D. GUTERRES

Perdoas?

Da maxima eis agora a glossa mais cabal:
A Deus o nosso amor, ao rei nosso punhal.
Não é verdade, ó Christo?

MENEZES

Eu creio...

BISPO

D. Guterres,

O Senhor vos approva,

A D. Fernando de Alencar.

Irmão, irmão, não cerres
Os olhos á verdade. Escuta a voz do Eterno,
Que repercuta agora em meu labio fraterno:
Aprouve a Deus armar da viera o braço imbelie
Alim de libertar seu povo. Pois se Aquelle
Que é Rei dos Reis assim poz em debil mulher
O seu poder, dizêi, não ha de proteger
A nossa justa causa, a causa dos oppressos?

MENEZES

Lamento, como vós, os tragicos successos
Que têm ensanguentado a porpura real.
Mas prestae attenção á minha voz leal.
Pensae que todos vós jurastes vassalagem
A el-rei nosso senhor...

DUQUE

Quebrada essa metagem,
Que a força nos impoz, pela real perfidia.

MENEZES

Pensae que nobres sois, que dos reveis a insidia
Maculará talvez vossos altos braços.

D. GUTERRES

Ah! senhor D. Fernando, um momento! As traições
Têm manchado sómente o rego diadema.

MENEZES

Vide que desprezas do Christo a lei suprema,
Que manda perdoar injurias e castigos
E amar e bendizer os proprios inimigos.

BISPO

Dize Jesus tambem: «Os membros infectados
«Corta-os no corpo teu: são fonte de peccados.»
Ora el-rei D. João é pestilenta chaga
No corpo nacional; que sirva a nossa adaga
Para a patria salvar que trémula agonisa.

MENEZES

Por ultimo, pensae que a sedição precisa
De ter meios... e fim.

SILVEIRA

Os meios? a vontade

Energica e viril que aspira á liberdade,
 Nossos pulsos leaes, a vividaoura força
 Que faz com que a nobreza, agora, inda se estorça
 Sob o jugo cruel do rei sanguinolento,
 A sacra indignação, o arrojio de um momento,
 Os castellos sem dono, as villas sem senhor,
 E o intenso ferilhar do vindice rancor,
 Os fins? despedaçar o ferreo despotismo,
 De um cadaver somente encher o fundo abysmo
 Aonde se despenha o pobre Portugal,
 Finalmente cingir da purpura real
 Hombrós mais dignos, sim! de um príncipe magnanimo
 Da alta estirpe de Aviz, em quem resurge o animo
 Do generoso tronco...

Aponta para o duque.

... o duque de Vizeu!

D. GUTERRES

Morra el-rei! Viva el-rei!

TODOS, menos o duque e Menezes, abafando as vozes.

Viva!

DUQUE

Senhores, eu
 Escuto commovido o vosso ardente voto.
 A' vingança mortal desde hoje me devoto.
 Mas tem um filho el-rei: a esse de direito
 Cabe o sceptro...

MENEZES

Isemção nobre!

SILVEIRA

Porém, se eleito
 Fordes vós pelo povo!...

D. GUTERRES

Em mãos de uma creança
 O sceptro não convém.

TODOS, menos o duque e Menezes.

Não!

BISPO

Juremos vingança
 Primeiramente!

TODOS, menos Menezes.

Sim! Juremos!

BISPO

Pelo Christo
 Que nos contempla além!

TODOS, menos Menezes.

Juramos!

Todos se põe estendem as mãos para o crucifixo: Menezes conserva-se afastado. Neste momento escutam-se bruxidos particularis que se apõem na porta exterior. Movimento de espanto geral.

D. GUTERRES

Deus!

DUQUE

Que é isto?

MENEZES

Vou saber, senhor duque.

Sar pela F.

DUQUE

Estranha interrupção!

BISPO, *a D. Guterres.*

Visita inoportuna!

D. GUTERRES, *ao Bispo.*

Acaso uma traição!

BISPO, *como acima.*

Julgaes?

D. GUTERRES, *como acima.*

Reccio!

BISPO, *como acima.*

Não!

SILVEIRA, *ao conde.*

Que novem se avizinha?

MENEZES, *voltando pela porta de F., ao duque.*O senhor D. Manuel, Sua Alteza a Rainha,
Que desejam fallar é infanta vossa mãe.

DUQUE

A Rainha!

BISPO

A Rainha!

D. GUTERRES

A taes horas!

DUQUE

Pois bem!

Tem segredos leaes as casas do arcebispo.
Importa que fujaes a todo o transe.*Dirige-se para a porta secreta de D.*

Bispo,

Uma porta secreta, aberta na parede,
Existe aqui. Por ella heis de salvar-vos...*Abrindo a porta.*

Vêde!

Um largo corredor condaz-vos ao mosteiro
De S. Domingos.

BISPO

Bem!

DUQUE

Segui-me. Eu vou primeiro,

Afim de vos guiar. E' negro o claustro, e as monjas
Não podem acobier com mimos e lisonjas
Os que a taes horas vão turbar o seu profundo
Silencio. Sim! talvez por almas do outro mundo.
Vos tomassem. Entrae!

Detem-se como se lhe occorresse de subito uma ideia, aparta.

E Margarida!... Embora!

Eu voltarei.

A D. Fernando de Menezes.

Ficaz. O pagem da senhora
Infanta que a previna. Em breve torno.

Ao logo e mais fidalgo.

Vinde!

MENEZES, *junto da porta.*

Apressae-vos!

SILVEIRA, *aparte, pensativo.*

O duque é nescio! Assim prescindir
Do sceptro portuguez! E' mister resolver-o!
João das Regras ainda ha de resurgir.

Sae pela porta secreta com os outros fidalgos. Menezes fecha a porta, e vai depois abrir a porta da R.

MENEZES, *para dentro, chamando.*

Tello!

Apparece um pagem com quem Menezes fallia ao instantar em voz baixa. O pagem sai.

Agora aos outros dois!

Abre a porta de F. sai um instante, e volta logo precedido da Rainha e de D. Manoel.

SCENA V

A RAINHA, D. MANUEL, D. FERNANDO
DE MENEZES.

MENEZES

Perdoae-nos, senhora,
Termos feito esperar a Vossa Alteza... Est' hora...

RAINHA

Não é propicio, não! a taes visitas... Quero
Rogar-vos, D. Fernando...

MENEZES

Que ordenareis... A mim, senhora? Espero

RAINHA

Mas não!... eu rogo...

D. MANUEL

Vossa Alteza? Porque hesita

RAINHA

Não... não conste... Convém... convém que esta visita

MENEZES

Senhora, eu penso que ninguém
A saberá... ninguém...

RAINHA

Menezes ass.

Oh! graças!

SCENA VI

A INFANTA *entrando pela E.*, A RAINHA,
D. MANUEL.

RAINHA, correndo para a Infanta.

Minha mãe!

D. MANUEL

Senhora...

INFANTA, dirigindo a Rainha que vai a tomar-lhe a mão.

Perdoai... Envolta em tristes vestes,
Anciado pela paz á sombra dos cyrestes,
Alheia ao mundo vil, amando a solidão,
Banhando na saudade intensa o coração,
Vendo apenas luar relampo fugitivo
No sorriso de um filho idolatrado, eu vivo
Melancólica e só. Que vindes trazer vós
Ao meu eremiterio? acaso a minha voz

Póde achar echos onde um throno augusto beilha?
Vindes como Rainha... ou vindes como filha?

RAINHA

Ah! minha mãe! sois vós a unica sob'rana
Aqui! perante o vosso olhar, nada me ufana,
Que não seja trocar os brulhos deslumbrantes
Por um só beijo vosso, ó minha mãe!

INFANTA, com amargura.

Sim! d'antes

Bastava um beijo meu na vossa tenra face
Para que na vossa alma a dor se amiquilasse!
Hoje recio até que um beijo maternal
Perturbo a doce paz do thalamo real.

RAINHA

Oh! minha mãe! por Deus, calae-vos!

INFANTA

Sois rainha

Para mim! O passado, esse jaz só na minha
Tão saudosa memoria. Ah! quando Sua Alteza,
O meu genro, poz mãos sangrentas na sobreza
D'estes scinos, então as nuvens d'esse crime
Toldaram na minh'alma a ternura... Esqueci-me
De que era minha filha a esposa do tyranno,

Voltando-se para D. Manuel.

E de que um filho meu erguia o braço insano
Para o throno real... como a pedir-lhe abrigo.

D. MANUEL

Senhora, sois cruel!

RAINHA

Injusta sois commigo,
 Minha mãe! minha mãe! Não vêdes como eu choro?
 Pois não sabeis que sobre o meu luzido thoro,
 Tem cahido o meu pranto acerbo de agonia!
 Não sabeis que a minh'alma, ah! sangra dia a dia,
 Rasgada dos florões do meu diadema regio?
 Das villas o destino invejo, sim! Protego-o
 A sombra amiga, o lar silencioso e pobre;
 E quando a magoa vem, embora! inda se encobre
 Sob os cenúas do amor. Mas ra, meu Deus! mas eu
 Não tenho um peito amigo; a propria luz do ceu
 Como que para mim se annuvia. Dizei
 Que sou rainha, sim! exposa, não! d'el-rei.
 Meu pobre coração cobriu-se já de lucto
 Por seu amor.

INFANTA

Bem sei! Traidor e dissoluto!

RAINHA

Ah! vós sabeis, sabeis! as serpes do ciume
 Tem roído a minh'alma... O incauto nem presume
 Que eu tudo sei!... sim! quer ao filho do meu seio
 Jantar o fructo vil que do adulterio veio!
 Mas não! não pode ser! que o meu amor materno
 Ha de fartar mais esta angustia ao meu inferno!
 E ainda me dizeis... Ah! sois descaravel,
 Minha mãe! E nem disse a dor mais implacavel

Que me devora o peito; a tremenda ameaça
 Que pelo regio cahir, como um lampejo, passa,
 Quando acaso recorda agravos do passado
 Do duque meu irmão...

INFANTA

De vosso irmão? Cuidado!
 Faz-vos injusta o sceptro, invilecido agora,
 O sceptro que brilhou, altivo, puro, outr'ora,
 Entre as heroicas mãos dos vossos avoengos!
 Como se illadem, como, os olhos realengos!
 Pois eu vos digo, eu mesma, a vós, Rainha! agravos,
 Commetta-os el-rei só, q'tendo fazer escravos
 Os fidalgos do reino, escravos do seu throno,
 Servos do seu poder, cedendo ao abandono
 Dos seus fôros e jus, cedendo nobres privilegios,
 Que encheram já de lustre os nomes seus egregios.

RAINHA

Deixae!... pobre mulher maguada, nem eu sei
 Se é culpada a nobreza ou criminoso o rei!
 Apenas vejo, ó crez! o gladio atroz suspenso
 Sobre o collo fraterno. E tremo quando penso
 Nesta visão medonha! Assusta-me o futuro!
 Só quizera salvar meu pobre irmão... Ah! juro
 Que a isso vim!

INFANTA

Agora?

RAINHA

Agora sim, meu Deus!
 El-rei suspeita... Oh! mãe, salvar os dias seus!

INFANTA

Mas porque?

RAINHA

Nem eu sei, nem sei. Anjos celestes!
Adivinho, receio...

INFANTA, *avessa, voltando-se para D. Manuel.*

E vós a que vistes?

D. MANUEL, *trémulo.*

Minha senhora e mãe, eu vim apenas... vim ..
Para... para dizer...

INFANTA

Nem vós sabeis! Assim
Vos treme a voz! Terror, por certo, agora invade
A vossa alma! Terror da regia magestade!
Terror negro e febril do irado despotismo!
Terror que assulta os vis...

D. MANUEL

Ah! senhora!

INFANTA

Sim! diz-m'o
A pallidez que invade agora a vossa face,
Como se o nobre sangue assim se envergonhasse,
Depois de palpar em nobres corações,
De vibrar do terror nas crebras pulsações.

D. MANUEL

Julgo que me offendeis...

RAINHA

Silencio, irmão!

D. MANUEL

Deixao-me!

RAINHA

Silencio, vol-o ordeno!

A Infanta.

Ah! senhora! escutao-me
Inda uma vez! Não quer vosso materno affecto
Roubar ao cadafalso o filho predilecto!...

INFANTA

Ao cadafalso!...

RAINHA

Sim! Em mais estreito espaço
Enfraquece a real clemencia do que o braço
Do verdugo! Inda esp'raes!... Não! o perdão não volta...
Oh! muito mais que és-rei, eu tremo da revolta!
Dizei a meu irmão, dizei-lhe por piedade,
Que se curve perante a sacra magestade
Do seu rei...

INFANTA

Nunca! nunca! Ah! bem percebo agora!...

E cossas inda chorar!... Treméis, treméis, senhora,
De cair também sob a colera suprema,
E que vos não defenda o brilho do diadema!

RAINHA

Minha mãe!

INFANTA

Sim! Treméis sómente pela vossa
Deslumbrante existência... Embora ella só possa
Semiar-se de horror, de lucto e de remorsos!
Porque nunca teres o valoroso esforço
De affrontar nobremente o tenebroso jugo!
Ide, vós ambas, ide! O despota verdade
Póde saber talvez que fallastes commigo...
Tomae cuidado, sim! Correis o grave perigo
De causar desprazer a vosso amo e senhor!
Regressae a palácio! Acalmae o terror!
O filho que me resta é nobre em demasia
Para vos arruinar perante a tyrannia!
Assim, podéis dormir tranquilos!

RAINHA

Minha mãe!

Não peço a Deus castigue o seppoco desdém
Que não me'ci de vós. Não peço! a punição
Viria lacerar meu pobre coração.
De quanto eu soffro, Deus, só Deus é testemunha.
Crêdes bem! Vindo aqui, senhora, acaso expunha
A corôa, a vestura, a paz, o amor do esposo...
Talvez a vida, sim!... Fallaes do meu repouso!...
Repouso, quando o sceptro, o sceptro que eu partilho,
Ameaça na sombra o vosso nobre filho,
Meu adorado irmão!... No instante em que vos deixo,

Do amargo desamor, senhora, não me queixo!
Esqueço o meu pezar! Que o vosso amor materno,
Que se esquivava de mim, refugia inda mais ternu
Sobre meu pobre irmão! Bemdita sejas vós,
E as lagrimas que choro ha tanto, se o algoz...
Ah! mata-me esta ideia, assombra-me... Salva-o,
O minha mãe! Adeus!

INFANTA, *commovida.*

Leonor!

RAINHA

Senhora, saio!

Porque pronuncias um nome que olvidou
O vosso coração?... Ea sou rainha!...

Sofocada em pranto.

...Sou...

Mas rainha que chora... Adeus!

Sae pela F. com D. Manuel.

SCENA VII

INFANTA, só

Ah! minha filha!

Deixou-me só! A mão que me estendeu, cobri-lh'a
De injusta impreciação!... A minha consciencia
Stá-me accusando já de barbara indesciencia.
As lagrimas gentis dos olhos seus em vão
Cahiram sobre o meu estéril coração,

Como as torrentes sobre as dunas do deserto...
Vamos! Meu coração! ergue-te enfim, desperto
Aos embates do amor!... Eis o sagrado trilhão!
Que aponta a sua voz: salvar, salvar meu filho!
Sobera pela E.

SCENA VIII

O DUQUE, depois MARGARIDA

O DUQUE, *abrindo a porta secreta, por onde entra
ambiciosamente.*

Enfim!... Julguei ouvir a voz de minha mãe...
Mas o muro é lei; através d'elle, quem
Poderá perceber o que se diz aqui?
E a minha Margarida espera...

Abre a porta do aposento da D. onde occultos Margarida.

MARGARIDA, *lançando-se-lhe nos braços.*

Tudo ouvi!

DUQUE

Silêncio!

MARGARIDA

Ah! tudo ouvi! Do báculo a voz austera...
A jura... o regicídio... o sceptro que te espera...
E vi na tua fronte as galas do poder!...
Meu Deus!

Chora.

DUQUE

Choras!... porque?

MARGARIDA

Ah! misera mulher!
Cada passo que dás para os Jergãos do throno
Cava mais fundo, a mim, o abysmo do abandono:
E o teu ditoso amor, que me conforta e anima,
Ah! queima-se, bem vejo, à luz que vem de cima!

DUQUE

Mas se te juro...

MARGARIDA

Não! porque has de ser perjuro?
O clarão que illumina o teu gentil futuro
Ensombra mais e mais o meu porvir!

DUQUE

Tristes reccios!

Expulsa

MARGARIDA

Não! O coração que pulsa
Sob o manto real paira mais alto, sei-o;
Nunca pôde vibrar ao brando e puro anseio
De um amor de mulher. A torrente nefasta
Das ambições desfaz, e contamina e arrasta
As meigas fofas; como a cheia fatal,
De verdes folhas despe o triste saiquiral,
E deixa o rude tronco, ermo, sinistro e nu.

DUQUE

Loucas apprehensões! Meu doce amor, crês tu
Que a purpura escondesse a luz do meu passado?
A purpura! se a vejo em teu apaixonado
Labio! Crês que o fulgor da c'róa omnipotente
Me desilumbrá? se vejo em teu olhar rislente
Mais vivido esplendor! Suppões que me inebria
A vil adulação, a branda hypocrisia
De uma corte real? Não! juro pelo céu!
A embriaguez e a gloria... ah! está n'um beijo teu!

MARGARIDA

Ah! falla! mais e mais! A tua voz é doce
Como os cantos da aurora! Oh! falla! dissipou-se
O meu negro terror! As lagrimas que verto
São de ventura, não! Nem deixas, vês decerto!
Sulcos na minha face, ah! não! como as de ha pouco!

DUQUE

Meu bem!

MARGARIDA

Falla-me ainda! o meu terror foi louco,
Bem reconheço, foi!... Inda não me diseste
Que me amavas...

DUQUE

Direi que te amo, anjo celeste!
Mas é pobre o meu labio! Oh! sim! leva-lhe a palma
A musica do amor que vibra na minha alma!

Quanto quero dizer, meus labios impotentes
Só logram traduzi-lo em beijos...

*Batem a porta da E. Margarida arranca-se dos braços da
Duque.*

Que?

MARGARIDA

Não sentes?

Batem de novo.

DUQUE

Aquella porta só batem, se minha mãe
Me deseja fallar!

MARGARIDA

É ella, sim, meu bem!
Ella!... triste de mim! de tudo me esquecia
Nos transportes do amor!... A rainha queria
Prevenir um perigo... Oh! vai! vai! depressa!

DUQUE

Mas como?...

MARGARIDA

Escuta a voz materna! Vamos! cessa,
Meu bem, de interrogar-me! Eu parto! Adeus! adeus!

Batem de novo.

Vês? apressa-te! vai! Supplico-te por Deus!
Conjura o p'riego! Salva a tua e minha vida!
Amanhã voltarei!

DUQUE

Ó pomba estremecida,
Um derradeiro beijo! Adeus!
Beija-a e sai pela E.

MARGARIDA, pensativa.

Renasse para mim a vida! Só amanhã
Abrir a porta secreta dando o grito de alarmo.

SCENA IX

MARGARIDA, DIOGO

DIOGO, *acessando á porta secreta.*

Minha irmã,
* Receio que não seja uma alegria immensa
Que vos prodaz agora a subita presença
De vosso irmão. Julgais acaso inopportuna
A minha apparição. Pois bemdigo a fortuna
Que me guiou té 'qui. Este aposento é nobre,
Grandioso: sobressahe, ah! muito! so nosso pobre
Albergue. Parabens! Eu não vos levo a mal!
E bem melhor pizae o marmore docal
De um palacio opulento, embora a mente louca
Tambem calque o dever e a honra, coiza pouca!
Do que o vetusto chão de uma humilde pousada,
Onde não vé riqueza a vista comtornada
E não veceja a flor desahumbante do opprobrio!

MARGARIDA

Diogo!...

DIOGO

Sempre em vós julguei que era mais sobrio
O vaidoso appetite. Agora, minha irmã,
Folgo em ver que o mister subtil de cortezã
Tão cedo vos compraz; se bem que a minha adaga
Sinta a sede viril de se enroscar na chaga
Aberta sobre o peito emsangentado e branco
De um principe de sangue...

MARGARIDA

Oh! meu irmão!

DIOGO

Sou franco,

E quero-vos dizer como até 'qui cheguei.
A porta do mosteiro, ha pouco, divisei
Um grupo apulchral de nobres que sahia...
Reconheci sómente o biapo D. Garcia
E o duque de Viseu. O aspecto tenebroso
D'elles moveu em mim o instinto curioso.
Nas sombras escociei-me, e então, furtivamente,
No claustro penetrei. O duque, em continente,
Entrou, cerrando a porta. Chri-o, mas não pude
Seguil-o, entre o mortal silencio de stado
Que reinava no claustro. Assim vagueei, perdido
Na treva, estremecendo ao tremulo ruido
Dos meus passos, por entre as lobregas columnas
Na cornija das quaes as aves importunas
Adejavam. Depois, subindo escalearias,

Pesando sobre mim abobodas sombrias,
Julgase ouvir rumor de vozes. Quando emfim
Tentava perscrutar as trevas, ante mim
Uma porta se abriu. E á luz amortecida
Surgiu, bella surpresa! a doce Margarida,
A minha casta irmã, buscando n'um solar
A vergonha que falta em nosso humilde lar.

Aparté.

El-a sbatida... E' tempo... Armemos a cilada!

Alto.

Que diacis?

MARGARIDA

Meu irmão, sois justo, e eu sou culpada.
'Stou no vosso poder. Matae-me!

DIOGO

O que! matar-te!

E o crime que me entrega á justiça! E d'esta arte
Deixar isenta a vida ao nobre seductor...
Zombas commigo, irmã! Os delírios do amor
Toldaram-te o pensar!

MARGARIDA

Max se te digo, irmão,
Que a culpada sou eu... eu só... que a sedução
Fui eu que a preparei... No meu olhar não vês
A vil depravação... a cynica avidéz...
A loucura do amor... mas só do amor sinistro
Que tem por gloria a pompa e o ouro por ministro!...
Pois tu não vês! não vês!... Ah! crava o teu punhal
N'este peito arrojante aos embates do mal...
Sé justo, meu irmão...

DIOGO

Pois bem! quero ser justo...
E vingar-te, e vingar-me. Assim, a todo o custo,
Hei de ver estorcer-se em convulsões supremas
O vil que te infamou...

MARGARIDA

Ah! nunca, irmão!... Não tremas
Perante o fratricídio. Eis o meu peito. Fere!
E' justo que um furor insano se apodere
Da tua alma, deixando a salvo a inconsciencia,
Voltando os golpes contra a illusa inexperiencia?
Se algo me seduziu, a mim, villã subtil,
Foram os brilhos vios do fausto senboril,
A riqueza, o esplendor... Ah! n'elle não ha crime!
Escuta a minha voz.

DIOGO

Embalde! Amor exprime
Sómente o labio teu! E mais, e mais se agrava
A sede de vingança. Arreda, vil escrava
De um criminoso amor! Arreda, barregã!
Hei de matar o teu amante.

MARGARIDA, *com terror.*

Ah!

DIOGO

Minha irmã,
Deshonrada e perdida, hei de vingar-a...

MARGARIDA

Escuta!
 O destino hutei, e succumbi na luta!
 Fui criminosa! mas, ó meu irmão, não crês
 Que a tua imagem veio erguer-se muita vez
 Perante o meu amor?... Sonhava que brotasse
 Do lodo em que eu tombei a luz que te banhasse
 A fronte ambiciosa!... E na paixão insana
 De um coração d'acal eu procurava, ufana,
 A minha e a tua gloria!

EUGO

O canto da sercia!

MARGARIDA

A riqueza... o poder... Ah! não te ilongueia
 Essa esperança gentil?... No teu olhar fraterno
 Vejo perdão, amor...

EUGO

A tentação do inferno!

MARGARIDA

Não vês no teu porvir as seducções da gloria!
 E's sabio, meu irmão... Pois não te alenta a historia?
 De Theresa Lourenço o ventre maternal
 Gera o fausto porvir do nobre Portugal.
 O apaixonado amor de el-rei D. João Segundo
 Despreza hoje o clamor da esposa, a voz do mundo,

Para a fronte adornar do filho adúlterino
 Co'a c'róa principesca.

Com voz muito descomposta.

E... diz mais o destino!
 Leonor Telles ergueu a fulgida cabeça
 Sob o regio doce!... Entendes?

EUGO, como que abalado.

A promessa
 Do destino é radiante, é seductora, eu sei!
 Mas tu não és, irmã, amada por um rei!

MARGARIDA, *aparte*.

Tentemos tudo, tudo!
olho.

E se o fosse?..

EUGO, *aparte*.

Vencida!

Aho.

Pois bem!... Talvez que então... Decerto, Margarida,
 Veria n'esse amor a luz da minha esperança,
 O termo d'esta sede ardente que me cansa,
 D'esta sede fatal de glorias, de esplendor,
 De opulencias... Ah! tudo eu via n'este amor!
 E de um monarcha sob os amorosos estos,
 Dissipavam-se emfim os negrums funestos
 Da miséria, da luta insana, da baixaza...
 Mas para que nutrir uns sonhos de grandezza
 Brilhante, mas fallaz?... Nescia! A tua ambição
 Não se ponde elevaz além do coração
 De um potente fidalgo...

MARGARIDA

Em cuja fronte assoma
Claro de uma alvorada, em cuja negra côma
Vagamente reluz o magico diadema...

DIOGO

Como?...

MARGARIDA, apontando para o crucifixo,

Juras, irmão, silencio, ante a suprema
Magestade do Christo?... Ah! dize! juras!

DIOGO

Juro!

A parte.

Se o silencio me apraz!

MARGARIDA

Confia no futuro!
Ah! sobre a minha fronte altiva e triumphante
Hão de os beijos cabir, irmão, de um regio amante.

DIOGO

Mas dize-me...

MARGARIDA

Silencio! Hei de contar-te... Vem!

DIOGO

Dessa chamma vivez que a tua alma contem
Virá uma scintilla illuminar a minha?
Dizes-me tudo?

MARGARIDA

Sim!

Diogo permanece pensativo á boca da scena. Margarida avança em silencio para o crucifixo, aparta.

Meu Deus! triste e mesquinha,
Lançaste sobre mim divina inspiração!
Obrigada, Senhor! No fogo da ambição
Consumiste a vontade enérgica do crime!
E salvo! é salvo enfim! Graças, meu Deus!

A Diogo.

Segui-me!

Depressa! O que vos diz o absorto pensamento?
Depressa!

Vae abrir a porta secreta.

DIOGO, aparte.

O que me diz?... Que é fumo um juramento!



ACTO III

O ATTENTADO

Gabinete de El-Rei, nos paços de Santarem, contíguo á camara real. Para esta se entra por uma porta á D. Porta ao F. que dá para a escadaria do palacio. Porta á E.

Meza do lado E. da scena.



SCENA I

EL-REI, *sentado junto á meza*; ANTÃO DE FARIA, *em pé, junto d'elle*; FERNÃO DA SILVEIRA, *por detrás da cadeira onde se senta El-Rei*; FERNÃO MARTINS MASCARENHAS, *ao F. conversando com o CONDE DE MARIALVA, D. PEDRO D'EÇA e outros rivales*; PERO D'ALEMQUER, *á D., n'outro grupo*; proximo d'elle MESTRE ANTONIO e JOÃO FERNANDES GODINHO; RUY DE PINA. *Guardas a todas as portas. Fidalgos em grupos diversos. Pergaminhos, papeis, etc. sobre a meza. Anotece.*

ANTÃO, *a el rei, mostrando-lhe um papel.*

Carta de Ruy de Souza, embaixador que em breve regressa de Inglaterra.

EL-REI

Ah! sim!... O que me escrevet

ANTÃO

Dentro em pouco virá aos pés de Vossa Alteza
 Dar conta da missão... Mas pôde dar certeza
 De que el-rei de Inglaterra o recebeu, contente
 De confirmar a antiga aliança novamente.
 Quanto á Guiné...

EL-REI

Dizei!

ANTÃO

Promette el-rei D. Duarte
 Em seus reinos vedar que se arme em qualquer parte
 Para aquella região...

EL-REI

Ah! muito bem!

ANTÃO

... da qual
 Reconhece o dominio a el-rei de Portugal.

EL-REI

Muito bem! muito bem! A corte de Inglaterra
 Tem nos lábios a paz, no coração a guerra.
 É prudente com ella andar de sobrevivio.
 Que mais novas, Antão?

*Antão de Faria percorre com os olhos uma carta, e parece
 hesitar.*

Pareceis indeciso!

ANTÃO

Ruim nova, senhor, a carta nos revela.

EL-REI

Dizei breve.

ANTÃO

Senhor, foi presa a caravela
 Que da Mina voltava ha pouco, cheia d'ouro...

EL-REI, sem colorer abgata.

A tanto se atreveu talvez um perro mouro?...

ANTÃO

Não foram mouros, não! os seus apresadores:
 Foram francezes.

EL-REI

Como! Andares roubadores
 Por vassallos fieis os tem el-rei de França!
 De tal feita se quebra um pacto de aliança
 Entre as mãos da avidéz! — Ouvistes, Rey de Pina!
 Por francezes roubado o meu navio da Mina!
 Que me cumpree fazer? Essa traição infame,
 Como vingar?

PINA

Senhor, se o meu fraco dictame
 Pôde ter algum peso em vosso illustre engenho,
 Ouso dizer...

EL REI

Fallae. Em grande peço tenho
O vosso bom conselho. Em arduas embaixadas
Foram vossa prudencia e industria já provadas.
Fallae.

PINA

Graças, senhor! A tal respeito creio
Que, para obter justiça, o mais proficuo meio
É mandar Vossa Alteza alguém de confiança
Desde já reclamar junto á côrte de França.

EL REI, abanando lentamente a cabeça — a Antão.

Vós, Antão, que dizeis?

ANTAO

Eu tenho, meu senhor,
O mesmo parecer.
El rei fica pensativo.

MESTRE ANTONIO, a D. Pedro d'Elva — batos.

Supponho que o melhor
É deixarmos o barco á França, por cautela!
Que falta faz a el-rei mais, uma caravela?

PEBO, indignado.

Peste leve o judeu!

EL REI, surtido-o, com sorpresa.

Que estas dizendo, Pero?

PEBO

Perdoe-me Vossa Alteza! É que eu nunca tolero
Que a gente metta em cheio e amaine os papaligos
A rajada de asneira... eu sei! dos inimigos
Do nosso Redemptor!

EL REI

Que disse Mestre Antonio?

MESTRE ANTONIO

Eu disse...

EL REI, avoca.

Não vos fallo!

A Pero.

Então, Pero?

PEBO

O demonio
Tire a lingua aos judeus, perdoe-me Vossa Alteza!
Diz que é melhor deixar a cafila franceza
Ir roendo á vontade esse ouro que é só vosso.

EL REI

E tu, que achas melhor?

PEBO

Tercer-lhes o pescoço
E rouba-os depois... Com trinta zagalotes!...

Perdoae-me!... vereis em breve os franchinotes,
 Não levando a lição, executar proezas
 Até na Mina, mesmo ás barbas portuguezas!

EL-REI

Quanto a isso, sabeis, não deve haver recção!

PERO

Com mil... perdão... Porque?

EL-REI

Sabeis que não ha meio
 De ir á Mina senão nas nossas caravellas.
 Não podem regressar navios que tenham velas
 Redondas.

PERO

Meu senhor, isso é da velha historia!
 Tomára eu ter tão certo o caminho da gloria,
 Como voltar da Mina em um navio redondo.

EL-REI, *impacientado.*

Dizem os capitães o que eu digo!

PERO

Respondo
 Que... que não tem razão! Que eu dance n'uma força
 Se não poder voltar, em nau ou em taforca,
 De toda a costa...

EL-REI, *irritado.*

Sois audaz em desmentir-me,
 Pero!... Um vilão ruim nada ha que não affirme,
 Tudo facil suppõe... e nada faz por fim!
 Calae-vos!

MESTRE ANTONIO, *a parte.*

'Stou vingado!

EÇA, *aparte.*

É bem feito!

PERO, *afastando-se. Aparte.*

Pois sim!

Inda hei de vir da Mina... até n'um galeão!

EÇA, *junto a Marialva.*

Esta gentalha vil...

MARIALVA, *o mesmo.*

São insolentes, são!

EL-REI, *a Rey de Pina.*

Julgo o vosso par'cer prudente em demasia,
 Rey de Pina!

FINA

Senhor, a mim me parecia
Que el-rei de França, assim, daria a desaffronta.

EL-REI

Talvez... porém desejo a solução mais prompta.
Viagem... petições... delongas e despezas.

A Astão.

Não estão no Tejo ainda umas dez naus francezas?

ANTÃO

Julgo que estão, senhor!

EL-REI, levantando-se.

Que sejam apresadas!
Um mensageiro já parta a marchas forçadas
Para Lisboa, a dar a minha real ordem!
A França ha de saber como os meus dentes mordem
Quando me acenam.

*ofendo escreve rapidamente, e entrega um papel a um pagão
que sai.*

PERO, á bocca da scena. *Apartir com entusiasmo.*

Viva! Assim é que é fallar!

EL-REI, que se tem aproximado de Pero. *Em voz baixa.*

Pero!

PERO

Senhor...

EL-REI

Ninguem deve conjecturar
Que possam vir da Mina embarcações redondas.
Que todo o mundo hesite em confiar ás oodas
Do golfo de Guiné as suas naus. Assim
Fica a Mina guardada. Entendês?

PERO, *o mesmo.*

Senhor, sim.

EL-REI, *o mesmo.*

Só possui Portugal latinos bem possantes
Que possam arricar-se em partes tão distantes...
E o camareiro-mór tem darentos mil reis
Em ouro, para ti.

PERO, *inclinando-se.*

Senhor...

EL-REI, *detendo-o com um gesto. Alto.*

Já percebeis
Como o barco redondo é de todo impossivel
Vir da Mina.

EÇA, *baixo a varios faldos.*

El-rei tem sciencia inexcedivel!
Com quanta promptidão convence de sandeu
Este velho barril de mal cheiroso heru.

MESTRE ANTONIO, *lento, muito alegre.*

Deu c'os focinhos n'agua!

EL REI, *passando junto d'elle.*

Ah! mestre Antonio! sciame
Como inda não tomaste as'aguas do baptismo!
E bom depressa entrés no rebanho de Deus!

MESTRE ANTONIO, *aparte, passando.*

Focinhos deram n'agua, ah! sim! mas são os meus!

SCENA II

OS MEISMOS, O BISPO DE EVORA, O VIGARIO DE THOMAR.

EL REI, *sendo entrar, o bispo.*

Ao bispo de Evora hei de expôr quanto deseja
Minha alma que accetéis a luz da Madre Igreja.
Quero entregar meu corpo a um physico christão.

PERO, *aparte.*

Apanha!

MESTRE ANTONIO, *aparte.*

E Pero ri!

EL REI

Vós não me achas razão,

D. Bispo?

BISPO

Senhor, sim.

EL REI

Para ficar sabendo
Quanto para o christão é sacrilegio horrendo
O pôr perversas mãos sobre o corpo de um rei.
A Igreja assim o diz.

Voltando-se para o Vigário.

Vigário, olhae! já sei
Que perdi a demanda em que eu trazia empenho
Contra Rodrigues Paes.

VIGARIO

E' certo, senhor.

EL REI

Tenho
Noticia que sois vós, vigário, o que primeiro
Destes o vosso voto.

VIGARIO

O caso é verdadeiro:
Perdoae-me, senhor, se contra Vossa Alteza
Votei. Como juiz, tal voto não me peza
Porque julguei segundo a minha consciencia.

GODINHO, *aparte*.

A consciencia é mau conselho!

EÇA, *aparte*.

Que insolencia!

EL-REI

Em muito melhor conta eu vos tenho, vigário,
Desde que o vosso voto assim me foi contrario.
Assim devem fazer os honestos letrados
Quando eu não tiver jus.

A Anão de Faria.

De duzentos cruzados,
Antão, faço mercê ao meu leal juiz,
Vigário de Thomar.

VIGÁRIO, *beijando-lhe a mão.*

Ah! meu senhor!

EÇA, *passado, aparte.*

Sua Alteza!

Que diz

EL-REI, *ao vigário.*

Sabei que tenho muito a peito
O ver na vossa frente a mitra.

O vigário inclina-se.

GODINHO, *aparte*.

Eu aproveito
A lição! Quanto a mim, lutarei com vigor
Por nunca dar razão a ei-rei.

EL-REI, *chamando Godinho de parte. Baixo.*

Corregedor,
Tendes—dizem de vós informações bem certas—
Portas cerradas sempre, e sempre mãos abertas.
Olhae por vós, amigo! Olhae como viveis!

GODINHO, *aparte, olhando espantado para ei-rei
que se afasta.*

O modo da fazer a boca doce aos reis
E' condemnal-os pois, já vejo.

EL-REI

Meus senhores,

Aproxima-se a noite.

*Ordem-se tocar as Ave-Marias. El-rei tira o chapéu. Todos o
inclinam.*

Ergamos, peccadores,
Nossas preces a Deus.

Silêncio na scena. O sino para de tocar.

Desejo repousar.

*Os cortiças retiram-se pouco a pouco, inclinando-se deante
de El-rei.*

SILVEIRA, *ao Sique, em voz baixa.*

Hoje às dez horas?

BISPO, o mesmo.

Sim.

SILVEIRA, o mesmo.

Onde?

BISPO, o mesmo.

Deveis estar

Junto aos poços tebes.

SILVEIRA, o mesmo, *fitando el rei rancrosamente.*

Não falta!

*Sarem todos, menos El rei, Antão de Faria e Fernão Martins.
Tem a noticia totalmente. Um pagão traz uma lampada
que coloca sobre a mesa.*

SCENA III

EL-REI, ANTÃO DE FARIA
FERNÃO MARTINS

EL-REI, *sonriço, pensativo.*

Sim! a França

E' menos de temer que o sangue de Bragança
A germinar traições.

ANTÃO, *depois de ter fallado com um pagão,
que sai immediatamente.*

Senhor...

EL-REI

Dizei!

ANTÃO

Franciscano requer da regia magestade
Uma audiencia... Um frade

EL-REI

Como! Audiencias a esta hora!

Que deseja?

ANTÃO

Não sei! Humildemente implora
Que Vossa Alteza digne ouvil-o...

EL-REI

É singular!

Nada mais ajuntou?

ANTÃO

Que vinha procurar
Secretamente el-rei para um negocio urgente.

EL-REI

Demonio! o caso é grave.. e é bom sermos prudente!

FERNÃO MARTINS

Vossa alteza permite?...

EL-REI

O que? dize!

MARTINS

A guarda

Junto da porta está...

EL-REI, interrompendo-o com abreviatura.

Pensais que me acobarda

Um monge... um homem?... Basta! Ergueis audaz offensa
Ao vosso rei...

MARTINS

Senhor!

EL-REI

Calae-vos sem detença!

Este ferro leal tem muita vez cortado
Quatro cyrios d'um golpe, e o meu braço esforçado
Suspendeu na carreira um touro furioso.
E havia eu de temer um bom religioso!...
Antão, mandae-o entrar.

Antão sai; e Fernão Martins.

Sabi!

Fernão Martins sai.

SCENA IV

EL-REI, depois O FRADE e ANTÃO

EL-REI

Pode um revel

Escondêr o punhal debaixo do burel:
Mas ha de succumbir sob este rijo braço,
Antes que a luz arranque ao branco espelho de aço
Uma scintella só.

Entra o frade com osto.

O que vos trouxe, monge,

A taes horas aqui?

O FRADE, depois de beijar com muito respeito a mão de el rei.

Senhor, venho de longe;

Pelo rumor do mundo a doce paz deixei,
E um momento antepuz o int'resse do meu rei
Ao serviço de Deus. Mas poderoso ancelio
A tanto me impelliu: e agora só receio
Que Vossa Alteza dê á minha humilde voz
Menos peso talvez...

EL-REI

Fallae!

O FRADE, hesitante, olhando para osto.

Perante vós,

Senhor, perante vós sómente...

EL-REI

I-vos, Antão!

ostão sai.

SCENA V

EL-REI, O FRADE

EL-REI

Estamos sós. Fallae, monge.

O FRADE

Monge não sou. Senhor, perdão!

EL-REI, *ocultando o rosto.*

Dizeis...

O FRADE

Monge não sou.

EL-REI

Não sois!

O FRADE

Tal disfarce tomei...

EL-REI

Abalançae-vos pois,
Temerario, a affroncar o olhar profundo regio,
Envolto no tremendo horror do sacrilegio?

O FRADE

A tanto me obrigou, meu rei, o vosso amor.

EL-REI

Desafias a Deus! Offendeis o Senhor!
Não vos abeza o corpo a sacra vestimenta?
Sois ousado, vilão! O passo que vos tenta
Ha de ter por desculpa uma razão bem forte
Porque assim arroscia a tenebrosa morte
Que aos herejes se deve.

O FRADE

A morte não receio.
Ah! não se arranca a vida a quem trazel-a veio!

EL-REI

Trazer a vida!... a quem?

O FRADE

A Vossa Alteza.

EL-REI

Como!...

Que q'reis dizer?

O FRADE

A Deus por testemunha tomo
De que fallo a verdade. Occultos na caligem
Da traição, meu senhor, vinte punhaes dirigem
Os seus golpes mortaes ao vosso peito.

EL-REI

Oh bandido, fidalgo ou mestriçal, piedade
 Não esperes tu de mim, se és falso.

O FRADE

Mentir?

EL-REI

Escuta pois. Se tens uma alma affeita
 A grandes ambições, revela o teu segredo
 Sem reserva e sem dó, sem peias e sem medo,
 E essa luz que vens dar á minha consciencia
 Ha de inteira esplender sobre a tua existencia.

O FRADE

Guia-me outro fanal, que não o da ambição.

EL-REI

Falla breve.

O FRADE

Senhor, vasta conspiração
 Se está n'este momento urdindo contra vós.

EL-REI

Vamos! não se recuse a preza ao meu algoz.
 Quem são os chefes? quem?

O FRADE

Senhor, minha alma hesita
 Em levantar o veu d'essa traição maldita.
 O sangue dos meus reis, senhor o sangue vosso,
 Que intentam derramar em perfido alvoroço,
 É d'esse mesmo sangue egregio que nasceu
 O chefe mais sudaç...

EL-REI

O duque de Vizeu?

O FRADE

Custa-me a confessional-ó....

EL-REI

Ah! meu illustre primo!
 Sois vós... S'tou louco, estou!... Demonios! repeti-m'ó!
 O duque... dizes tu?

O FRADE

O duque...

EL-REI

Miseravel!
 Tramaste contra mim enredo abominavel!
 Enganas-me, vilão!

O FRADE

Sobre as chagas bemditas
Eu juro não mentir...

EL-REI

Como o sabes? responde!...
Como o sabes? hesitas!

O FRADE

Esse mysterio, cobre-o
Um tenebroso manto, o veu do meu opprobrio!
Ah! como custa erguel-o! A força me fallece...
Sangra-me o coração...

EL-REI

E que importa? Obedece!

O FRADE

Pois bem! Tenho uma irmã, em cuja fronte meiga
Pousava todo o amor immenso que se arreija,
No silencio de um lar humilde, ao coração
Que o destino orphanou. A voz da seducção
Roubou-a ao meu carinho, e os nimbos da vergonha
Verteram no meu lar a cerração medonha.

EL-REI

E o seductor?...

O FRADE

Foi elle!

EL-REI

O duque?

O FRADE

Senhor, sim.

EL-REI

A tua irmã é pois amante d'elle emfim?

O FRADE

Ai d'ella!

EL-REI

O nome teu qual é?

O FRADE

Díogo Tinoco.

*EL-REI, tira da seo um caderno onde escreve rapidamente.
Com muita brandura.*

Falla breve. Perdôa o meu transporte louco.
Dize como soubeste essa trama villã.

DIOGO

Confiou-me o segredo a minha propria irmã.

EL-REI

Trahiu o amante pois?

DIOGO

Não, meu senhor. A infame
Em meu peito buscou levantar o ensame
Das perversas paixões, na esperança deslombante
De que o manto real deixo os hombros do amante.

EL-REI

Assim pois, caro primo! ergueis bem alto o oihar!
A chamma da realza é bem de enfiçar...
Ah! pobre boeboleta incauta, que te abraças
Na intensa labareda. Oh! podem temoes azas
Tão alto erguer teu vôo, ó infantil suicida
Que nos vergéis do amor deixas a tua vida?

of Diogo.
Dize: os outros quem são?

DIOGO

Nem todos conhecia
Minha irmã; tão sómente o bispo D. Garcia...

EL-REI

Aguarda o bom do bispo a palma do martyrio!

DIOGO

E Fernão da Silveira...

EL-REI

Ah! Fernão!... que delírio
Funesto o foi juntar á tenebrosa grei
Dos assassinos meus! Mesquinho!... E os mais?

DIOGO

Não sei,
Senhor.

EL-REI

Que intentam pois fazer?

DIOGO

Dar-vos a morte,
E o throno ao duque.

EL-REI

Eu mesmo ergo esse estrado forte
Onde elle ha de encontrar um sceptro reluzente,
Feito de aço leal, e, em vez da c'roa ingente,
Um vermelho collar de sangue, tão precioso
Que o peso ha de abalar o collo seu formoso.
Como intentam levar a vil conjura a termo?

DIOGO

Eis o que inda não sei!

EL-REI

Pois é mister dizer-m'o,
Diogo! Sem detença has de partir. Agora
Levarás ao teu lar a luz consoladora
Do perdão...

DIOGO

Meu senhor!

EL-REI

Escuta! e dissimula!
 Affiga tua irmã, o teu terror amulha,
 Aceita os votos d'ella, esp'ranças de ambição,
 Prende em laços de amor seu crente coração;
 Pouco a pouco, subtil, da sua mente franca
 O mais tenue segredo inteiramente arranca.
 Urge saber de prompto o perfido projecto...
 Has de vir logo aqui... O teu zeloso affecto
 Saberei compensar...

DIOGO

Este burel sagrado,

Devo despiil-o?

EL-REI, *irronico.*

Não! Convem que disfarçado
 Venhas. Eu rogarei a Deus que nos releve,
 Pelo justo da empresa, esse peccado leve.
 Deus é bom para os reis.

EM PAGEM, *anunciando ao F.*

Sua Alteza a Rainha!

EL-REI *a Diogo, baixo.*

Silencio!

A Rainha apparece ao F.—Alto.

Frei Diogo, illuminaste a minha
 Pobre alma duvidosa.

SCENA VI

EL-REI, A RAINHA, DIOGO

EL-REI, *a Rainha.*

Um santo cenobita,

Senhora!

A Diogo.

Renovar a paternal visita,
 Meu padre! Escutares o salutar conselho
 Que aos vossos labios vem das fontes do Evangelho.
 Não vos quero deter mais tempo.

DIOGO, *beijando a mão de El-Rei*

Meu senhor...

EL-REI

Ide, e não olvidéis um regio peccador.

Diogo beija a mão da rainha, e sai.—El-rei permanece pensativo.

SCENA VII

EL-REI, A RAINHA

RAINHA, *aparte, olhando para o rei.*

Brilham no seu olhar os sanguinosos laivos

Da colera.

Alto, timidamente.

Senhor, que teãdes?

EL-REI

Serenão-vos!

Porque m'o perguntas?

RAINHA

Diviso em vosso rosto
Um vago annuiar de importuno desgosto...

EL-REI

Vamos! Deveis saber que a mascara risonha
Não é licita aos reis, e que o riso envergonha
A soberba do sceptro. É para o rouxinol
O gorgeio festivo; a agulha flecta o sol
E pensa...

RAINHA

Em que, meu Deus?

EL-REI

Na mesquinhez da terra.

Bruscamente, caminhando para a porta da D.

É tempo de repouso. Ah! o somno que cerra
Os meus olhos á luz, enche de louca esperança
Os meus...

RAINHA

Que q'reis dizer?

EL-REI, *anxiosamente.*

Recordo-me!

RAINHA, *aparte.*

Lembrança

Fatal!

EL-REI, *chamado.*

Pagem!

Aparece um pagem á porta da D.

Dize ao camareiro-mór
Que me recolha.

O pagem sabe.

Vou dar contas ao Senhor.
Amanhã buscarei a paz no sacrificio,
Gingindo o corpo meu de barbaro cilicio.

Abre a porta da D.

RAINHA, *timidamente.*

E nada me dizeis?

EL-REI, *com mal disfarçada raiva.*

Senhora, boa noite!

Sabe pela D.

SCENA VIII

A RAINHA, depois uma DAMA

RAINHA

E contudo é mister que o meu labio se affoite
A interrogal-o... Sim! Fatal prescintimento
Me perturba...

DAMA, entrando pelo F.

Senhora, entrou n'este momento
No paço uma mulher velada, que deseja
Fallar a Vossa Alteza.

RAINHA

A mim?... agora!... seja!

Que entre!

A dama sabe.

Que pode ser? Meu Deus! tremo de tudo!
A inquietação cruel, como um 'styfete agudo,
Golpeia sem cessar meu pobre coração...
Vamos! loucura vá!...

*Entra Margarida, com a dama, que se retira, a um signal
da rainha.*

SCENA IX

A RAINHA, MARGARIDA

RAINHA

Que pretendis então?

MARGARIDA, commovida e perturbada.

Senhora, ouvi-me... Não! nem devo começar
Assim!... Perdão, senhora!... Eu sei! Posso beijar
A mão de Vossa Alteza?
Beija a mão da rainha.

RAINHA, com bondade.

Então! tendes receio!
Porque?... fallae sem medo!

MARGARIDA

Oh! sois bondosa, sei-o!

RAINHA

Porque hesitae?

MARGARIDA

Porque?... senhora, se eu vacillo,
É que um segredo enorme... É força descobri-o
A Vossa Alteza.

RAINHA

Como? um segredo?

MARGARIDA

Tamanho
 Que me lacera o peito, e como um peso estranho
 Me faz vejar de noite, estremecer de dia.
 Tamanho que, ao pensal-o, o horror de uma agonia
 Enche todo o meu ser... A Vossa Alteza venho
 Confial-o... poisim tenho remorsos, tenho,
 De arremessar sem dó, sobre um coração regio,
 A angustia que despreza o humano privilegio.

RAINHA

A angustia?... sobre mim?

MARGARIDA

Sobre vós! — Ah! nem sei
 Como pedir-vos... Sois esposa do meu rei!
 Sim! juro pelo ceul ameaças ou tormentos,
 Nada pode arrancar-me os negros pensamentos,
 Se vós não me jureses silencio!

RAINHA

Juro em nome
 De Deus! Fallae depressa! O susto me consome!

MARGARIDA

E a mim!... Dizel senhora, amaes a vosso irmão?

RAINHA

O duque?

MARGARIDA

Sim.

RAINHA

Com quanto amor!

MARGARIDA

Salvae-o emão!

RAINHA

Salva-o? mas de que? Fallae, fallae depressa!

MARGARIDA

Do pensar que lhe verga a pallida cabeça,
 Do sinistro furor que lhe arma a dextra sobre,
 Da esperanza fatal que nos seus olhos encobre
 A voragem de horror, aberta no futuro.

RAINHA

Por piedade, mulher! revela o teu obscuro
 Segredo!... Tu bem vês! Eu sou mulher... Mesquinha!
 A anciedade rasga o manto da rainha.

MARGARIDA

Dizer... Ah! tenho medo!

RAINHA

Escuta! é necessario
 Que eu saiba tudo, ouviste? Arrojo temerario!
 Pois vinhas só lançar no sacrario de amor
 Que rucho a minha alma o atroz veneno do terror,
 Cravar no coração d'esta mulher a adaga

De uma angustia subtil, e negas-lhe a trianga
Terrível do saber, e o balsamo da esp'rança?
Es crua! Porque expira a tua confiança
Sob um susto pueril? Falla! Não temas! Antes
Que a purpura cingaste os hombros palpitantes,
Sobre elles repousara a fronte juvenil
De meu irmão, e nunca o effluvio d'esse abril
Deixou de perfumar meu espirito.

MARGARIDA

Pois bem!
Juntas ao vosso amor fraterno o amor de mãe,
E nunca podereis ter uma ideia vaga
D'este oceano de amor, sem termo, sim! que alaga
Todo o meu ser.

RAINHA

Amor? quem sois?

MARGARIDA, *com orgulho extranho.*

A sua amante!

RAINHA

Como!

MARGARIDA

Não affasteis vosso olhar hesitante
D'esta pobre mulher! A luz que me illumina
Não cede no esplendor á luz quasi divina
Que dimana do sceptro... E se um deslumbra a vista,
Não ha, senhora, olhar humano que resista
À vertigem, fitando a rubida cratera
Do meu peito amoroso.

RAINHA

Ah! tens razão! Podera
Eu proprias libertar meu coração da pallida
Escravidão do solio, e como uzurpador chrysalida,
Embringar-me de amor, de luz e de perfumes,
Nas campinas louças, longe dos aurores cumes!
Mas diz: o tempo appressa: ah! que funesto p'riego
Ameça na sombra a meu irmão!

MARGARIDA

Senhora! vosso irmão conspira...

Eu digo,

RAINHA, *em voz atafada e tremula.*

Ceus! modera
A voz! Não sentes, dize, o cheiro acre da fera?

Aponta para a porta da D.

Eis-a perto de nós! Na treva, a scintillar,
As faiscas não vêm do seu tremendo olhar?
Mais longe, vem! mais longe! Aqui, cada palavra
É como punhalada incerta que escalavra
O corpo juvenil do teu amante.

MARGARIDA

Horror!
Ah! ser-lhe-hia verdugo o meu immenso amor!...
Fujamos!

RAINHA

Vem, mulher! Revela-me... Sê forte!
Perante nós, ouviste? ha de hesitar a morte!

Sabem pela E.

SCENA X

FERNÃO MARTINS, UM GUARDA DA CAMARA REAL.

Entram pelo F. passados momentos.

MARTINS

Velae n'este sponento... Ah! repousa el-rei...
Sou eu que vos impocho esta guarda. Não sei
Que vago presentir me assalta...

Affasta-se para o F. Retrucoendo.

Mas cautela!

Não sabe el-rei que impuz mais esta sentinela;
Por isso não convem fazer ruido. Creio
Que el-rei se irritaria no meu louco recio.
Vigie... mas silencio!

Sale pelo F.

SCENA XI

O GUARDA, só.

*Apresenta-se ao só, sobre um livro de si um olhar investigador
e descobre a face mais oculta de outro. E o duplo de
Viziu.*

Oh! sim! hei de velar!

A morte é que me empreza o seu gelado olhar.
Eis-te guardado, ó rei! Nas sombras do teu leito,

Nem has de ver o ferro a traspassar-te o peito!
E quando d'essa chaga hiamte e pasticeira
O sangue espaldar, levando a vida inteira,
Has de nas trevas ver, o pavuroso espectro
De Hiraçã a partir-te o amaldiçoado sceptro.
Esta mão! esta mão! ó rei sanguinolento!
Has de vê-a surgir, no derradeiro alento,
Das sombras de um sepulchro, a dextra vingadora
Que raga no teu peito as nuvens de uma aurora!
E amanhã, quando o sol, radiante e bemfazejo,
Iluminar de chofre o funebre cortejo,
Quando o bronze vibrar na derradeira prece
E o jazigo engulir o despota refecce,
Ha de um suspiro erguer, de allivio e de conforto,
O scio colossal do reino semi-morto;
E sob esse tremendo arfar de tempestade
O patibulo vil ha de cahir, sim! ha de
Cahir, como se houvesse as lagubres juntas
Roidas pelo sangue, e rebentar das puras
Arterias da nobreza! Amanhã! amanhã!...
Que promessas gentis n'essa aurora louça!
Cheio um tumulto mais, e vago mais um throno!
E nem ousa medir o quanto ambiciono!...
Vê-se grande e pequena, a um tempo, esta minha alma.
Grande nas ambições que um brando amor acalma,
Pequena quando verga ao fogo seductor
De um olhar de mulher; não passa, que miseria!
Minha esperança além da lapide funerea
Que ha de encobrir um rei; e o sceptro que deslumbra
Deixa-a louca paixão immerso na penumbra!

Funde as mãos sobre o coração.

Mas não, lobo cerval! espera! hei de vencer-te,
Hei de prostrar-te enfim, junto do corpo inerte
D'esse tigre feroz...

Aponta para a D.

...que além repousa, além!
 Soberbo coração, has de morrer também!
 E das cinzas mortaes—transformação suprema!—
 É que ha de levantar-se a luz do meu diadema.
 Não mais amor! não mais! Vamos! é tarde! é tarde!
 Que não me prenda o braço hesitação covarde!
 A minha grei espera, attenta, sobre a tua!
 Que os olhos que o fulgor da minha adaga tua!

Arranca um punhal do cinto.

N'estas nupcias da morte, ó ferro virginal,
 Vae germinar de ti um novo Portugal!

Corre á porta da D. que seiza abrir. Com furor.

Cerrada!... Satanaz! O monstro sem coragem
 Sonha co'a punição da lobrega carnagem!...

Sacudindo a porta.

Meu braço ha de vencer a inerte resistencia
 D'este madeiro vil...

SCENA XIII

O DUQUE, A RAINHA

*ol Rainha entra pela E. não deparar com o duque á entrar
 a porta da câmara d'el-rei, solta um grito de terror.*

RAINHA

Meu Deus! Deus de clemencia!

Corre para o duque que se detem sobreestado.

Que pretendes, villão?

Reconhecendo-a.

És tu, Diogo, és tu?

Porque fulge na mão tremente o ferro nu?

Aperta-lhe violentamente na mão que segura o punhal.

Dize: que vaes fazer? que furias do destino
 Te rejaram, irmão, nos lodos do assassino?
 Não vacilles, traidor! Bem vês! sou a rainha!
 Concede ao teu punhal meu peito por bainha!
 Eis-me aqui! vibra o golpe!

DUQUE

Irmã!

RAINHA

Ah! tens receio!

Animo! urge esquecer que foi sobre este seio
 Que muita e muita vez teus olhos de creança
 Se cerraram na paz, na doce confiança
 Dos sonhos infantis! Agora, sobre os meus,
 Tu vaes lançar o somno eterno, que só Deus
 Póde cortar no ceu. Coragem! porque hesitas?
 Não expulses do peito as tentações malditas!
 Eis-me prompta a morrer! se vil até ao fim!

DUQUE

Silêncio, irmã!

RAINHA

Não dês um nome tal a mim!
 Tua irmã! tua irmã! Enganass-te, sicario!

Tuas sangrentas mãos não tocam no sacrário
Onde a minha alma guarda a luz do amor fraterno.
Tua voz para mim é como a voz do inferno;
Teu espirito pertence á escuridão do crime,
Fratricida e vilão!

DUQUE, com voz retumbante.

Demonios! infundi-me
O perdido valor! Ah! tenho aqui a morte,
E hesito ainda!... Sim! é preciso ser forte!
Tu tens razão, mulher! que importa a imprecação
D'essa débil garganta? O teu clamor é vão!
Eu não commetto um crime, executo a sentença!
Ah! sou cobarde, sou!... E' tarde! Urge que vença
O meu coração vil e que no sangue lave
As nodas da realidade...

RAINHA, atirada.

Irmão!

DUQUE, ardentiss.

Nome suave

A que eu não tenho jus. Invoca antes, mulher!
O nome d'esse esposo, ah! sim! que vai morrer.

RAINHA

Piedade!

DUQUE

Não existe onde a justiça existe.
Na minha alma sómente a colera persiste!

Reside no meu braço a força da vingança,
Reluz no meu punhal a vida, a gloria, a esperança,
De uma nação inteira! Ah! sou vilão!... Pois bem!

Atta o júbilo.

Eis o alívio claro onde se contem
Minha fama immortal!

*Corre para a porta da D. A rainha intercepta, ajoelhando
dizendo d'alto.*

RAINHA

Suspende, irmão, suspende!
Quero dizer... A voz no meu labio se prende!
Ah! sou débil mulher! Eu nada posso, vós!
E' grande a tua dor, e bem justa talvez
A colera que infunde a força no teu pulso!
Mas escuta-me ainda... O peito meu convulso
Ah! não se atreve, não! a defender o rei!
Mas ao pai de meu filho, ao homem que eu amei
C'o santo amor de esposa, alto, sereno e forte,
Oh! quero disputal-o á escuridão da morte!
Colloca a viuvez, a negra desesperança,
A orphanidade e a dor na tragica balança,
Onde tu vas pesar a sorte de um paiz!
Escuta, meu irmão... O teu braço não quiz
Tilaccrar-me o peito!... Ah! nada te sustem,
Nem prantos de viuva ou lagrimas de mãe,
Nem a visão fatal do pertinaz remorso
Que ha de minar-te a vida! Oh! diz! Em vão me esforço
Por te reacender no alívio coração
Uma scintella só de amor! Pois a ambição
Ha de assim triumphar da tua alma innocente,
Que não te deixes ver, na estrada resplendente
Que te conduz ao throno—ao martyro talvez!—
Um coração de irmã que tu calcas aos pés?

DUQUE, *sombrio.*

Na estrada que conduz ao throno?..

RAINHA

Ao throno, sim!
 Uma pobre mulher me disse ha pouco a mim
 A tua esp'rança... eu sei!...

DUQUE

Uma mulher!

RAINHA, *estupefacta.*

A tua...

A tua amante...

DUQUE

A minha... Oh! Deus! minha alma estua
 Num encontrado mar de sombra e luz, de vida
 E morte... Tu fallaste em minha... em Margarida?

RAINHA

Foi ella que fiou do puro amor de irmã
 A tua salvação...

DUQUE

Foi ella?... Barregã!
 Já nada escuto... A morte! a morte, eis que se apressa!
 Sim! quero ser algoz, quero, antes que enlouqueça...
 E tudo mergulhar na sombra onde a minha alma
 Se estece... Nada quero ouvir!

RAINHA

Meu Deus! acalma

O furor insensato!

DUQUE, *impellido a violentamente.*

Afasta-te, mulher!
 A minha obra é de sangue... El-rei deve morrer!
Corre impetuosamente á porta da D., que sacode com força.

RAINHA, *tentando detê-lo.*

Ah! não quero... perdão... perdão...

EL-REI, *dentro da camera.*

Quem bate ahí?

*O duque detem-se, e escuta demoradamente. Ouem se passa ao F.*RAINHA, *desolada.*

Escuta... meu irmão... El-os que vêm...

Aponta para a porta da E.

Aí!...

Foge, irmão da minha alma...

DUQUE, *hesitando ainda.*

Ah! perto do meu alvo,
 Tudo perdido ver, perdido eu proprio!...

Corre para a porta da E. por onde sae. A rainha fecha-a e fica junto á ella.

RAINHA

Salvo!

SCENA XIII

EL-REI, A RAINHA, FERNÃO MARTINS
GUARDAS E PAGENS.

El rei apparece à porta da D. e quasi ao mesmo tempo entra pelo F. Fernão Martins, acompanhado de guardas e pagens, com archotes.

EL-REI

Qué ruido foi este? A'quella porta, agora,
Alguem bateu... alguém... Staveis aqui, senhora?

RAINHA, tentando dissimular a sua perturbação.

Não...

EL-REI

Nada ouvistes?

RAINHA

Nada ouvi!

EL-REI

Nada! contado...

A vossa pallidez...

Fita pertinazmente a rainha.

MARTINS, aos guardas.

Escadas e saldes!
Guardas! percorrei tudo!

RAINHA, *aparte*. Quasi desfallecida.

Meu Deus!

MARTINS

Vamos! correi!

Guardas e pagens dispõem-se a partir em diferentes direcções.

EL-REI, com um grito.

Ninguém saia!

*El rei não tem tempo de contemplar a rainha, a qual se con-
verte a porta da E., tremula e agitada, encostando-se,
para não cair desfallecida, ao limiar da porta.—El rei,
depois das últimas palavras, dirubalhado a cabeça, or-
dena o facto das mãos de Fernão Martins, e encaminha-
se para a porta da E., exclamando em voz vibrante e de-
moníaca.*

Ao traidor, eu proprio o encontrarei!



ACTO IV

da MENSAGEM

Gabinete no castello de Palmella.



SCENA I

O DUQUE, O BISPO, D. GUTERRES COUTINHO

BISPO

Assim pois, senhor duque, os prantos feminis
Levaram de vencida o amor d'este paiz.

DUQUE

Não foi o pranto, não! que me susteve o braço!
O pranto resvalou sobre o meu peito de aço.
Tinha esmagado tudo, amor, crenças, saúde,
E no meu coração finara-se a piedade.
Impellia-me o crime; e no cranio insensato
Tomava a luz da gloria o horror do assassinato.

D. GUTERRES

Assassinato!...

DUQUE

Sim. Pensei, cheio de espanto,
Depois d'aquella noite, em meu porvir, no santo

Orgulho da nobreza, em tanta coisa vaga,
 Mas sagrada, que eu ia espedaçar co'a alaga.
 Pensei que ia tingir as mãos, embora cheias
 De justiça, no sangue altivo d'estas veias!
 E vi no meu futuro o pallido phantasma
 Do remorso, a crescer, erguendo o olhar que pasma
 Sobre a minha alma. Então, a minha consciencia
 Applaudiu, jubilosa, a ovante resistencia
 Dos meus instinctos bons. Julgou-me... e convenci-me
 Que onde eu via o castigo, havia apenas crime.

BISPO

Fostes clemente pois, senhor duque! Um momento
 Conseguiria enfim a vida e o livramento
 De uma nação de heróicos; pôs-a uma onda escassa
 Do sangue que deshonra a vossa egregia raça
 Restituir a paz, o jubilo, a ventura,
 A patria que contempla a propria sepultura
 Já cavada a seus pés por um real covardo.
 Podíeis ter cortado o infame capoteiro,
 Ah! por um golpe só de vindice estylete
 E transformado assim o vosso capote
 Em diadema real. Em vez d'isso, contudo,
 Fallou em vós o amor... e Portugal foi mudo.

D. GUTERRES

Assim foi, assim foi! O espectro do remorso
 Não vos perturbará, cingindo o horrível dorso
 Nas dobras festivas da púrpura, elevando
 Nas mãos o sceptro de ouro, o sceptro venerando
 Dos monarchas de Aviz, em sangue nobre tinto.
 Mas para vós, senhor, ha de surgir, presinto,

Outra sombra fatal, a sombra vingadora
 De Portugal, immerso em trevas, quando a aurora
 Ia fulgir emfim na lamina brilhante
 D'este punhal.

DUQUE

Pensas que a minha alma, inconstante
 E fraca, esmoreceu no tragico momento,
 E que assim fui deixando o meu pensar ediento
 Aos farrapos, por Deus! nas urzes do caminho?
 Porventura julgas que eu vi, no torpe ninho
 D'esse abutre feroz, as lagrimas da pomba?
 Ah! no meu coração tudo fallece e tomba,
 Mais que á luz da ambição, ás trevas do meu odio.
 Fallaram-me as fúneas sombras de Bruto e Harmodio,
 E eu empunhei então o ferro do assassino.
 Hoje...

BISPO

Quem d'essas mãos o arranca!

DUQUE

O meu destino!
 Braço capaz de erguer, nos céos da refréga,
 Montante colossal, vibrá-lo em furia ceça,
 Vergou ao peso vil de um misero punhal.

D. GUTERRES

Porque?

A infantia sem appareço ha instantes á porta de E.

SCENA II

A INFANTA, O DUQUE, O BISPO
D. GUTERRES

INFANTA

Porque palpita um coração leal
Nesse peito de bronze. Ah! perguntaes porque?
Porque um príncipe, embora a affronta vil lhe dê
Fóros de vingador, na sombra não combate.
Porque é nobre e gentil o laivo de escarlate,
Deixado pelo mar sangrento das batalhas
Sobre um braço fidalgo; ah! mas as rubras malhas
De sangue, que um punhal na escuridão derrama,
São maculas fataes, roendo, como a chamma,
A magestosa côr de um fulgido brazão.

DUQUE, *brilando a.*

Graças, ó minha mãe!

BISPO

Senhora infanta, então
Crêdes mais nobre erguer o facho da revolta,
E cego pelo fumo, insano, é redra solta,
Le-se precipitar no fundo abysmo enorme
Onde o carrasco vela e onde a clemência dorme!

INFANTA

Eu julgo que esta mão, que no porvir affaga
O sceptro portuguez, não pôde erguer a adaga.

D. GUTERRES

Pode erguel-a talvez do solo onde tombou,
Um rei, menos attento ás glórias de um avô
Do que ao serpear minaz da surda rebeldia.

BISPO

Sim! é bem de suppôr que el-rei não tenha um dia
Ensejo de attender a escrupulos pequenos.
Conheço el-rei, conheço, e bem.

INFANTA

Conheceis menos
O duque de Vizeu, meu generoso filho.
Ah! pois q'ricis manchar o deslumbrante brilho
D'essa fronte, e talvez julgasseis que era boa,
Para occultar a mancha, a cinta de uma c'róal
Vede que em suas mãos o ferro do assassino
Rasgava ao mesmo tempo o manto purpurino
Em que leis involver seus hombros juvenis!
Despregava a sua mão do cerulo cariz
A estrella do porvir que lhe allumis os passos,
Para a lançar na sombra, a travez dos espaços!

BISPO

Pobre astro sem zenith! — Deus queira que o punhal,
Que estremeceu perante um coração real,
Não se dirija contra o debil coração
Que não poude vibrar-o!

DUQUE, *estremecendo.*

Impudica visão!

BISPO

Aos vossos pés, senhora! O choro não quebranta
A minha alma de ferro, ah! não!

D. GUTERRES

Senhora Infanta!

Sabem o Bispo e D. Gutierrez.

SCENA III

O DUQUE, A INFANTA

INFANTA

Quero arrancar-te, filho, ás garras que na treva
Buscam prender o vôo altivo em que se eleva
A tua alma!

DUQUE, *como aberto.*

Podesse o doce olhar materno
Apagar dentro em mim o chammejar do inferno,
Que eu sinto aqui, no peito, a devorar-me a vida.

INFANTA

É luz que assomba mais a senda percorrida,

E que esclarece o teu legítimo futuro;
Não é clarão do inferno, é antes fogo puro
Onze a tua alma, filho, em estos te acrisola.

DUQUE, *sempre aberto.*

Podesse eu crei-o! mas o tempo que se evola
Deixa no peito meu, como brilhante escoria,
A saudade e o amor. Que fimos de vangloria
Poderão destruir essa fulgente escuma?
As illusões do amor dissipam-se uma a uma;
Mas o negro pezar, a pertinaz fateixa,
Prende as garras cruzis na minha alma, e não deixa
A sua profundez, ah! sem levar consigo
Pedacos do meu ser!

INFANTA

Que maguas têm abrigo,
Que maguas que eu não sei, meu filho, em tua mente!

DUQUE, *stannente.*

Esqueci, minha mãe, este pensar ardente,
É febre que perturba o cerebro... Esqueci
Quanto vos disse aqui.

SCENA IV

O DUQUE, A INFANTA, D. FERNANDO
DE MENEZES, depois um MENSAGEIRO.

MENEZES, *assomado ao F.*

Mensageiro d'el-rei!

INFANTA, *estremecendo.*

Mensageiro d'el-rei!

MENEZES

É para o senhor duque.
A mensagem que traz

DUQUE

Ah! sim! que venha em paz!
D. Fernando, mandae-o entrar.

Menys sae.

O meu primo e senhor?
O que pretende

INFANTA, *pensativa.*

Ah! tudo te defende,

A justiça e o amor, honra, mysterio e ceu;
Mas toda assim receio...

Entra Menys com o mensageiro.

MENSAGEIRO, *depois de saudar respectivamente
o duque e a infanta.*

Do duque de Vizeu
El-rei nosso senhor de Setubal envia
Esta carta.

DUQUE

Entregae. Verei com alegria
A missiva do el-rei.

Lê a carta entregue pelo mensageiro.

«A meu amado irmão,
«O duque de Vizeu, a regia saudação.
«Aguardo-vos aqui.—El-rei.»

Aparte, á infanta e á Menys.

O laconismo
É bem digno de um rei.

MENEZES, *saio.*

Nuven que esconde o abysmo!

DUQUE, *ao mensageiro.*

Eu saberei cumprir as regias ordens. Ide.

O mensageiro inclina-se e sae.

SCENA V

O DUQUE, A INFANTA
D. FERNANDO DE MENEZES

INFANTA

Vae sem detença, filho!

MENEZES, *com amargura*

O maternal amor? É isso o que decide

INFANTA

D. Fernando? Que pretendes dizer,

MENEZES

Senhora, eu cumprio o meu dever.
Piloto perspicaz, eu vejo no horizonte
A nuvem que ameaça aquella nobre fronte,
E murmuro: Cautella! A tempestade chega!
Não é vento propício ao triste que navega
No mar das ambições.

DUQUE

A previsão é cauta
Em demasia. O vento ha de impellar o nauta
Para porto seguro.

INFANTA

Assim creio tambem.

DUQUE

E depois, e depois, que importa, minha mãe,
Que a nau se despedace em meio dos escolhos
Se por bussola tem a honra, e ante os olhos
O pharol da justiça?

INFANTA

Ah! cala-te, meu filho!
Deus não castiga a quem segue esse nobre trilho.
Vem commigo. Preciso encher-te d'esta luz
Da fé, que dá o amor.

Som a Infanta e o Duque.

SCENA VI

MENEZES, depois MARGARIDA

MENEZES

Miragem que os seduz!
E' forçoso evitar a jornada. Lancemos,
A fim de o conseguir, mão dos meios extremos.
A amante ha de vencer talvez a mãe.

Faz um signal à porta do F. Entra Margarida.

Silencio!
Não tarda. A Infanta, illusa mãe, convence-o

A não esmorecer na perigosa senda,
O convocar do rei não despedaça a venda
Fatal, que lhes encobre as sombras do porvir.
Talvez o amor consiga, a espaços, entreabrir
Esse illusorio veu.

MARGARIDA, *passiva*.

Talvez!

MENEZES

Deus vos proteja!

Adeus!

Sae.

SCENA VII

MARGARIDA, *sl.*

Lucta de amor! Phantastica peleja!
Orgulhos, ambições, odios, furor, vinganças,
Medonhos temporaes soprando sobre as manas
Ondas do meu viver! O monstros de vermelhas
Fauces, a sacudir as rubidas scentelhas
Da pavorosa juba! Ah! vejo-vos erguer
Contra mim, contra mim, miserissima mulher,
Dos ultimos confins do lobrego horizonte!
Nimbos que vêm rugir sobre esta debil fronte!
Raios que vêm ferir-me o pobre coração!
Como lactar, eu só, contra a feroz legião
Que pretende roubar-me a vida que contem

A minha vida inteira? Horror! Se o amor de mãe
Impelle inda a torrente infame, estrepitosa,
Do crime e da paixão. Aliança criminosa,
Em que o fulgor do ceu na escuridão se perde,
E se transforma enfim na luz sinistra e verde
Dos antros infernaes? Como hei de eu pois vencer
Co' meu amor sómente!...

Vendo o duque que entra pela E.

Ah! Deus!

SCENA VIII

O DUQUE, MARGARIDA

DUQUE, *surprehendido e surto.*

Que vens buscar aqui?

És tu, mulher!

MARGARIDA

A tua salvação!

DUQUE

Vens immolar o amor nas aras da traição!
Vens proseguir na sombra a tua espionagem,
E abrir, mais funda ainda, a lugubre voragem
Debaixo dos meus pés.

MARGARIDA

Que dizes tu?

DUQUE

Serpente
Que em teus brandos anéis apertas fortemente
Um coração incauto... Ah! vai! Tua presença
Faz-me crescer no peito as sombras da descrença!
Vae-te, fuge, mulher! Atraves-te inda assim,
Fementida e perjura, a surgir ante mim!

MARGARIDA

'Stás louco, meu amor!

DUQUE

Ah! não estou louco, e tanto
Que te olho sem temor... Bem vês! quebrou-se o encanto!
Tu falseaste a honra, o amor, a fé jurada...
Ah! pois não poderei banhar a minha espada
No teu sangue infam! Foge de mim! seião
Succumbirei talvez á horrivel tentação!

MARGARIDA

Assim fosse, oxalá! Dada por ti, a morte
E benção para mim! Mas quem poderá impor-te
Tão fúnebre missão! E' justo se derrame
O meu sangue innocente!...

DUQUE

Ah! zombaria infame!

Quem divulgou sem pejo o mysterio fatal
Da conjura? Quem foi junto ao throno real
Depor o meu segredo, e erguendo a debil voz
Oú' recer minha frente ao castello do algar?

MARGARIDA

Ah! cala-te!

DUQUE

Jamais! Vibora! Hei de esmagar-te!
Por tua causa, talvez, em breve, em toda a parte,
Ha de uivar o furoz, gemer a desventura,
Abrir-se para os bons a negra sepultura...
Ah! pungo-te o remorso? Em teu vil coração,
Que elle possa lavar, surge como um vulcão,
E consumir sem dó tua alma fementida.

MARGARIDA

Não condemnes assim quem salva a tua vida!
Escuta, meu amor! Eu prostro-me a teus pés!
Sim! criminosa sou de extranha insensatez!
Ah! vi surgir fatal vingança sobre ti,
E por salvar-te a vida... o teu amor perdi!
Escuta-me! perdôa á tua pobre amante,
Ah! tu não sabes, não! Ansiosa e supplicante,
Colloquei-me entre ti e o braço que se erguia
Contra o teu peito... Vê que horrivel agonia!
Era o de meu irmão!... E todo o meu passado
De virtude e pudor levantou-se a meu lado
Alim de te esmagar... Então, perdida, louca,
O segredo fatal surgiu da minha boca,
E julgues desarmar a fraterna vingança
De um fulgido porvir pela figueira esp'rança.

DUQUE

Insensata! insensata!

MARGARIDA

Ah! sim, meu bem! perdão!
 A tua dor prolonga a minha expiação!
 Bem depressa julguei sentir no olhar fraterno
 Não sei que vaga luz que reflectia o inferno...
 Gerao talvez o amor a librega suspeita,
 Tenebroso reptil que em seus aneis estreita
 Um coração que teme... Ah! desde então, combate
 Por vencer no meu seio um terror insensato!
 A guardar-te do mal, vi-me inerte e sózinha,
 E foi então—meu Deus!—que o vulto da rainha,
 Minha irmã pelo amor, minha igual pelo pranto,
 Surgiu perante mim, e sob o rego manto,
 Onde tu vias só as sombras da traição,
 Quis procurar a luz da tua salvação.
 Eis o meu crime, sim! fui leviana e fraca,
 Fui amante e mulher. O meu amor aplaca
 O negrume cruel da minha falta: assim,
 Deixa que o teu perdão apague dentro em mim
 Este fogo infernal que sem piedade lava
 Na minha alma.

DUQUE

Deus meu! vacillo!

MARGARIDA

Uma palavra

De perdão e de amor!...

DUQUE, muito commovido.

De amor!...

Com dolorosa sôbre.

Que vil argilla

Me formou, que é bastante a luz de uma pupilla
 Amante e lacrimosa, ah! para n'um momento
 Consumir no meu cráneo um forte pensamento,
 Sobre o qual se ergueria o mundo inteiro, como
 Sobre o fulcro do sabio? Ah! que fraqueza tomo
 Do pranto femiñil, que as mais altas idéas
 Se deixam arrastar n'essas lagrimas, cheias
 De branda languidez! Debalde me revolto...
 Não me é dado gelar o meu coração, solto
 Das enlevas do amor... Sempre vencido!

A Margarida.

Ao ver-te,

Prostrou-me a tua acção sobre a minha alma inerte,
 Dissipou-se o rancor... Terrível desespero!
 Enubla-se a ambição... Embora! apenas quero
 Amar e perdoar... Mulher de meigo encanto,
 Dá-me a luz n'um sorriso, apaga esse teu pranto...
 Vem inundar de amor minha alma sequeada!

MARGARIDA, deixando-se de um traço.

Minha vida!

DUQUE

Por ti, pela queixa amorosa

Dos teus labios gentis, por teu alento calido,
 Esmorece o porvir, como o phantasma pallido
 Que se evaa aos clardes da aurora. Mas que importa!
 Grato arbusto que sobre a minha ambição morta
 Reverdece e se inflora!...

MARGARIDA, *acima*.

Ah! crês, meu bem, sepulta
Essa ambição fatal? Como este peito exulta!
Só a mim, só a mim, d'ora avante pertence
O teu pensar... Repete o que disseste: vence
As trevas da passada angustia c'ó vislumbre
De um futuro de amor radiante, que deslumbre
Minha alma torturada.

DUQUE, *transportado*.

Oh! doce amor! mysterio
Que a natureza encieira... Oh! meigo refrigerio
Dos tormentos da terra... Almo sorrir do ceu!
Eis-me aqui! Eis-me enfim! Envolve-me! sou teu!

MARGARIDA

Não te deixes banhar nas ondas do delírio.
Tem ciúmes de nós, escuta! o proprio empyreo!
E' cruel desviar dos sonhos do futuro,
Luminosos e bons, para o presente escuro
O nosso olhar, bem sei. Porém perto de nós
O destino ameaça...

DUQUE, *como acima*.

E' rude a tua voz
Que não falla de amor!

MARGARIDA

Acima esse transporte...
Espreita-nos a dor... ah! sim! talvez a morte!

DUQUE, *como acima*.

A morte... no pé de ti! na cinta dos teus braços!
Nos estos da paixão ver afrouxar os laços
Que nos prendem á terra... Oh! delirante esp'rança!

MARGARIDA

Vejo o estrado fatal que o duque de Bragança
De sangue avermelhou... Desconfia de si-rei!
Não lhe obedças, não! Eu tudo preparei
Para que em breve tempo, em terras de Castilla,
Possa fulgir mais pura e mais formosa a estrella
Do nosso amor! A fuga, eis a luz do porvir!

DUQUE, *quasi delirante*.

Fujamos, sim, meu bem!

SCENA IX

O DUQUE, MARGARIDA, A INFANTA

INFANTA, *que, á porta da E., tem escutado as ultimas palavras*.

Quem falla de fugir?
Quem se atreve a lançar um funebre labco
Sobre o escudo leal dos duques de Vizcu?
Meu filho, que mulher é esta que suscita
N'essa alma generosa uma intenção maldita?

Quem ousa despertar os ecos solarengos
Para o nome aviltar de egrejos avocengos?
Responde: que mulher é esta?

DUQUE

Minha mãe,

Perdoae-me...

MARGARIDA

Quereis saber quem sou? Alguem
Que entre as sombras vigia, enquanto o vosso olhar
Deixa um filho á mercê de revoltoso mar!
Alguem que encontra força, em seu amor profundo,
De lutar contra um sceptro e combater um mundo!
Que ha de arrancar emfim o amante que a seduz
Das mãos do orgulho vão que á perdição conduz!

INFANTA, *amargada.*

Tocaste, filho meu, no fundo tremedal;
Vês? o lodo salpica a face maternal.

DUQUE

Ó minha sobre mãe!

MARGARIDA, *como acobrada.*

Ah! que disse eu? Senhora,
Fui temeraria e má! Aos vossos pés agora
Humilho-me! Este amor que a minha alma transporta
Offuscou-me a razão... Perdoae-me!

INFANTA

Que importa

A uma filha de reis a paixão impudica
Que a seu egregio filho uma viúva dedica?
Póde acaso este affecto insano e pervertido
Ao de leve roçar-me a fimbria do vestido?
Filho, levanta a fronte! ah! no materno amplexo,
Ha de apagar-se n'ella o pallido reflexo
Da falta juvenil. Perdoe-te, meu filho,
Ter deixado empanar, um instante, o puro beinho
Do nosso alto brazão, ao calido bafejo
De um culpavel amor. Tu vaes partir...

DUQUE, *estremecido.*

Lampejo

De ineffavel ventura, ah! breve te extinguiste!

Á Infanta.

Sim, parto! Um coração ativo não resiste
Aos proceitos da honra! Adeus!

MARGARIDA, *com voz energica.*

Não partirás!

INFANTA

Impudente!

DUQUE, *a Margarida.*

Perdão, ó meu iris de paz!
Impelle-me o dever!

MARGARIDA

Reclama-te a voragem!
 Não! não pôdes partir!... Meu Deus! dá-me coragem!

À Infanta.

Vós, senhora, sois mãe, não me expulsaes, ouvi-me!
 Ah! deixai-o partir é quasi... quasi um crime!
 Desfiaes o semblante! Oh! tudo se levanta
 Contra mim... contra elle... elle, senhora Infanta!
 O vosso nobre filho, o filho idolatrado,
 Em quem resurgirão as glórias do passado!...
 Não védes? Estaquei das lagrimas a fonte,
 E nem um clarão só que no meu ceu desponte!
 Piedade!... Vós sabeis! El-rei é bem cruel,
 E recio que veja apenas um ravel
 Em Diogo... perdão! no snher Duque... Vêde
 Como ás vozes do amor meu labio cusado cede!
 Não desprezeis, senhora, o meu sinistro augurio;
 Que eu sinto ao longe erguer-se um funebre murmúrio
 De soluços de dôr, de nenas, de lamentos
 Que me fallam de morte... Oh! negros pensamentos
 Que não logras cobrir da vossa densa nevoa
 Um coração de mãe... Oh! minha dôr! eleva-a
 Debalde aos vossos pés... Não me attendeis!

As Duques.

Meu bem,

Ouve-me tu!

INFANTA

Mulher, silencio!

DUQUE

Minha mãe,
 Não fulminis sem dô essa alma transparente,

Atravéz da qual passa a luz do amor ardente.
 Como acima da chamma o fumo se enovela,
 Assim sobre esse amor o asombro se revela.

A Margarida.

Louco terror o teu! Não! nada me condemna!
 E meu dever partir! O teu olhar serena,
 Ah! não temas por mim, não descreias do ceu!

INFANTA

Vai, meu filho!

MARGARIDA

Não vás! O horrível escarceu,
 Sinto-o rugir ao longe! Oh! não, não partas!

INFANTA

Basta

D'este ignobil combate! Urge partir! Afiasta
 Teu generoso olhar do tabido paul,
 E crava-o sem temor na profundez do azul!
 E ali que scintilla a estrella do dever!
 Nem sorrisos de amor, nem prantos de mulher,
 Podem toldar-lhe a luz! Ela, meu filho, parte!

DUQUE

Vou partir, minha mãe! Adeus!

MARGARIDA, deita o violentamente, abraçando-se a elle.

Hei de enleiar-te
 Nos meus braços leaes de rustica plebeia!

Influir-te no sangue o fogo que se atea
Dentro em mim, e collar meus labios abrazados
Aos teus labios, até que, unidos, enlaçados,
Fulgemos vêr a luz na escuridão medonha
Do sepulchro.

DUQUE

Por Deus! oh! cala-te!

INFANTA

Vergonha!
Estremecem de horror estas altivas cãs,
Quando escuto essa voz, clamor de barregãs,
Que os echos do solar nem ousam repetir.

MARGARIDA, *estremecendo.*

Meu Deus!

DUQUE

Ó minha mãe!

A Margarida.

Perdió!

MARGARIDA, *ombria, afastando-se d'elle.*

Pódes partir!

Aponta para a Infanta.

O inferno te condaz!

INFANTA, *com estira.*

VIII!

O Duque precipita-se nos braços, como para evitar a afronta.

Mais puro e forte

Voltará, filho meu!

MARGARIDA, *ombria.*

Não se volta da morte!



ACTO V

O REI CARRASCO

Casa do guarda-roupa no palacio de Setubal. Simples e desadornada. Armarios em volta. Por mobilia, apenas algumas cadeiras singellas, um preguiceiro almofadado, uma meza a um dos lados da scena, sobre esta meza uma lampada accesa. E noite.



SCENA I

A RAINHA, D. MANUEL, ANTÃO DE FARIA

RAINHA

Mandastes pois, Antão, essa real mensagem?

ANTÃO

Como ei-rei offendeu, senhora.

RAINHA

Tornou o mensageiro? Da viagem

ANTÃO

Ha largo tempo.

RAINHA

E depois?

Bem!

ANTÃO, admirado.

Nada mais!

RAINHA

O duque?

Dizei-me: acaso vem

ANTÃO, com certo espanto.

Pois se el-rei ordenou!

RAINHA, comigo.

Deus! valci-me!

Ato.

Mas não julgaes, Antão, que o duque talvez teime
Em não se aproximar de Setúbal?

ANTÃO, no caminho do espanto.

Senhora,

Perdoe-me Vossa Alteza; inda repito agora:
Foi mesmo el-rei, el-rei quem ordenou.

RAINHA, impaciente.

Já sei!

Graças, Antão!

ANTÃO, inclinando-se.

Senhora...

Agora.

O quê! não vir?... Se el-rei

Foi quem mandou!

Sabe.

SCENA II

A RAINHA, D. MANUEL

RAINHA

Bem vês, irmão! cresce o perigo!

Afim de o conjurar reune-te commigo;
Que o nosso duplo esforço e o nosso amor desfaça
Da colera real a secreta ameaça.

D. MANUEL

Porém como!

RAINHA

Nem sei! Busquemos junto d'elle

Desviar o furor que um forte braço impella.
Defendamos o nosso estremitado irmão.
Com palavras de amor, no regio coração,
Tentemos accordar a clemencia supita,
E chamar sobre nós a colera que agita
Aquella alma de bronze, antes que se levante
Sobre um cepo sombrio o ferro coruscante.

D. MANUEL

Desviar sobre nós?... Temeridade louca!
Desafiar o raio, acercar-se da boca
Hiante do vulcão... Ah! nunca! Deus vos guarde,
irmã, de tal pensar!

RAINHA

Que hesitação cobarde!
E heutam phrases taes de uns labios varonis,
Córados pelo sangue enérgico de Aviz!
Nem procuras sustar, por nobre sacrificio,
Das vias fraternaes o borbulhar puniceo!
Cuidado, meu irmão! que alguma subra gota
Possa vir salpicar-te o peito, onde se embota
O estímulo da honra!

D. MANUEL

Um sacrificio vão!
Demais, nada ameaça agora meu irmão!

RAINHA

Porque o chamou el-rei?

D. MANUEL

Quem poderá dizer-m'o?
Segredo em que faz mal tocar... Sinto-me enfermo
Além de tudo... Vou repousar...

RAINHA, com amarga ironia.

É fortuna

Propicia que vos fez mercê d'essa opportuna
Moéstia...

D. MANUEL

Ceus! el-rei!

SCENA III

EL-REI, A RAINHA, D. MANUEL,
ANTAO DE FARIA

EL-REI, a Antão.

Antão, não vos esqueça!
Sem delongas convem chamar D. Pedro d'Elça,
Lopo Mendes do Rio e Diogo d'Azambuja.
Quanto ao duque...
Fica pensativo.

RAINHA, aparte.

Meu Deus! permiti que elle fuja
Á fatal entrevista!

EL-REI, trancando a porta.

Esperemos! Podéis

Retirar!

Antão sai. — El-rei vê a Rainha e D. Manuel.

RAINHA, *amargamente.*

Ainda no teu peito
 Pude encontrar lugar outra paixão... e tanto
 Que não couberam lá as bagas do meu pranto.
 Ah! não se extinguiu, não! essa paixão funesta,
 Que me enlactou a vida, e hoje se manifesta
 Ainda n'esse amor que votas ao bastardo,
 E roubas porventura ao nosso filho... Ah! guardo
 Hoje duplo em minha alma o fogo do ciúme:
 Sim! por elle e por mim! Mas vós! sobre esse lume
 Quero lançar o olvido... E quero entre os meus braços
 Amorosos ligar pelos fraternos laços
 O nosso filho e o teu...

EL-REI, *surprehendido.*

Que dizes tu?

RAINHA

Previno

Teu secreto desejo.

EL-REI

Ao filho adúlterino
 Darás conforto e lar?

RAINHA

Por teu amor, elle ha de
 Dissipar-me o rancor pela maternidade.

EL-REI

Sê bemdita!

RAINHA

Mercê de Deus, que vejo emfim
 Teu brando olhar fixar-se, amante, sobre mim!
 Ah! como eu o buscava ha longos tempos, avida
 D'esse orvalho de amor sobre a minha alma pavidal!
 Quero dizer-te agora, ó meu esposo, quero
 Abreir-te o coração... O teu olhar severo
 Assustava-me tanto! Ah! que terror sentia
 Ao ver sobre o teu rosto essa nuvem sombria!
 Escuta! eu recejava—ah! que loucura a minha!—
 Que o teu resentimento, ha muito extincto, vinha
 Pairar de novo sobre a fronte juvenil
 De meu irmão...

EL-REI, *estremecido.*

De vosso irmão!

RAINHA

Vê quão subtil
 Penetrou na minha alma a lugubre poçonha
 Da suspeita... Surgiu uma visão medonha
 Que me seguia sempre e sempre, e em toda a parte.
 Era o poder real—nem ousou confessar-te—
 Mergulhando a nobreza em vasto mar de sangue.

EL-REI, *impresionado.*

De sangue?

RAINHA

Sim... perdô! Hoje, minha alma languê
 Perante essa visão de horror!... Negro phantasma...

Expulsa-o do meu acio! Algida larva! faz-m'a
Tu olvidar, esposo! Uma palavra tua
De conforto, de paz, de amor, que restitua
Alento ao meu cansado espirito.

EL-REI, irritado.

Quem poz,
Senhora, na vossa alma esta visão atroz?
Quem vos persuadiu que o Duque de Vizeu
Era suspeito ao rei?

RAINHA, muito perturbada.

Ninguém... delirio meu...
Um insano terror... que se apossou...

EL-REI, irritado.

Cuidado!
Porventura a traição vem sentar-se a meu lado
Sob o regio doce! Senhora, respondei:
Sois irmã de um traidor ou esposa sois d'el-rei?
Ah! dizei-o, por Deus! respondei-me, senão,
Ovill! posso quebrar n'esta robusta mão,
Como se quebra um vidro, o falgido diadema
Que eu puz na vossa fronte! Ah! que a vossa alma trema
Ante o regio furor! Senhora, de joelhos!
Jurar perante mim e sobre os Evangelhos
Que nada conheceis de crime e rebeldia
Contra o vosso sob'rano... e contra a monarchia!
Jurae!

RAINHA, de joelhos, aterrada. Aparte.

Oh! Deus do ceu!

EL-REI

Jurae, que o manda el-rei!

RAINHA, vacillante e quasi desfallecida.

Ah... sim... jurar... quereis...

Com resolução repentina, saltando um grito de angustia.

Juro que nada sei!

EL-REI, com furor concentrado, agarrando-lhe o braço
e levantando-a.

Ah! perjura vil! O calice transborda
Finalmente!

Com riso estridente.

Imbecill! que obrigas a vil horda
Dos assassinos meus sob o teu manto! quem
Foi que á morte roubou, no paço, em Santarem,
O cobarde revel que me trazia a morte?

RAINHA

Ah! piedade... não fui...

EL-REI

Miseravel consorte!
Quem foi que atraigou o esposo, sobrepondo
Ao thalamo o fraterno amor?

RAINHA

Nunca! respondo
Que nada sei... que é tudo um triste sonho teu...

EL-REI

Sonho, dizes, perjura! Um sonho! Pelo céu
Que a muitos ha de ser horrivel pesadelho!
Vae-te! que o teu olhar irrita-me só vel-o
Cheio de infame dô pelos vis instrumentos
Do crime e da tração! Vae! dos teus aposentos
Hoje não sahirás!

o rei sahe-se aterrorizado perante o braço e o olhar do rei, e, para lateral, promette a este último, a uma repentina e inesperada transição a rei toma uma das mãos da rainha, e impellido-a para si, tenta disfarçar a commoção resultante da scena silenciosa que acaba de passar-se.

SCENA VI

EL-REI, A RAINHA, O BISPO DE EVORA

BISPO

Perdão, senhor! julguei
Que não estaveis aqui!

EL-REI, *com voz placida.*

Entrae! Junto de el-rei
Sempre bemvindo sois, D. Bispo!

BISPO

Senhor, vinha,
Zeloso, confortar sua alteza a Rainha
Co'a palavra de Deus!

EL-REI

Ah! sim! podeis fazê-lo!
Deus bendirá, como eu, vosso incansavel zelo!
D. Bispo, permiti! Eu mesmo vos exhorto
A trazerdes a paz, o jubilo, o conforto,
Ao puro coração da minha amada esposa.

RAINHA, *aparte, com pungente amargura.*

Dar-me conforto e paz! que irrisão monstruosa!

BISPO

Graças, senhor!

EL-REI

Segui-a aos aposentos seus.

Rato, á Rainha, amargado.

Nem uma phrase só d'este colloquio!

RAINHA, *aparte.*

Deus!

EL-REI, á rainha, *carinhosamente.*

Ide, esposa adorada! Em santas mãos entrego
O thesouro de amor, que fulge sobre o pégo
Das tremendas paixões, que rugem tormentosas
Em derredor de um throno.

BISPO

As palavras piedosas

São como sobre o mar a chuva: manda-a Deus
Para o vento apaciar, domar os escarceus.

of raiha.

Eis-me, senhora minha!

RAINHA

Ah! meu padre!

EL-REI, *batido, d' raiha.*

Se o prelado souber o que eu te disse aqui,
Ai de ti,

Alto.

Esposa minha, adeus! Na tua meiga prece
Recorda o esposo teu, sim! que já mais te esquece.
Vae!

ao Bispo.

Deixa-me beijar o sacrosanto anel.

Beija o anel episcopal.

BISPO, *abrestando-o.*

Eis a benção de Deus!

RAINHA, *aparte.*

Que horror!

São d' Raimão e o Bispo.

SCENA VII

EL-REI, *depois* FERNÃO MARTINS

EL-REI, *surrida com sarcasmo.*

Mais um revel

Vem collocar agora a mitra da cabeça
Sob o ferro do algoz! Urge que eu agradeça
Ao Eterno que protege os meus occultos fins.
Chama-te a morte já, bispo!

Fica pensativo um momento; depois chama.

Fernão Martins!

MARTINS, *avanzando ao R.*

Meu senhor!

EL-REI

E' preciso—ouvi!—que ninguém saia
Dos quartos da Rainha. A porta, vigia-o
Com dois guardas fiéis. Ninguém saia! ninguém!
Nem mesmo sua alteza! e se tentar alguém
As ordens violar... vindo logo dizer-m'o!
Quanto a D. Manuel...

Com muita ironia.

Ah! esse jaz enfermo!
Ide!—Chamae tambem o frade que me aguarda.

Fernão Martins sai.

SCENA VIII

EL-REI, depois DIOGO

EL-REI

Esperemos o meu bom primo! Já me tarda!

Entra Diogo Timon, sempre disfarçado em frade franciscano.

Que novas me trazeis, Diogo?

DIOGO

Meu senhor,
 Perante vós só trago o meu profundo amor.
 Trahiu-me minha irmã! — Como em meu peito lava
 A febre da vingança! — Ah! nem uma palavra
 Tenho podido obter dos seus impuros lábios.
 E os meritos do crime — estou seguro! — sabe-os,
 Inda que hoje simule ignorancia, a villã!

EL-REI

Desconfia de vós, talvez, a vossa irmã?

DIOGO

Assim creio, senhor!

EL-REI, aparte.

Demónio!

DIOGO

Apenas sei
 Que outro revel se uniu á criminosa grei.

EL-REI

Quem fô? como o sabeis?

DIOGO

Uma noite sombria,
 Lobeiguei junto á Igreja o bispo D. Garcia
 F. Guterres Coutinho. Eu consegui, no escuro,
 Ao loogo resvalar do já vetusto muro,
 E pude ouvir então da extranha conferencia
 Algumas pbrases só. Fallavam com prudencia
 De D. Vasco Coutinho, o irmão de D. Guterre.

EL-REI

Ah!

DIOGO

Dizia Coutinho: «Homens que el-rei desterre
 Pertencem-nos decerto. Assim podeis contar
 Com meu irmão.» Quedou-se o bispo a meditar,
 E após: «Muito me doe o cabelo de Vasco!»
 Eis o que ouvi.

EL-REI, *aparte*.

O bispo illudiu-se! Ao carrasco
 Não pertence esse tal!—Pertence ás trevas mudas
 Onde soffre Cain, onde agonisa Judas!

Alto.

E... nada mais sabeis?

DIOGO

Não, meu senhor.

EL-REI

Diogo,

Stou contente de vós. Que pretendeis?

DIOGO, *hypocritamente*.

Eu rogo

A Vossa Alteza dê ao minimo dos servos
 Cargo de vos amar, jus para defendei-vos.

EL-REI

Sim! recompensarei com prodiga largueza
 O vosso zelo!

Despedido-a.

Deus vos guarde!

DIOGO, *beijando-lhe a mão*.

A Vossa Alteza

Rendo graças, senhor!

Sae.

SCENA IX

EL-REI, *só*.

*Fica olhando algum tempo para a mão que foi beijada por
 Diogo, e diz em voz baixa e como esmagado.*

Que peçonhenta baba!

De tal modo, meu Deus! uma traição desaba
 Entre as sordidas mãos de mais ruins traidores.

Com voz esmagada.

Oh! mas que importa! Agora, outros conspiradores,
 Ides ver como um rei transforma em vis farrapos
 Essa teia villã, e como a immundos sapos
 Vos esmaga tambem! Rebelde! Ides ver
 Que de um banho de sangue o sceptro se ha de erguer
 Mais dourado e fulgente!

Com voz apalmeada.

Ó gloria que eu já sonho,
 Has de apagar no throno esse laivo medonho
 Que o meu punhal gravou! Não é verdade, ó gloria!

Não ha de sobre mim jorrar a luz da Historia,
Quando eu poder erguer, co'a minha mão possante,
Acima das nações esta nação gigante?
Ó minha patria! ó meu soberbo Portugal!
Como é bello o porvir! O mundo oriental
Choverá sobre ti riquezas e perfumes,
Fóros de mil sultões, e joias de mil lumes!
E no entretanto os teus heroicos marinheiros
Hão de vencer o mar, intrepidos obreiros
Do teu poder immenso! Aos mysterios profundos
Do temeroso Oceano, hão de arrancar os mundos
Guardados por ciumento olhar de Deus! Veneza,
Castella, o globo inteiro, ante a nossa grandeza
Extaticas, virão curvar-se a nossos pés!
E d'um 'té outro polo o nome portuguez
Retumbará tremendo, assim como se fôra
A propria voz do Eterno! — Ó luz inspiradora
Que me rasgas, clemente, as sombras do futuro!
Não me abandones, não! Que o teu fulgor, tão puro
Como os raios do sol, enche o meu amplo peño
C'os soberbos clarões da força e do direito!
Ah! purifica a nodosa atroz que vac manchar
Os degraus do meu throno! E da crepuscular
Sombra que ora me invade, ó meiga inspiradora,
Faze brotar a luz esplendida da aurora!

Fica pensativo — Um momento de silencio.

Pois que! hão de cair os magicos destinos
Da minha patria sob as mãos dos assassinos?
Tal não permittirei... nem Deus! Familia e lar,
Affectos, compaixão, sim! tudo hei de calçar
Sem remorso ou temor! Tudo isso quanto val'
Junto á gloria e ao poder do altivo Portugal?
E quando o mundo ler o meu pensar ingente,
Ah! quanto eu fui cruel, patria, serás clemente!

Antão apparece ao F.

SCENA X

EL-REI, ANTÃO DE FARIA

ANTÃO

Vossa Alteza permite?

EL-REI

Ah! sois vós?

ANTÃO

Meu senhor,

É já chegado ao paço o senhor duque...

EL-REI, estremeceudo. Á parte.

Horror!...

Desventurado! incauto, á morte se encaminha!

Alto.

Os nobres que eu chamei?

ANTÃO

Stão na sala vizinha.

EL-REI

Conduzi-os aqui.

Antão sai.

SCENA XI

EL-REI, depois ANTÃO DE FARIA, D. PEDRO DE EÇA E MAIS DOS CORTEZÃOS (*Lopo Mendes do Rio e Diogo d'Azambuja.*)

EL-REI, st.

Inda vacillo!

Com força.

Não!

É forçoso poupar mais uma execução
De um príncipe de sangue! A plebe vil murmura!
Talvez queira serançar à negra sepultura
O príncipe traidor... e erguer a guerra adunca
Para o throno real!... Não, miseráveis! nunca!
Que o destino se cumpra, e o sceptro permaneça
No meu punho viril!

Entra Antão com Eça, Lopo Mendes e Azambuja.

Ouvi, D. Pedro de Eça,
Lopo Mendes, Diogo! Alguma coisa extranha
Se vae passar aqui; acto de incrível sanha,
Mas justiça fatal. Por testemunhas pois
De tal acto escolhi a vós. Honrados sois,
Valentes e leaes. Testemuhae, isentos,
Do que se vae passar dentro em poucos momentos.
Aguardaréis illi a minha vinda.

Aponta para a camera da R.

Antão,
Introduzi o duque. E direis a Fernão

Martins que ha de guardar aquella porta.—Vamos!

Aponta para o F. Saem el-rei, Eça e os dois cortezãos pela R., Antão pelo F. Este ultimo volta logo com o duque da Viga.

SCENA XII

O DUQUE, por momentos ANTÃO

DUQUE, *aparte, olhando para Antão.*

Este aulico sinistro!...

Alto — Olhando curiosamente em volta de si.

Antão, onde é que estamos!

ANTÃO, *curioso-se com respeito.*

Esta sala é, senhor, o guarda-roupa.

DUQUE, *estremecendo.*

Ah! sim!

O guarda-roupa!

Bruscamente.

Bem!

ANTÃO

Por ordem regia vim

Conduzir-vos aqui.— Senhor, Vossa Excelência
Tem ordens para dar-me?

DUQUE

Eu?... não!

estado sus.

Coincidência

Fatal!... Sim! foi também no guarda-roupa regio,
Em Evora, que el-rei mandou prender o egregio
Fernando de Bragança! E este funebre Antão
De Faria o guardou na insolita prisão!
Oh! como em minha mente a lugubre lembrança
Faz surgir ante mim o espectro de Bragança,
Pallido e mudo, ergoendo em descarnado punho
A sangrenta cabeça, altivo testemunho
Da colera real! Foge, sinistra larva!
O teu medonho olhar parece que me escarva
O triste coração! Teu gesto extranho e rude
Esmaga esta minha alma, assim como na inco.de
O martellar do ferro! Horrifica visagem,
Não roubes ao meu peito a sombria coragem!
Foge, visão fatal!— Não! sobre a minha frente,
Deus! não permitirás que o carrasco se aprompte
A vibrar o cutello! Os olhos do monarcha
Podem talvez ver n'ella a tenebrosa marca
Da rebelião. Mas esses expertos olhos
Hão de descortinar os funebres escolhos
Onde uma execução irá levar o throno!
Sim! meu primo! julgaes talvez que me abandono
Com desleio imbecil ao ferro do verdugo!
Não! por detraz de mim, sob o tremendo jugo,
Um povo inteiro soffre, e em mim confia o povo!
O cadafalso vil não se erguerá de novo,
E o ferro que bebeu o sangue de Bragança

Não ha de vir cortar a derradeira esperança
Da nobreza e do reino.

Passivo.

E comtudo estremeço!
Recesce em mim não sei que indefinido accesso
De duvida pungente!— Ó Deus, Deus, que me escutas,
Dize-me, ó justo Deus! N'estas fervidas luctas,
Acaso me guiou somente o lume vião
Que ateava em minha alma o vento da ambição?
Acaso fui leal? ou fui acaso injusto?
Na duvida cruel, Senhor, eu barafasto!...
Que um só raio de luz divina me esclareça
Antes que eu comprometta a juvenil cabeça...
—Urge em tudo pensar!—entre as garras da morte!
Sim...

Vendo el rei que apparece á porta da E. consigo.

Pára, coração! Ah! é mister ser forte!

SCENA XIII

EL-REI, O DUQUE, EÇA, LOPO MEDES DO RIO E
JOGO D'AZARBUJA.

Entre tres ultimos ficam junto á porta da E.

EL-REI, afastando-se pára o duque.

Primo...

DUQUE, *aproximando-se de el rei.*

Primo e senhor!

Beija-lhe a mão. Deparando com os tres á E. A parte.

Aquellas tres estatuas!...

EL REI

Ouvi, primo, a razão por que vos chamo.

DUQUE, *aparte.*

Apprehensões! Ah! sim! nada suspeita el-rei!

EL REI, *como hesitante.*

Vou dizer-vos...

DUQUE, *aparte.*

Contudo, inspira-me não sei
Que indizível pavor dos tres o negro vulto!

EL REI, *aproximando-se. Mas baixo.*

Uma duvida tenho a resolver... Consulto
O vosso bom pensar.

DUQUE

Honras-me!

Aparte.

Minha alma que temer.

Nada tem

EL REI, *baixo, como se tomasse uma sobre a resacação.*

Vos quizesse matar?

Que farieis a quem

DUQUE, *rapidamente.*

Eu?... matava-o primeiro!

EL REI

Foi mais que a tua mão teu labio justiceiro:
Como juiz e rei, preferiste a sentença.

Arranca de um pouch e crava o sigarozinho sobre o coração do duque.—Acendem os tres cortiços a sentença.

DUQUE, *combateando, em voz baixa.*

Rei carrasco... maldito...

Com morte nos braços de Diogo d'Aguiar e Lopo Mendes, que conduzem o cadaver para sobre o precipicio alme-jalado.

EL REI, *aos tres, friamente.*

O que em vossa presença

Agora se passou, ides testemunhar,
Sem pejo, ante o juiz.

of. Eça.

D. Pedro, ide chamar
O camareiro Antão de Faria.

Eça vai ao F., fallando para fora. El rei, aparte.

Final
E' muito mais prudente e commodo o punhal
Que o cadafalso.

Olhando para as mãos.

Nem mesmo fiquei manchado
De sangue.

Entra Antão de Faria.

SCENA XIV

OS MESMOS, ANTÃO DE FARIA

ANTÃO, *que entra depressão, deparando com o cadaver.*

Deus do ceu!

Recua espantado.

EL-REI, *muito tranquillo.*

Que é isso, Antão? Cuidado!

Staes tropego...

ANTÃO, *disimulando a sua turbção.*

Senhor, perdão!

EL-REI

Foram cumpridas

As minhas ordens?

ANTÃO

Sim, meu senhor. Expedidas
As ordens de prisão; já cerradas as portas
Da villa.

EL-REI

Bem! Mandae, por estas horas mortas,
Arzutos pregos temerosos pregões,
Por que não se dê couto aos rebeldes villões.
E o bispo?

ANTÃO

Confiado á guarda de Fernão.

EL-REI

Convocae o juiz sem detença, e o escrivão
Da camara, fazer um auto sobre a morte
Commettida aqui mesmo. O juiz que se reporte
Aos testemunhos dois de D. Vasco e Tinoco,

Que mandareis chamar. E venha dentro em pouco
 O senhor D. Manuel fallar-me. Ide.

Aiúdo sai.

SCENA XV

EL-REI, D. PEDRO DE EÇA, BISPO D'AZAMBUIA
 E LOPO MENDES DO RIO; FERNÃO MARTINS O
 BISPO DE EVORA, GUARDAS.

Fernão Martins apparece á E. com o bispo, cercado de guardas.

MARTINS

Senhor...

EL-REI

Quem vos mandou aqui?

BISPO

Ó rei, tu que ousas pôr
 Mão sacrilega sobre a mitra episcopal,
 Maldição sobre ti!

EL-REI

Bispo, a benção papal
 Me livrará do horror da tua excommunição!

BISPO

Alguem me ha de salvar!

EL-REI

Stá fria, inerte a mão
 Que devera partir-te as sólidas algemas.

Aponta para o cadaver. O bispo fica atterrado.

BISPO

Para onde fugiu Deus?

EL-REI

D. Bispo, tu blasphemias!

Os guardas tiram o bispo pelo E.

SCENA XVI

EL-REI, D. PEDRO DE EÇA, AZAMBUIA E RIO,
 D. MANUEL E O AJO D'ESTE.

*D. Manuel entra pela D., acompanhado pelo ajo.—Ao separar
 com o cadaver do irmão, recua espavorido e empallidado.*

EL-REI, com muito affecto e tristeza.

Vinde, D. Manoel. Que o funebre espectáculo

Não vos roube o valor; e que não seja obstaculo
Ao vosso amor leal esse cadaver muda.
Mais que vós, porventura, eu sinto o espinho agudo
Da saudade e do affecto a lacerar-me o peito.
Não foi odio ou rancor, nem um cuidado estreito
De sinistra ambição, que poudo conduzir-me
A extremos taes. Foi, sim, um pensamento firme
De justiça. Escutae! O vosso irmão tentou
Arrancar-me a existencia; essa mão que o prostrou
Tem lucto, e não remorso; o meu sereno olhar
Tem lagrimas de dor, não prantos de pezar.
Não fui eu que o matei, foi o seu proprio crime.
Sacrifiquei os meus affectos á sublime
Esp'rança que inundava este altivo paiz.
Vós, D. Manuel! erguei os olhos juvenis,
E crêde em meu amor. A casa de Vizeu,
Extingui-a a traição; mas não desappareceu
O sangue que gerou a vossa nobre raça.

Comença a sentir-se firme um cego historicista que augmenta gradualmente até ao fim da scena.

Honra-o quizo em vós. Se o crime despedaça
O nome de Vizeu, eu faço-vos mercê
Do ducado de Beja. E para que vos dê
A medida do meu amor, quero além d'isto
Conceder-vos, meu primo, o mestrado de Christo.

D. MANUEL, deixando-lhe a mão.

Graças, ó meu senhor!

A scena é violentamente interrompida pela entrada de Margarida, que apparece ao F. pallida, desgrenhada, e angustiada, brandindo nas mãos um punhal. E perseguida por Fernando Martins, a pella guardião da camera real. Elle tira-lhe a cova extrema serpeja, empunha D. Manuel, epanado, segura ainda a mão que alucina de beijar.

SCENA XVII

Os MESMOS, MARGARIDA, FERNÃO MARTINS,
GUARDAS, PAGENS, CORTEZÃOS, etc; mais tarde A
RAINHA.

MARGARIDA, em voz vibrante e sussurra a D. Manuel.

Cobarde! beija a mão
Que ha pouco assassinou teu generoso irmão!
Sentes sabor de sangue? E d'elle... não o creias!
Egual ao sangue vil que corre em tuas veias!

Vê o cadaver do duque e precipita-se sobre elle.

Aqui estou, meu amor! Possede a minha boca
Insultar-te inda alento!

Beija o cadaver.

MARTINS, a si só.

Essa mulher 'atá louca,
Meu senhor.

MARGARIDA, junto ao cadaver.

Ah! como és formoso, ó meu amante!
Abre o teu melgo olhar! Deixa que elle me encante
A vida amargurada, e cisa como um balsamo
Sobre o meu coração dilacerado... Exalça-m'o
Aos paramos de luz sublime, em que divraga
A tua alma... Não estás morto! Não!... Essa chaga,
Que se abre no teu peito, é tão pequena, tanto

Que não podes levar-te a vida... Em vão levanto
 Tua pobre cabeça... Em vão... De novo cae...
 Que hoeror! Morro, meu Deus!... Ó lagrimas, banhac
 O meu extincto amor!

Cae de novo sobre o cadaver.

MARTINS, a si só.

Sobre os degraus do paço,
 Armada de um punhal, o seu robusto braço
 Feriu de morte um frade, o frade que inda ha pouco
 Fallára a Vossa Alteza aqui.

EL-REI

Diogo Tinoco!

Aparte - Pensativo.

Mercê de Deus! poupei um frasco de peçonha!

MARGARIDA, erguendo-se irritado.

Matei a meu irmão! — Julgues que me convergonha
 O sangue fraternal disperso sobre mim?
 Vinguel o meu amor! Beilha, como um rubim
 Sobre vestes de gala, ah! cada gota rubra
 Que em meu pobre vestido o vosso olhar descubra.

Vendo o rei, em que parece não ter reparado até então.

Rei algoz! o teu manto, ah! tem largas ensanchas
 Para esconder ao mundo as sanguinosas manchas.
 O fraticidio, vê! ó matador egregio!

Não se tornou dos reis tremendo privilegio,
 Sente-se igual a ti meu animo plebeu;
 De ambos nós se desvia o olhar justo do ceu!
 E quando para nós se esconcarar o inferno,
 Juntos eternamente em soffrimento eterno,
 Satanaz ligará, n'uma braçada unica,
 O teu manto real e a minha humilde tunica!

EL-REI, a Fernando Martins — Com voz traspallia.

Julgo, Fernando Martins, que estaes deveras hoje
 Benevolo!

MARTINS, aos guardas.

Prendei-a!

MARGARIDA, ferozmente, brandindo o punhal.

A tocar-me! Ah! que ningtoem se arroje

Os guardas tiram espavoridos, ante o punhal ameaçador de Margarida. — Aparece a porta da E. a Rainha, trazendo pela mão seu filho, o príncipe D. Afonso, creança de nove annos. Margarida dirige-se ao rei.

Carrasco! Escuta os votos meus!
 Não te maldigo a ti, já te maldisse Deus!
 Maldigo o filho teu, maldigo a tua raça!

RAINHA, abraçando-se ao filho, doerosamente.

Meu filho!

EL-REI, aos guardas.

Pois que assim tremcis d'essa ameaça,
Eu proprio irei prendel-a.

*Dirige-se para ella. Todos os guardas o imitam, e sem cer-
ca-la.*

MARGARIDA

Ah! já não é mister!
Sobre o meu pobre amor extincto, eu vou morrer!
Fujo-te assim, algoz, mercê d'este punhal!

Corre a precipitar-se sobre o calceiro. Todos a ruidam.

EL-REI, passativo, á boca da scena.

Serei acaso enfim o rei de Portugal?



NOTA

Na representação do drama *O Duque de Viseu*, foram suprimidas as personagens de *Fernão da Silveira* e *Manuel de Mello*. Por conveniências de scena, outras pequenas alterações se fizeram no texto, ás quaes nos parece desnecessario o reportarmo-nos aqui.

TTT. CASTRO BRILHO. — 31 Rua de Cruz do Pau 31
LISBOA

